UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

MARIA BERNADETE MALERBO

A aprendizagem da busca bibliográfica pelo estudante de graduação em enfermagem

Ribeirão Preto

2011

MARIA BERNADETE MALERBO

A aprendizagem da busca bibliográfica pelo estudante de graduação em enfermagem

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental.

Linha de pesquisa: Educação em Saúde

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Katia Corrêa

Ribeirão Preto

2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte

Malerbo, Maria Bernadete
A aprendizagem da busca bibliográfica pelo estudante de graduação em enfermagem. Ribeirão Preto: EERP-USP, 2011.
133 f.

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências. Área de concentração: Enfermagem. Linha de Pesquisa: Educação em Saúde
Orientador: Corrêa, Adriana Katia

1. Comportamento de busca de informação. 2. Acesso à informação.
3. Bases de dados bibliográficas. 4. Competência em informação.
5. Enfermagem. 6. Estudantes de enfermagem.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Bernadete Malerbo

A aprendizagem da busca bibliográfica pelo estudante de graduação em enfermagem

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: ____/____/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. _____Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. _____Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. _____Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Em especial a você Mãe,

que deixou...

Marcas na Alma

Tenho marcas na alma, registradas com
calma, por tuas mãos de mulher nos cuidados,
silenciosos segredos e a materna certeza:
eu tenho alguém por mim e o meu mundo tinha
fim nos teus braços feito barco ancorado,
descanso sem fim.

Hoje se desprende do peito esta dor de saudade
que tem cheiro de mãe, de infância e
verdade de brinquedo perdido e de chuva
caindo molhando o quintal.

Olho pro teu rosto cansado e componho os meus versos
e num choro contido te encontro e confesso que, apesar
de crescido, ainda sou tua menina carente de mãe.

Tuas coisas tão simples, tua fala tão mansa, e o
teu grito de dor são lembranças que a vida não
leva. Sacramentos que o tempo em mim depositou
feito caixa, um baú de segredos, onde a chave
que abre é o teu nome, minha mãe.

Hoje se desprende do peito esta dor de saudade
que tem cheiro de mãe, de infância e verdade,
de brinquedo perdido e de chuva caindo molhando o quintal.
Olho pro teu rosto cansado e componho os meus versos e num
choro contido te encontro e confesso que, apesar de crescida,

Ainda sou tua menina carente de mãe.

(Adaptado de Marcas na Alma *Padre Fábio de Melo)*

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Durante a elaboração desta dissertação várias pessoas desempenharam um papel especial, a cada uma expresso a minha gratidão.

A **Deus**, pelo privilégio de viver e concretizar mais este sonho. Se eu falasse tudo que de Ti recebo...

À minha mãe querida, **Maria Aparecida**, sempre presente em minha caminhada. Não precisou de palavras, seu exemplo de seriedade, fé e amor ensinaram muito mais. Mesmo na adversidade da doença e nos momentos derradeiros pôde me ensinar o valor da vida. Obrigada por me apresentar os mistérios da fé e da espiritualidade, por meio da força de suas orações.

Ao meu querido pai, **Waldemar**, obrigado por entender minhas horas de reclusão e estudo. Juntos, no silêncio, compreendemos tantas coisas...

Queridas irmãs, **Neuza** e **Ana Lúcia**..., elo eterno, fonte de amor, com vocês aprendi que devo dar um passinho de cada vez... Há, em minha vida, um lugar especial para vocês.

Ao **Valtair**, pelo companheirismo e por compartilhar comigo o carinho de "cuidar".

À **Profa. Dra. Adriana Katia Corrêa**, orientadora, amiga, companheira de trabalho. Mesmo com 400 milhões de coisas para fazer e resolver, controlou minha ansiedade e acalmou meu coração. Obrigada! Sua preciosa orientação foi fundamental!

Às **Profas. Dras. Maria Suely Nogueira e Márcia Regina Silva** pelo acompanhamento desde a qualificação, pela disponibilidade e reflexões na concretização final deste trabalho. Obrigada!

A(os) amiga(os) **Ângela Lucato, Abel Aguillar, Cheila Gaioli, Camila Pimentel, Gema Pereira, Suely Campos Cardoso, Nilton Cesar, Rita Quaglio, Carla Arantes, Flavinha, Carla Barizza, Velmara, Renata e Cidinha** – BCRP, não tenho palavras... só agradecimentos.

Aos participantes deste estudo, **alunos do quarto e quinto** ano de graduação da EERP-USP, pela colaboração e compartilhar comigo suas dúvidas, dificuldades e percepções. Seus apontamentos foram fundamentais para essa pesquisa.

Aos colegas de estudo, **Raquel E. Ramos, Antônio R. Falquetti Rios, Ricardo de Oliveira Lima** e, especialmente, à **Adriana Amaro**, que, nas minhas ausências, físicas e espirituais, sempre me incentivaram a evoluir como profissional. Obrigada!

Aos colegas da pós-graduação que juntos escreveram comigo um capítulo especial: **Paulo, Lílian, Manuela, Jéssica, Eliete, Vânia, Gláucia, Carol, Narinha, Marcela**, profissionais de diferentes áreas, porém, com um objetivo em comum - apreender mais para fazer melhor.

E, enfim, **a você**, que não mencionei, mas que contribuiu, direta ou indiretamente, com este estudo, meus agradecimentos. Sua participação foi imprescindível.

RESUMO

MALERBO, Maria Bernadete Malerbo. **A aprendizagem da busca bibliográfica pelo estudante de graduação em enfermagem**. 2011. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; Ribeirão Preto, 2011.

O advento da *internet* e sua constante evolução exigiu o desenvolvimento de sistemas de informação em saúde, permitindo aos alunos de enfermagem o acesso à informação mais amplo, rápido e eficaz, agregando qualidade às buscas bibliográficas. Apesar da evolução e dinâmica atualização desses recursos informacionais, além da sua disponibilização gratuita, alguns alunos ainda apresentam fragilidades quando se envolvem com a busca e recuperação dessa informação. O objetivo desse estudo qualitativo é conhecer e analisar como são realizadas as buscas bibliográficas quanto à elaboração das estratégias de busca, determinação dos descritores de assunto, uso de bases de dados bibliográficas, recuperação de documentos em texto completo e quais são as dificuldades e os avanços encontrados nesse processo por alunos de graduação em enfermagem, dos cursos de Bacharelado e Bacharelado e Licenciatura da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP. Foram entrevistados 21 alunos desses cursos no mês de novembro de 2010. A partir da análise temática, foram configurados alguns temas: 1 – necessidades e práticas de busca da informação: dificuldades experimentadas pelos estudantes de enfermagem; 2 – a organização do ensino da busca bibliográfica e o papel do professor e 3 – o bibliotecário como educador. O Google destaca-se como principal recurso de busca da *WEB* privilegiado pelos estudantes, tendo em vista dificuldades de acesso às bases de dados bibliográficas, de domínio da língua inglesa e de recuperação de texto completo. Os alunos apontam a necessidade de orientações e apoio por parte dos professores, assim como destacam atividades educativas desenvolvidas pelo bibliotecário de modo pontual. Nesse contexto, faz-se necessário rever o ensino da busca bibliográfica, inserindo atividade educativa de modo mais integrado às disciplinas dos currículos dos cursos envolvidos, ao longo do processo de formação; reconstruir as práticas pedagógicas dessas atividades, a partir de referencial problematizador e fortalecer a parceria entre professor e bibliotecários. Este estudo também desperta reflexões sobre a formação e a prática profissional do bibliotecário, tendo em vista sua inserção mais significativa no apoio ao desenvolvimento dos cursos de graduação, no contexto da Universidade.

Descritores: Comportamento de Busca de Informação. Acesso à informação. Bases de dados bibliográficas. Competência em Informação. Enfermagem. Estudantes de Enfermagem.

ABSTRACT

MALERBO, Maria Bernadete Malerbo. **Learning concerning bibliographic search of nursing undergraduate students**. 2011. 133 f. Thesis (Master's Degree) – University of São Paulo at Ribeirão Preto, College of Nursing. Ribeirão Preto, 2011.

The advent of the Internet and its constant evolution demanded the development of health information systems, which has provided nursing students broad, fast and efficient access to information, adding quality to bibliographic searches. Despite the improved and dynamic actualization of these information resources and their free access, some students still experience difficulties when attempting to search and retrieve information. This qualitative study identifies and analyzes how these bibliographic searches are performed in terms of search strategies, choice of subject descriptors, use of bibliographic databases, recovery of full text documents and also investigates the difficulties faced and advancements achieved in this process by undergraduate nursing students from the Bachelor and Teaching Degree Programs at the University of São Paulo at Ribeirão Preto, College of Nursing. A total of 21 students from these programs were interviewed in November 2010. Some themes emerged from the thematic analysis: 1 – Needs and information-seeking practices: difficulties faced by nursing students; 2 – Organization of teaching bibliographic searches and the role of professors; and 3 – The librarian as an educator. Google stands out as the main search resource on the web used by students given the difficulties faced in accessing bibliographic databases, English-based databases, and in the recovery of full texts. Students point to the need to obtain guidance and support from professors and also stress one-time educational activities developed by the librarian. The need to review the teaching of bibliographic searching is identified in order to include educational activities in a more integrated manner with the courses from the involved programs over the educational process, reconstruct the pedagogical practices of such activities based on the problematizing framework, and strengthen the partnership between professors and librarians. This study also encourages reflecting on the education and professional practice of librarians toward a more significant participation in supporting the development of undergraduate programs in the university context.

Descriptors: Information Seeking Behavior. Access to Information. Databases, Bibliographic. Information Literacy. Nursing. Students, Nursing.

RESUMEN

MALERBO, Maria Bernadete. **Aprendizaje de la búsqueda en la literatura por un estudiante de pregrado en enfermería.** 2011. 133 f. Dissertación (Maestría) – Escuela de Enfermería de Ribeirao Preto, Universidad de Sao Paulo, Ribeirao Preto, 2011.

El advenimiento de la Internet y su constante evolución requiere el desarrollo de sistemas de información sanitaria, permitiendo a los estudiantes de enfermería el acceso a una información más amplia, rápida y eficaz, añadiendo calidad a las búsquedas bibliográficas. A pesar de la actualización de la evolución y la dinámica de estos recursos de información, además de su libre disponibilidad, algunos estudiantes todavía tienen debilidades cuando se envuelven con la búsqueda y recuperación de información. El propósito de este estudio cualitativo es entender y analizar como las búsquedas en la literatura se llevan a cabo para la preparación de estrategias de búsqueda, la determinación de los descriptores de tema, el uso de bases de datos bibliográficas, la recuperación de documentos en texto completo y cuáles son las dificultades y los avances en este proceso por los estudiantes de pregrado de los cursos de enfermería y una licenciatura en Ciencias y Bachillerato en la Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto-USP. Se entrevistaron a 21 estudiantes de estos cursos en noviembre de 2010. A partir del análisis temático, algunos problemas se han establecido: 1 - Las necesidades y las prácticas de búsqueda de información : dificultades experimentadas por los estudiantes de enfermería, 2 - La organización de la enseñanza de la búsqueda en la literatura y el papel del profesor y 3 - El bibliotecario como educador. Google se destaca como el principal recurso de búsqueda de los estudiantes, en vista de las dificultades de acceso a bases de datos bibliográficas, en el campo del idioma Inglés y en la recuperación de texto completo. Los estudiantes señalan la necesidad de orientación y apoyo de los profesores, así como las actividades educativas desarrolladas por el bibliotecario de forma puntual. En este contexto, es necesario revisar la enseñanza de la búsqueda en la literatura mediante la introducción de la actividad educativa de una manera más integrada en los currículos de las disciplinas envueltas en el proceso de formación; reconstruir las prácticas pedagógicas de estas actividades y fortalecer la colaboración entre docentes y bibliotecarios. Este estudio también plantea reflexiones sobre la formación y la práctica profesional bibliotecario con el fin de su inserción más significativo en el apoyo al desarrollo de programas de posgrado en el contexto de la Universidad.

Descriptores: Conducta en la búsqueda de Información. Acceso a la Información. Bases de Datos Bibliográficas. Alfabetización Informacional. Enfermería. Estudiantes de Enfermería.

LISTA DE ABREVIATURAS

ALA	American Library Association
BB(s)	Busca Bibliográfica
BDB	Bases de Dados Bibliográficas
BDEnf	Base de Dados em Enfermagem
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CINAHL	Cumulative Index to Nursing & Allied Health Literature
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MeSH	Medical Subject Headings
NCBI	National Council Biotechnology Information
NI; NIs	Necessidade(s) de Informação
NLM	National Library of Medicine
QA	Questões de aprendizagem
TI; TIs	Tecnologia(s) de Informação
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
VPN	Virtual Private Network
WEB	World Wide Web

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **12**

1 INTRODUÇÃO **16**

1.1 Conhecimento científico: apontamentos inicias 17

1.2 As tecnologias de informação e comunicação e a recuperação da informação 25

1.2.1 Bases de dados bibliográficas, bibliotecas eletrônicas, portais de texto completo 27

1.3 A formação na graduação e a importância do aprendizado da busca bibliográfica na EERP-USP 43

2 OBJETIVO **48**

3 METODOLOGIA **50**

3.1 Tipo de Estudo 51

3.2 Local do Estudo 53

3.3 Participantes do Estudo 55

3.4 Coleta de Dados 55

3.5 Análise dos Dados 58

3.6 Aspectos Éticos 59

4 ANÁLISE DOS DADOS: a aprendizagem da busca bibliográfica pelos alunos **60**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: Síntese e Sugestões **107**

REFERÊNCIAS **112**

APÊNDICES **127**

ANEXO **131**

APRESENTAÇÃO

Iniciei minha carreira profissional, como bibliotecária em 1981, desenvolvendo atividades no Departamento de Genética e Matemática Aplicada à Biologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Atuava numa biblioteca de pequeno porte, cujo público era formado especificamente por professores e alunos de pós-graduação. Permaneci ali quase cinco anos. Logo percebi que meu perfil profissional estava mais voltado ao atendimento público, ou seja, em conversar e "descobrir" suas necessidades e atendê-lo de modo que pudesse solucionar, em parte ou totalmente, suas dúvidas. Em 1985, integrei-me ao grupo de bibliotecárias da Biblioteca Central, então pertencente à Coordenadoria do Câmpus USP de Ribeirão Preto. A partir daí, escrevi no livro da história da universidade minha trajetória como "bibliotecária atuante na área da saúde", assunto que muito gostava.

A então bibliotecária-chefe viu em mim potencial para ocupar o cargo de bibliotecária de referência e me direcionou para esse setor específico, mais frequentado por professores pesquisadores e alunos envolvidos com a pesquisa científica. Pude, então, desenvolver meu lado "investigadora", colaborando nas buscas e dividindo com esse público suas ansiedades e questionamentos, procurando *papers* que contribuíssem para o desenvolvimento de cura e/ou tratamento de pacientes internados no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da FMRP-USP e demais instituições de saúde. Desse entrosamento profissional, com foco na pesquisa, foram-se criando laços de afinidade e senti então que minha veia profissional era pesquisar saúde, especificamente a medicina, a odontologia e a enfermagem.

A partir de observações "arquivadas" durante minha atividade profissional, aliada ao desejo de auxiliar os usuários para que eles próprios elaborassem suas buscas, passei a ministrar "treinamentos" para acesso às Bases de Dados Bibliográficas e Normalização de Trabalho Científico, além de orientá-los no estabelecimento das estratégias de busca e recuperação da informação. Pude vivenciar as dificuldades dos usuários em expressar as suas necessidades de informação, bem como identificar e selecionar os conceitos mais representativos dessas necessidades para a formulação da estratégia de busca.

De posse das ferramentas de busca disponíveis em CD-ROM e, posteriormente, na *WEB*, e da possibilidade de utilizá-las surgiu outro problema: não havia grande quantidade de computadores para esse fim nas unidades de ensino que atendessem às necessidades do

público docente e discente. Diante disso, as bibliotecas das universidades passaram a ser mais visitadas e o setor de pesquisa muito mais requisitado. Percebendo essas dificuldades, os bibliotecários de referência ofereciam cursos e "treinamentos" com o objetivo de instrumentalizar o público acadêmico para que pudesse realizar sua própria pesquisa. Apesar dos esforços envidados em preparar para melhor utilização dos bancos de dados bibliográficos, nem todos participavam desses encontros. Tentavam desenvolver autonomamente seus trabalhos, sendo que, posteriormente, me procuravam para se certificarem da adequação de suas pesquisas.

No decorrer do tempo, houve crescimento da demanda por mais máquinas e a aceleração do crescimento da produção científica publicada em periódicos especializados. Isso levou, então, as unidades de ensino a adquirirem e implantarem salas equipadas com vários computadores para que seus alunos pudessem ter acesso e facilidades para desenvolver suas pesquisas, tanto para apresentar seus trabalhos acadêmicos em salas de aulas como para elaborar pesquisas junto aos docentes orientadores de iniciação científica. Essas salas foram chamadas "salas pró-aluno".

Em 2002, já na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, desenvolvi atividades junto ao setor onde era produzida e publicada a Revista Latino-Americana de Enfermagem - RLAE, importante veículo disseminador da produção científica em enfermagem e áreas afins.

Em 2005, além de colaborar com a RLAE, fui convidada a auxiliar na organização da Sala de Leitura "Glete de Alcântara", local onde os alunos de graduação e pós-graduação da EERP-USP podiam estudar e encontrar seus grupos de estudo. Na "Sala Glete" tornei-me mais próxima desses alunos e pude, então, sentir a fragilidade de seus conhecimentos em pesquisas bibliográficas, acompanhando suas pesquisas e auxiliando-os em suas dificuldades.

Essas constatações têm ficado cada vez mais significativas nos últimos anos, atuando junto a estudantes de graduação dos cursos de enfermagem (Bacharelado e Bacharelado e Licenciatura) da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP, considerando o atual contexto da formação nesse cenário.

Durante a abordagem dos usuários, as dificuldades apontadas eram dos mais diferentes tipos, variando desde a definição ideal do assunto de sua pesquisa até o manuseio correto das diferentes interfaces em que apresentavam as bases de dados disponíveis na *WEB*. Outro fato que desperta atenção é o desconhecimento sobre os tesauros de assunto disponíveis nos *sites* que armazenam as bases de dados; manuseio inadequado das ferramentas disponíveis para recuperação do conteúdo em texto completo do material indexado e o desconhecimento dos locais onde essas bases de dados estão inseridas.

Os usuários muitas vezes tentavam elaborar buscas utilizando os *browsers* destinados aos tesauros, isso gerava ansiedade, pois o desconhecimento da ferramenta e das etapas a serem executadas impediam localização de citações bibliográficas.

Nesse sentido, me questionava: "como os estudantes estavam elaborando suas estratégias de busca, quais eram os *sites* que utilizavam para isso, sabiam eles distinguir se as informações retiradas de buscadores da *WEB*, p.e., o Google, eram fidedignas, utilizavam o Google acadêmico em suas buscas, tinham eles percebido a importância da pesquisa e a utilização mais adequada das bases de dados bibliográficas, sabiam localizar dentro desses bancos os tesauros, ou listas de descritores de assunto e, finalmente, sabiam utilizá-los? Haviam eles percebido que, além de buscas dirigidas por estratégias previamente elaboradas (busca com maior nível de complexidade), os sistemas de informação permitiam também buscar por nomes dos autores, palavras dos títulos, pelo ano de publicação, e pelos títulos dos periódicos? Conheciam a biblioteca do câmpus onde estudavam, assim como o melhor espaço para encontrar produção cientifica de qualidade, a Biblioteca Virtual em Saúde, para onde convergiam produtores de informação, intermediários e usuários, redes de fontes de informação locais, nacionais, regionais e internacionais, privilegiando o acesso aberto[1] e universal gratuitamente ao público? Quais as suas dificuldades nesse processo? Como vêem a participação de professores e bibliotecários no apoio à aprendizagem da busca bibliográfica?

Esses questionamentos me levaram a orientá-los mais frequentemente por meio de "treinamentos dirigidos", geralmente solicitados por professores, com duração de quatro horas, aproximadamente, tendo como ferramenta fundamental a exploração dos recursos o uso da internet e da BVS. Propostos os assuntos após sua problematização nas salas de aula, os alunos deveriam buscar literatura científica que tratasse do caso proposto para, após sua leitura, fizessem leitura crítico-reflexiva e retomassem a discussão com o professor e o grupo de alunos. Olhando para as necessidades de localização e recuperação da informação, é nítida a importância da colaboração do bibliotecário, profissional ideal para orientar os usuários a melhor explorar os recursos disponíveis na *WEB* para o desenvolvimento de buscas qualificadas.

Durante o percurso como bibliotecária da saúde e trabalhando para público de pesquisadores, participei, direta ou indiretamente, da construção de uma sociedade mais

---

[1] Por acesso aberto, entende-se "a disposição livre e pública na *internet*, de forma a permitir a qualquer usuário a leitura, *download*, cópia, distribuição, impressão, busca ou o *link* com o conteúdo completo de artigos, bem como a indexação ou o uso para qualquer outro propósito legal, sem barreiras financeiras, legais e técnicas outras que não aquelas necessárias para a conexão da *internet*." Disponível em http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php / o acesso aberto à literatura científica garante bom funcionamento do sistema de comunicação acadêmica, assegurando que os resultados de pesquisa estejam disponíveis.

digna, mais justa, mais equitativa, onde todos tenham direito à saúde, educação, trabalho, colaborando para a formação do homem como membro de uma comunidade democrática. É essa minha missão, esse meu orgulho - fazer o melhor de mim participando da construção de novos conhecimentos que construam cuidados que promovam saúde e prática docente que forme sujeitos críticos e cidadãos.

Assim, imbuídas desses valores sociais voltados ao campo da saúde e da formação, de experiências e de questionamentos sobre a aprendizagem da busca bibliográfica por alunos de graduação da EERP-USP, dedicamo-nos à concretização desta pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

Com a intenção de situar o leitor no contexto deste estudo, cujo foco a aprendizagem da busca bibliográfica por alunos de graduação, apresentar-se-á uma retrospectiva em relação a alguns aspectos da construção histórica do conhecimento científico, das tecnologias de informação e comunicação e da recuperação da informação, sendo sistematizadas também informações sobre Bases de Dados Bibliográficas, bibliotecas eletrônicas e portais de pesquisa.

Finalmente serão apresentadas algumas considerações sobre a formação na graduação e suas relações com o aprendizado da busca bibliográfica qualificada pelos alunos na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP-USP.

1.1 Conhecimento científico: apontamentos inicias

Resgatando a história da humanidade, será, então, definida a palavra conhecimento, numa síntese de autores e conteúdo. A palavra conhecimento do latim *cognitio*, -oni. conhecer, connocer (séc. XIII), cógnito: "conhecido, sabido (1572), cognitus, particípio de cognoscere (conhecer), derivado para incognitus (desconhecido, secreto - 1572), incognit - aquilo que é desconhecido e se procura saber (1813) e. cognição: "aquisição de um conhecimento, percepção (1873) (CRUZ, 2000; CUNHA, 2001).

Conhecimento é geralmente definido como uma crença verdadeira justificada; é a relação que se estabelece entre sujeito que conhece, ou deseja conhecer, e o objeto a ser conhecido ou que se dá a conhecer (CRUZ, 2000).

Pode-se definir conhecimento como "uma técnica para a verificação de um objeto qualquer, ou a disponibilidade ou a posse de uma técnica semelhante" (ABBAGNANO, 2003), ou, ainda, "é informação com significado, capaz de criar movimento, modificar fatos, encontrar caminhos, construir utilidade" (MUSSAK, 2010, s.p.).

A elaboração do pensamento humano iniciou-se com as sociedades primitivas, estruturando-o em torno da produção de mitos e do rito mágico, com pouco poder de abstração. As antigas civilizações, como as do Egito e Mesopotâmia, entre outras, também desenvolveram uma estrutura elaborada do pensar (CRUZ, 2000).

Até onde se sabe, essas civilizações não desenvolveram reflexões sobre os métodos que permitiram suas realizações científicas e tecnológicas. A reflexão sobre o

método de produção do conhecimento aparece inicialmente na Grécia, século VII a II a.C., o que torna a civilização grega o ponto de partida para o estudo da evolução da investigação científica no mundo ocidental (CRUZ, 2000). Surge o pensamento científico-filosófico abstrato e as primeiras tentativas de explicar o mundo, racionalmente (CRUZ, 2000). Ainda hoje, a ciência e a filosofia sofrem influência dos pensadores gregos.

Em seu contato com a natureza, o homem desde seu ancestral, o *Homo sapiens*, buscava conhecê-la, buscava conhecer a vida e a morte, procurava explicações para a realidade que o cercava, queria entendê-la, mesmo que, para isso, usasse formas rudes de pensar/fazer. Nessa forma de explicar o motivo das coisas, o homem estruturou uma organização social, como também todo e qualquer mecanismo onde estava presente o poder, tanto de controle como de reprodução (MINAYO, 2008). A curiosidade que o levava a estudar os seus fenômenos, seu caráter investigativo ao tentar descobrir os "porquês" e os "comos" culminaram na origem da ciência, assim como havia outros instrumentos também poderosos de conhecimento, são eles: as religiões, a filosofia, os mitos, a poesia e a arte (MINAYO, 2008).

Do século V ao XV, passou-se do período grego para a Idade Média, com seu modo de produção feudal para a subsistência. Do período feudal até o capitalismo, há um momento de transição marcado pelo surgimento da ciência moderna com Galileu (1564-1642), no século XVII.

A partir do movimento Renascentista e da Reforma (ou revolução) Científica, ocorridos na Europa, o homem passou a buscar outras formas de ver a si mesmo e a ver o mundo. Os questionamentos que se faziam, suas descobertas e as explicações que davam para os fenômenos da natureza reforçaram o surgimento do método científico, por volta do século XVII, "considerado então como um período de transformações intelectuais duradouras na cultura ocidental" (CAMENIETZKI, 1995, p. 37; CARVALHO, 1998; CRUZ, 2000).

A fundação das primeiras universidades deu-se na Europa, por volta do ano 1150, então chamadas Universidades Medievais, no contexto do Renascimento do século XII. Até então, os estudos superiores aconteciam em mosteiros ou nas escolas catedralícias, onde eram formados os pensadores da Igreja Católica e seus administradores. Na verdade, a primeira universidade constituída foi a de Bologna, na Itália, fundada no ano 1088, especializada na área de direito. A mais famosa de todas as instituições medievais de educação superior foi a Universidade de Paris, estabelecida na segunda metade do século XII, entre 1150 e 1170. Até a passagem do século XV para o XVI, foram criadas, na Europa, cerca de 80 universidades. Entre as mais célebres cumpre destacar as de Pádua em 1222; Nápoles, 1224; Salamanca,

1230; Siena, 1242; Oxford, 1249; Cambridge, 1284; Coimbra, 1308; Pisa, 1343; Praga, 1348; Cracóvia, 1364; Viena, 1365; Heidelberg, 1385; Colônia, 1388; Leipzig, 1409; Louvain, 1425; Tübingen, 1477; Barcelona, 1477; Copenhague, 1479; Valência, 1501 e Sevilha, 1505 (ORRÚ, s.d.). As universidades do período contemporâneo têm nelas o ponto de partida e seguem seus modelos, até hoje.

Também, nesse período, Renascimento, surgem na Europa e Estados Unidos as primeiras sociedades científicas, e o professor universitário começa a assumir a função de cientista, caracterizando a profissionalização da atividade científica (CARVALHO, 1998; CRUZ, 2000).

A primeira sociedade científica europeia, devidamente constituída, provavelmente foi a Accademia dei Lincei, criada na Itália (TAMBUCCI, 1990). Em 1640, outros grupos se reuniram, informalmente, em Oxford e Paris, formando assim os núcleos da Royal Society of London, 1662, e da Academie dês Sciences, 1666 (TAMBUCCI, 1990). São divulgadas também as primeiras revistas científicas: uma na França – Paris - em janeiro de 1665 – sob o título *Journal des Açavants*, posteriormente *Journal des Savants***,** janeiro de 1665, Académie Royale des Sciences of Paris, e, o outro, o Philosophical Transactions da Royal Society of London, março de 1655 (TAMBUCCI, 1990).

No século XVII, decresceram as expedições e atividades científicas. Somente após o período da Segunda Grande Guerra é que se introduziu na América Latina o modelo de pesquisa nascido na Europa no século XIX (CARVALHO, 1998).

No século XIX, o fato de divulgar os achados, torná-los públicos e levá-los a pessoas leigas foi ironicamente denominado, por alguns estudiosos, de "vulgarização científica", isso porque algumas publicações informavam o público leigo sobre os caminhos que tomava a ciência, tornando, assim, o conhecimento, até então propriedade dos "cientistas", um bem consumido por todos. Nas palavras de Vergara (2008), pode-se afirmar que "hoje a vulgarização ou divulgação científica, se constitui em um campo de estudos, com seus métodos e objetos próprios" (p. 144). Hoje esse termo é tratado por divulgação científica e, quanto mais os achados são divulgados, citados, mencionados em outras pesquisas, maior impacto é dado àquela contribuição, pois a divulgação é uma atividade criadora, apresenta algo novo, e é por meio da divulgação que os cientistas se interam da atividade dos demais estudiosos, é por meio da citação que se fazem conhecer, a si próprios e às suas pesquisas (VERGARA, 2008).

Citar é tornar pública uma pesquisa é enunciar uma descoberta, é valorizar o trabalho de outro, é apropriar-se de conteúdos que se situam num arquivo científico, é,

portanto, o reconhecimento público de uma contribuição para a pesquisa, Florence preconizava a ideia de que “a saúde era não apenas estar bem, mas ser capaz de usar toda a nossa capacidade para estarmos bem, julgando que o propósito da enfermagem era colocar-nos na melhor condição possível para que a natureza possa restaurar ou preservar a saúde, prevenir ou curar as doenças" (ATKINSON; MURRAY, 1989, p. 7; CARVALHO, 2001).

Citar é tornar pública uma pesquisa, é enunciar uma descoberta, é valorizar o trabalho de outro, é apropriar-se de conteúdos que se situam num arquivo científico, é, portanto, o reconhecimento público de uma contribuição para a pesquisa, provocando um movimento que “revela e ratifica os valores e as tradições que um campo científico construiu ao longo de sua constituição, confirmando sua relevância para o progresso da ciência” (SILVEIRA; BAZI, 2009, p. 2).

Nas palavras de Minayo (2008, p. 13), as transformações pelas quais passou a humanidade, em sua forma de trabalho, de fazer ciência, concebendo ideias e produzindo novas teorias, “se intensificaram nas duas últimas décadas do século XX e vão se transformando em práxis no século XXI”.

No Brasil, somente no século XX, com a criação, em 1900, do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), foi institucionalizada a pesquisa científico-tecnológica como uma iniciativa pioneira no país para a produção de vacinas (CARVALHO, 1998; VERGARA, 2008; FUNDAÇÃO INSTITUTO OSWALDO CRUZ. FIOCRUZ, 2009).

Devido às pesquisas lá desenvolvidas, em 1907, o Instituto foi premiado com a grande medalha de ouro do Congresso Internacional de Higiene e Demografia, em Berlim, e teve sua produção científica divulgada pelos periódicos “Brazil-Médico”, e em revistas internacionais altamente seletivas, como Centralblatt für Bakteriologie, Biologischen Zentralblatt, Archiv für Protistenkunde, Archiv für Schiffs und Tropen-Hygiene, Zeitschrift für Hygiene und Infektionskrankheiten, Münchener Medizinische, Annales de l’Institut Pasteur, Comptes Rendus de la Société de Biologie e Bulletin de la Société de Pathologie Exotique. A publicação das pesquisas, em tão importantes veículos de disseminação da informação, foi o reconhecimento do resultado do trabalho de jovens pesquisadores que nunca tinham frequentado outro centro de investigação (FIOCRUZ, 2009).

A segunda metade do século XIX foi caracterizado pela evolução da investigação científica em enfermagem, quando essa se profissionalizou tendo como objetivo “prestar assistência a pessoas incapazes de satisfazerem suas próprias necessidades de saúde” mantendo, dessa forma, o “bem-estar físico, emocional, social, espiritual e cultural de um indivíduo, de uma família ou comunidade” atentando, ainda, para a prevenção, preocupando-

se com o entorno e propiciando a contínua melhora da qualidade de vida àqueles aos quais presta cuidados (ATKINSON; MURRAY, 1989, p. 11).

Muitos estudiosos de enfermagem consideram que o ponto inicial da pesquisa de enfermagem deu-se com Florence Nightingale. Nascida em 1820, em Florença, e radicada em Londres, foi a pioneira na divulgação do trabalho da enfermeira. Iniciou seus estudos em enfermagem somente aos 31 anos, pois sua família considerava que uma dama de estirpe inglesa não poderia exercer atividades até então consideradas masculinas. Enfermeira a serviço na guerra da Crimeia, provou a "eficiência das enfermeiras treinadas para a recuperação da saúde. Até aquele momento, "só homens e mulheres religiosas podiam cuidar dos soldados no exército" (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Núcleo de Informática Biomédica, 1977, s/p.; ATKINSON; MURRAY, 1989; RODRIGUES, 1993; CRUZ, 2000; LUCHESI, 2004).

Florence preconizava a ideia de que "a saúde era não apenas estar bem, mas ser capaz de usar toda a nossa capacidade para estarmos bem, julgando que o propósito da enfermagem era colocar-nos na melhor condição possível para que a natureza possa restaurar ou preservar a saúde, prevenir ou curar as doenças" (ATKINSON; MURRAY, 1989, p. 7; CARVALHO, 2001).

Depois da guerra, publicou vários escritos e fundou uma escola de enfermagem no Hospital St. Thomas, em Londres, a primeira escola de enfermagem do mundo, em 1860. Seus escritos foram imediatamente reconhecidos como trabalho de importância, pelos líderes envolvidos com o cuidado médico-sanitário (MENDES, 1989; NIGHTINGALE, 1989; RODRIGUES, 1993; ALMEIDA; ROCHA, 1997; CARVALHO, 2001). Acredita-se serem esses escritos as primeiras produções em enfermagem. Florence foi a pioneira da enfermagem no mundo. Suas anotações e sua história são ainda hoje alvo de pesquisas e publicações sobre a história do cuidado, da atenção básica e do reconhecimento da enfermagem como profissão e não meramente prestadora de serviços (ATKINSON; MURRAY, 1989; CARVALHO, 2001).

Não se pode, entretanto, deixar de considerar que "Florence respondeu a um processo burguês expansionista..., que alterava o modo de produção do feudalismo para o capitalismo..., pois a enfermagem atendeu satisfatoriamente esse projeto político-social, teve a sua inserção no processo de trabalho em saúde" (ATKINSON; MURRAY, 1989; RODRIGUES, 1993; GOMES et al., 1997, p. 234).

No Brasil, a trajetória de constituição profissional da enfermagem foi delineando-se formada pela busca de sistematização de conhecimentos que pudessem possibilitar o aprimoramento da prática profissional.

Em maio de 1932, publicou-se o primeiro periódico científico, Annaes de Enfermagem (LUCHESI, 2004), na década de 40, mais especificamente em 1947, e, em São Paulo, realizou-se o primeiro Congresso Brasileiro de Enfermagem, sendo que, a partir da década de 50, uma convergência de forças colocou a pesquisa de enfermagem em uma espiral ascendente que continua a evoluir até os dias atuais. Um marco desse período foi a criação do periódico Nursing Research, veículo de comunicação dos resultados de pesquisas (MENDES, 1989; CRUZ, 2000).

A organização de cursos de pós-graduação em enfermagem, no Brasil, iniciada no final da década de 70, a ampliação do número de periódicos para publicação da produção científica bem como sua internacionalização, a inserção de referenciais teórico-metodológicos de pesquisa que possibilitam aprofundar conhecimentos sobre a enfermagem como prática social cujo objeto de trabalho extrapola o campo técnico e biológico, as experiências interdisciplinares de construção de conhecimento, além das reflexões sobre o impacto dos conhecimentos produzidos nas práticas profissionais são alguns dos elementos que vêm confirmando a construção histórica da produção de conhecimento na enfermagem, marcada por importantes avanços.

Ao mesmo tempo, a produção de conhecimento em enfermagem insere-se em um movimento mundial significativo de ampliação do volume de produção e divulgação bibliográficas.

Vive-se numa época na qual grande volume de produção bibliográfica é gerada num espaço de tempo pequeno. O mundo globalizado vive era de intensa dinamização da divulgação dessa produção, através das bibliotecas digitais, *open archives*, repositórios entre outros. Consequentemente, parte dessa produção, aquela publicada em periódicos científicos nacionais e internacionais, terá sua referência e resumo indexados e divulgados através de bases de dados bibliográficas ou referenciais.

Inseridas nessa “massa” digital, encontram-se as bases de dados bibliográficas. Sua necessidade se fez sentir sensivelmente quando Adams, em 1964, afirmava que “a ciência estava se atolando em sua própria produção, assim como as bactérias em sua própria exudação”. Outra metáfora encontrada que apontava para a sobrecarga de literatura dizia que “nadamos, nadamos e morremos na praia” (SMITH, 2005, p. 53).

Resgatando a história das bases de dados em saúde, reporta-se aos anos 20, quando equipes de médicos se depararam com o enorme volume de literatura médica existente e grande dificuldade em localizar a informação necessária no momento necessário. Havia escolas de biblioteconomia, formavam-se bibliotecários, porém, não existiam especialistas em lidar com a informação, organizando-a de maneira inteligente e recuperável (SMITH, 2005).

Por volta dos anos 60, o conceito de bases de dados passou a ser identificado na literatura com o rótulo de Banco de Dados. Albrecht e Ohira (2000, p. 131), usando palavras de Cianconi, 1987, apontam grande confusão de conceitos e de terminologia na literatura especializada, que trata banco de dados e bases de dados como sinônimos e sugere conceituar bases de dados como "um conjunto de dados inter-relacionados, organizados de forma a permitir recuperação de informações", e banco de dados como "um conjunto de bases de dados". Esses mesmos autores (ALBRECHT; OHIRA, 2000, p. 131) referem que, para Heemann, 1997, a literatura em Ciência da Informação, de maneira geral, trata as bases de dados atuais "como um arquivo ou um conjunto de arquivos computacionais no qual são armazenados dados, permitindo a recuperação e atualização de informações".

Os sistemas de recuperação de informação, também denominados bancos de dados ou *cyberlibrary* apresentam complexidade indiscutível no processo de armazenamento e busca da informação, envolvendo uma série de aspectos que são interdependentes.

Esses novos sistemas e fontes de informação colocam os usuários em um novo ambiente de busca e recuperação da informação, caracterizado pelo excesso de recursos informacionais, dispostos no formato de hipertexto[2], aumentando significativamente as possibilidades de acesso. Sofisticados recursos têm sido desenvolvidos pelos bancos de dados em suas linguagens de busca, objetivando com isso ampliar as possibilidades de recuperação da informação para suas bases, oferecendo, inclusive, recursos para análises estatísticas e bibliométricas (LOPES, 2002). Atualmente, quando a dinâmica de mudanças é muito grande, seja por necessidade de atualização (conhecimento do estado da arte) de determinado assunto, adaptação a novas exigências do mercado de trabalho, ou, ainda, por necessidade de adequação à legislação vigente, é fundamental que os pesquisadores tenham mais autonomia para desenvolver seus estudos, disseminando os resultados publicados de suas pesquisas científicas, por meio de mídias eletrônicas, acessíveis gratuitamente. Essa autonomia pode ser adquirida através de cursos de capacitação em pesquisa (JOIA; COSTA, 2007).

---

[2] Hipertexto é um dos paradigmas básicos em que a teia mundial se baseia. Ele é uma espécie de texto multi-dimensional em que numa página trechos de texto se intercalam com referências a outras páginas. Clicando com o ``mouse" numa referência destas a página corrente é substituída pela página referenciada. É muito fácil formar uma idéia grosseira do que é um hipertexto: basta pensar nas edições mais modernas da Enciclopédia Britânica que se constituem de uma mistura de informações com apontadores para outros trechos da própria enciclopédia.
O hipertexto é muito apropriado para a representação de informações no computador por dois motivos: permite subdividir um texto em trechos coerentes e relativamente curtos, facilitando a sua organização e compreensão; permite também fácil referência a outras partes do texto ou a outros textos, totalmente independentes, muitas vezes armazenados em locais distantes. Isto cria uma característica própria de leitura da informação que, após um curto processo de adaptação, passa a ser intuitivo para o usuário, que se refere a esta leitura como "navegação"" (Imre Simon, 16 jul. 1997. Disponível em: http://www.ime.usp.br/~is/abc/abc/node9.html# SECTION00042000000000000000

Conforme apontam Seixas e Mendes (2006, p. 4),

> os avanços tecnológicos têm sido impactantes muito mais por favorecerem a transformação profunda dos processos ensino-aprendizagem do que pela variedade e novidade dos equipamentos. Assim criou-se um novo paradigma que está, pouco a pouco, sendo introduzido no modelo presencial. Trata-se de uma nova fronteira de educação, agora com a perspectiva de se ensinar e aprender em rede.

Desenvolver competências é uma das atribuições do profissional da informação, aqui entendido como o profissional bibliotecário, usando como recursos os cursos de capacitação presenciais ou através da *WEB*, onde as ferramentas de trabalho são apresentações teóricas e práticas, ou tutoriais, inseridas em portais das universidades ou bibliotecas (BIREME. OPAS. OMS, 2007a; UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. SIBI - USP. SIBI, 2001-2008).

Concorda-se aqui com Miranda (2006, p. 107), quando afirma que

> a competência profissional é um processo de ativação de recursos, de reunião de condições favoráveis à realização e de superação dos possíveis obstáculos. É a tomada de iniciativa e o assumir responsabilidade, por parte do indivíduo, sobre problemas e eventos que ele enfrenta em situações profissionais, referindo-se a recursos que possuímos ou adquirimos e que sabemos como colocar em ação em uma situação prática.

É nesse cenário de enorme rapidez de mudanças, volume crescente de informações e demanda crescente por programas de capacitação que surgem as práticas educativas, utilizando recursos disponíveis na *WEB*, paralelo aos cursos de capacitação oferecidos em bibliotecas e centros de documentação. A tecnologia da *internet* consegue solucionar grande parte dos problemas e limitações das tecnologias até então utilizadas, tornando viável a implementação de "treinamentos" corporativos e individuais, assim como a organização dos conteúdos a serem oferecidos. Entende-se que as habilidades na recuperação, seleção e uso das informações se destacam cada vez mais como necessárias à formação em enfermagem, portanto, o desenvolvimento de competências informacionais é item que deveria ser conteúdo oferecido desde a graduação (LIMA, 2005). Nesse contexto, a informação rápida e precisa é vital, desde o planejamento de cursos, palestras e serviços de assistência a pacientes, até a fundamentação de projetos, planejamento estratégico e direcionamento dos cursos oferecidos pela instituição. A informação é um dos bens mais valiosos para o pesquisador, transformada em dados, conhecimentos e tecnologias em todos os níveis, acessíveis, inteligíveis e em diversos suportes, em tempo real, para públicos distintos.

1.2 As tecnologias de informação e comunicação e a recuperação da informação

A informação, definida por Le Codiac (1996), é um conhecimento que pode se apresentar sob a forma escrita – numérica ou impressa – oral ou audiovisual. É transmitida por meio de mensagem, utilizando-se de "signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação" (p. 5). A informação transformada em conhecimento resulta do ato de conhecer, compondo-se a partir da apreensão de um objeto; é capaz de formar ideias, partindo desde a identificação de fatos simples à compreensão exata e completa (conhecimento científico), do simples prazer de conhecer ao de estar atualizado sobre os últimos fatos e acontecimentos, acompanhando assim a evolução social e científica (LE CODIAC, 1996).

A propagação das novas tecnologias de informação (TI), desenvolvidas com o propósito de gerar, armazenar, transmitir e divulgar a informação reforçam a ideia de que a informação passou a ser matéria-prima necessária para conduzir a novos conhecimentos. Para Sancho (2001), essa proliferação de ferramentas eletrônicas para pesquisa e sua capacidade de tratar a informação fez com que a informação passasse a ser o elemento essencial para o desenvolvimento de conhecimentos, associado ao oferecimento de educação continuada, sendo classificada esta geração de Sociedade da Informação ou do Conhecimento.

O uso de tecnologias "possibilita a racionalização de trabalho, facilita a recuperação da informação disponível e permite agilizar as atividades, seja na organização ou na implantação de projetos, em geral" (PINTO JÚNIOR, 2005, p. 22).

A tecnologia eletrônica conduz os usuários ao acesso democrático à informação, ampliando a busca de informação em bases de dados geograficamente distantes. O alcance da qualidade na informação recuperada requer o planejamento de estratégias de busca específicas, para cada base de dados. A área da saúde registra avanços em tecnologia e informática e, dentro desse quadro, o profissional da informação desempenha papel fundamental, portanto, o uso dessas tecnologias exige mudança de atitude desses profissionais e dos usuários frente às necessidades de obtenção da informação. A experiência do intermediário, o profissional da informação, combinada com conhecimento das bases de dados específicas, os vocabulários controlados para definição dos descritores de assunto e linguagens de busca permitem a elaboração de pesquisas mais qualificadas (LOPES, 2002).

A necessidade de sessões de práticas educativas mais eficientes, orientadas por um bibliotecário-instrutor, em salas reservadas, requer desse profissional abordagem prévia sobre os assuntos de interesse, formulação de estratégias de busca, assistência aos usuários em suas pesquisas eletrônicas, deve, ainda, dispor seu tempo para atender individualmente cada participante, e ser flexível de acordo com a dinâmica de cada grupo (PEARCE-SMITH; HUNTER, 2005).

Por outro lado, a pesquisa em bases de dados exige do usuário conhecimentos básicos das ferramentas de busca, estabelecimento, ainda que provisório, de estratégia de busca, definição do período de abrangência da pesquisa, conhecimento de idiomas e dedicação de tempo para a execução (CUENCA, 1999; PEARCE-SMITH; HUNTER, 2005; MOREAU, 2007).

A busca eficiente da bibliografia requer o estabelecimento de estratégias de assunto, baseadas em tesauros especializados. Esse grupo de palavras auxilia sobremaneira a indexação da produção científica e a obtenção de bibliografia (LEAL; CERQUEIRA; PINHEIRO, 1987).

Para Grogan (2001), o sucesso de uma busca depende de duplo fator, e a correta tomada de decisão refletirá na elaboração da estratégia de busca. O primeiro fator diz respeito à forma pela qual o usuário solicita a informação, isto é, a escolha ideal das palavras-chave. O segundo trata do caminho que seguirá, ou seja, o estabelecimento das fontes de informação a serem utilizadas (GROGAN, 2001), extraindo delas conteúdo de qualidade.

Usuários finais podem utilizar os termos do vocabulário controlado MESH – Medical Subject Headings, do MEDLINE e o DeCS – Descritores em Ciências da Saúde da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) como recurso imprescindível para recuperação da informação de qualidade. Nas bases de dados, também é possível elaboração de buscas sem o estabelecimento prévio da estratégia. Nesse caso são utilizados termos livres ou linguagem natural, sendo que o volume de citações recuperadas é muito maior e nem sempre são relevantes (CUENCA, 1999; LOPES, 2002; SMITH, 2005).

Necessidade de informação é definida como “um estado ou processo no qual alguém percebe a insuficiência ou inadequação dos conhecimentos necessários para atingir objetivos e/ou solucionar problemas...” (MIRANDA, 2006, p. 106).

1.2.1 Bases de dados bibliográficas, bibliotecas eletrônicas, portais de texto completo

As bases de dados bibliográficas - BDB, ou base de referências bibliográficas (ORTEGA, 2002), podem ser operacionalizadas utilizando-se palavras de linguagem natural (LOPES, 2002; ORTEGA, 2002) ou palavras-chave e descritores. Como resultado dessas buscas são apresentadas as referências aos artigos nelas encontrados. Essas referências podem conter informações essenciais para sua localização, tais como: autor(es), título do artigo, titulo da revista onde o material foi publicado, paginação, data de publicação, resumos e *link* para o texto completo quando esse estiver disponível (ORTEGA, 2002). As bases de dados bibliográficas, também chamadas referotecas representam documentos secundários, pois fazem referência aos documentos primários, isto é, recuperam as informações que possibilitam conhecer documentos publicados e nelas indexados (ORTEGA, 2002). Nesse capítulo, serão abordadas, individualmente, as bases de dados bibliográficas, traçando um breve histórico, seus conteúdos e os recursos disponíveis em cada uma delas. Um tópico será apresentado sobre o tesauros DeCS e MESH, assim como serão também apresentadas as bibliotecas eletrônicas para recuperação de texto completo acessíveis gratuitamente e seus respectivos endereços eletrônicos para acesso a elas.

A *WEB* contém inúmeros recursos para o desenvolvimento de pesquisa pelos profissionais de saúde. Essas fontes de pesquisa, ferramentas indispensáveis para esses profissionais, são diariamente atualizadas com novas publicações, assim como também tem seus conteúdos avaliados pelos índices de impacto.

Para desenvolver competências, independente de atuação na clínica ou em pesquisa na área acadêmica, o profissional de enfermagem deve estar informado sobre os avanços que a área oferece. Para obter a informação atualizada, e publicada, independente se for eletrônica ou impressa, esses devem recorrer às fontes de informação que oferecem respostas a seus questionamentos bem como servem de base para a tomada de decisão (MUNOZ-MUNOZ, 2006).

Em enfermagem, as bases de dados mais utilizadas para acesso à bibliografia são o Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature (CINAHL), Medical Literature Analysis and Retrieval System on-line (MEDLINE), Cochrane Central Register of Controlled Trials (CENTRAL, Clinical Trials) e EMBASE, LILACS e BDEnf.

Retrocedendo na história, para a época em que não havia um sistema eficiente que administrasse a produção científica, suscintamente, será abordado o desenvolvimento das

ferramentas de pesquisa em termos de conteúdo para a enfermagem, inclusive, onde é possível localizar e identificar artigos publicados nos periódicos científicos de enfermagem. Como resultado do processo de globalização e colaboração entre os países latino-americanos se perceberá o livre acesso a essas bases de dados, disponíveis na *WEB* (MUNOZ-MUNOZ, 2006).

No atual contexto, os sistemas de informação se difundem, como consequência da explosão da informação e comunicação. Essas bases de dados são objeto de estudo para autores que desenvolvem instrumentos que reúnem critérios para sua avaliação, estando inseridas nessas avaliações a usabilidade dessas BDB (impacto que causam na área de conhecimento).

Uma base de dados bibliográficos deve ser avaliada pela sua utilidade ao responder as necessidades de informação, pautadas em quatro critérios principais: a) cobertura, ou seja, o quanto completo é o conteúdo da base de dados em relação a um assunto; b) recuperação, já que, tanto quanto ter uma boa cobertura de um assunto, é preciso que esses itens sejam passíveis de recuperação, através de estratégia de busca não muito complexa; c) previsibilidade, para que um documento seja reconhecido como relevante a partir das informações contidas na base de dados; d) atualidade, que é a medida da velocidade com que novas publicações são incluídas na base.

Por volta dos anos 1950, a National Library of Medicine. NLM, localizada em Washington, por meio da equipe de administradores concluiu que seria necessário o auxílio dos computadores para aliviar o fardo da comunidade médica.

Os sistemas de recuperação da informação tiveram sua origem nas grandes bases de dados desenvolvidas pelas instituições americanas National Library of Medicine - (NLM), Department of Defense (DOD) e National Aeronautics and Space Administration - NASA (U.S. NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE. NLM, 2008).

Como resultado da iniciativa de organizar sistematicamente a produção bibliográfica produzida, com o intuito de fornecer documentação mais rapidamente, surge o MEDLARS (Medical Literature Analysis and Retrieval System), em 1957, como um mecanismo para produzir o Index Medicus®. Em 1964, esse sistema tornou-se totalmente operacional, por meio do acesso eletrônico ao Index Medicus, apresentado em formato de CD-ROM. Paralelamente, a partir de 1966, também foi publicada a versão impressa, editada pela National Library of Medicine, indexando trabalhos publicados, complementado pelos índices remissivos de autores e assuntos. Essas versões apresentavam apenas a referência bibliográfica de cada pesquisa desenvolvida, enquanto que a versão eletrônica apresentava

outras informações como, por exemplo, resumo do trabalho (*abstract*), endereço do autor para correspondência, e, ainda, indicação do idioma original da publicação (NLM, 2008).

Em 1971, MEDLARS em linha configurou a introdução do MEDLINE, um banco de dados interativo pesquisável a partir de dados inseridos, após 1966, denominado Index Medicus dessa data em diante. Em meados da década de 1990, a NLM foi assistida em seu esforço para fornecer acesso *online* a essas citações velhas pelo Deutsches Institut für Medizinische Dokumentation und Information (DIMDI), a International Center MEDLARS, na Alemanha. DIMDI tinha fitas com os dados originais a partir de 1964 e 1965 do Cumulative Index Medicus (CIM), convertidos, e, em seguida, fornecida à NLM para criar OLDMEDLINE, em 1996. As citações a partir de 1960 - 1963 do CIM e 1948 – 1959 da Lista Atual de Literatura (CLML) foram convertidos de cópia impressa em forma legível por máquina, como um Projeto de Índice Mecanizado, numa tentativa de automatizar a publicação da NLM, o Current List of Medical Literature (NLM, 2008).

Em uma iniciativa de retroceder a indexação da produção científica anterior a 1966, isto é, período abrangido de 1948 a 1965, foi criado, pela Biblioteca Nacional de Medicina® (NLM®), o OLDMEDLINE, subconjunto do PubMed® (Public Medical), representando cerca de 1.888.000 citações de artigos em revistas biomédicas internacionais que cobrem os campos da medicina, ciências pré-clínicas e ciências, afins, de saúde. Esses artigos de periódicos provêm de dois índices de impressão Cumulated Index Medicus (CIM) e a posterior lista de Literatura (CLML) (NLM, 2008).

Fazem parte da base de dados MEDLINE, que abrange também a enfermagem, odontologia, medicina, medicina veterinária e saúde pública, citações bibliográficas e resumos de mais de 5.200 títulos de revistas publicadas nos Estados Unidos e em outros 80 países, cobrindo mais de 9 milhões de registros de todo o mundo, com predominância da língua inglesa, idioma eleito como linguagem da comunicação na ciência (NLM, 2008).

A base MEDLINE, subconjunto da base PubMed, base de dados bibliográfica internacional da área médica e biomédica, indexa sistematicamente, além dos periódicos selecionados pelo comitê gestor, outros títulos que publicam, esporadicamente, assuntos do interesse das ciências da saúde, p.ex., citações de artigos que tratam de astrofísica, ciência geral, placas tectônicas e química geral, sendo que essa BDB indexa exclusivamente artigos de periódicos. PubMed é a interface gratuita que provê acesso à base de dados MEDLINE (PACKER; TARDELLI; CASTRO, 2007; NLM, 2008).

A NLM edita, além do MEDLINE, PreMEDLINE (ou PMID) (citações enviadas pelos editores), o *GenBank* y *Complete. Genoma*. MEDLINE contém subbases: AIDS,

Bioethics, Complementary Medicine, Core Clinical Journals, Dental Journals, Nursing Journals e PubMed Central (MUNOZ-MUNOZ, 2006).

Essas bases de dados disponíveis na *WEB* podem ser pesquisados através da página, ou portal, Gateway NLM - (http://www.ncbi.nlm.nih.gov/PubMed), permitindo também ser operacionalizada, com acesso aberto, gratuitamente, por meio do portal global da Biblioteca Virtual em Saúde – BVS, respectivamente, e do acesso ao SIBiUSP - bases de dados eletrônicas, de acesso aberto ou restrito, mantido pela Universidade de São Paulo.

A Biblioteca Cochrane, criada em 1993, é uma rede internacional de pessoas que se ajudam, discutindo pesquisas, fortalecendo os profissionais de saúde, decisores políticos, os pacientes, seus advogados e educadores, na tomada de decisões bem informadas sobre os cuidados com a saúde humana. Consiste de uma coleção de fontes de informação atualizada sobre medicina baseada em evidências, incluindo a Base de Dados Cochrane de Revisões Sistemáticas - que são revisões preparadas pelos Grupos da Colaboração Cochrane, até 2011; mais de 4000 delas já estão publicadas em linha. O acesso é feito através da BVS e está disponível aos países da América Latina e Caribe, exclusivamente (BIREME. OPAS. OMS, 2010a).

A Coleção Cochrane está configurada pelo conjunto das oito bases da Cochrane Library, pelo conjunto de bases da Biblioteca Cochrane Plus, reunidas pelo Centro Cochrane Ibero-Americano, que inclui conteúdos em espanhol, e pelos resumos de revisões sistemáticas Cochrane, traduzidos ao português, produzidos pelo Centro Cochrane do Brasil. Cada conjunto de bases de dados pode ser pesquisado separadamente, através de uma interface trilíngue (português, espanhol e inglês), adaptada e desenvolvida pela BIREME, ou através da metapesquisa simples do Portal da Cochrane, na BVS.

O acesso a essa ampla e atualizada coleção de fontes de informação sobre evidências em saúde é produto de contratos de cooperação, firmados entre a Organização Pan-Americana da Saúde, por meio da BIREME, e as empresas Wiley Sons (US) e a Update Software (UK), com apoio da Colaboração Cochrane, do Centro Cochrane Ibero-Americano e do Centro Cochrane do Brasil. Esse acesso está disponível gratuitamente aos profissionais de saúde e de informação da América Latina e Caribe (BIREME. OPAS. OMS, 2011a).

A base de dados CINAHL (Cumulative Index to Nursing & Allied Health Literature), é fonte confiável de informação para a literatura profissional de enfermagem, aliada à saúde, biomedicina e cuidado à saúde. Durante quase quarenta anos, o Cumulative Index to Nursing & Allied Health Literature têm realizado a indexação de periódicos em língua inglesa, assim como a seleção daqueles em língua estrangeira, relacionados à

enfermagem e outras áreas especializadas de cuidado à saúde. A base de dados também inclui materiais relevantes de dezessete disciplinas, relacionadas à área da saúde, além da biomedicina, administração, ciências comportamentais, biblioteconomia em ciências da saúde e saúde do consumidor. A base de dados CINAHL é apontada por Lo-Biondo Wood e Haber (2001) como primeira opção de pesquisa, e melhor fonte de pesquisa para a enfermagem pois permite localização de referências de resenhas de livros e fontes de referência. Corroborando essa afirmação Galvão (2002) também sugere o uso dessa base para os autores realizarem suas buscas quando a proposta é desenvolver uma revisão sistemática da literatura. A CINAHL traz referências de livros, capítulos de livros, panfletos, materiais audiovisuais, teses, *software* educativos, anais de congressos selecionados, padrões da prática profissional, ações da prática em enfermagem, avaliações críticas e instrumentos de pesquisa. Essa base de dados está disponível no *site* da Capes, cujo acesso, Periódicos Capes, é produto resultante de consórcio entre instituições mantenedoras de pesquisa científica.

A EMBASE - criada em 1974, é um serviço eletrônico da Elsevier que oferece acesso às bases de dados EMBASE e MEDLINE. Abrange as áreas de ciências biomédicas básicas, biotecnologia, engenharia biomédica e instrumentação, administração e política da saúde, farmacologia, saúde pública, ocupacional e ambiental, psiquiatria e psicologia, ciência forense, medicina veterinária, odontologia, entre outras. É a versão eletrônica das 52 seções da Excerpta Médica.

Oferece cobertura a 7.500 títulos de periódicos, sendo que 2.000 não estão incluídos em MEDLINE, contém mais de 15 milhões de registros bibliográficos com resumos da EMBASE (desde 1974) e MEDLINE (desde 1966) e *links* diretos ao conteúdo do texto completo no ScienceDirect, Springer-Verlag, Thieme, Cell Press, Catchword e Karger Online, caso a Instituição tenha licença.

O acesso se efetiva a partir de equipamentos existentes nos *campi* da USP (USP. SIBI, 2011, s.p.).

Outro sistema em linha, que provê acesso à informação, é a Web of Knowledge, base de dados que permite acesso ao Science Citation Index Expanded and Social Sciences Citation Index. Essa base de dados também é utilizada para levantar o impacto que pesquisadores e pesquisas tiveram no campo da investigação científica, além de servir de base referencial em buscas bibliográficas.

Em 1978, a BIREME, então responsável pela indexação e divulgação da produção científica gerada na América Latina e Caribe, lança o Índex Medicus Latino-Americano (IMLA) como seu principal produto. A partir disso, os serviços de controle

bibliográfico/disseminação da informação descentralizaram-se, originando daí o Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Como consequência dessa descentralização, o IMLA evolui para LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, atendendo o objetivo de representar um índice bibliográfico da produção científica e técnica em saúde (BIREME. OPAS. OMS, 2009).

É um produto cooperativo da Rede BVS, coordenado pela BIREME. OPAS. OMS – Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, pertencente à Organização Pan-americana da Saúde (BIREME. OPAS. OMS, 2009).

LILACS também indexa outros tipos de literatura científica e técnica como teses, monografias, livros e capítulos de livros, trabalhos apresentados em congressos ou conferências, relatórios, publicações governamentais e de organismos internacionais regionais, produzidas na América Latina e Caribe. Seus registros são também indexados no Google da *WEB* e no Google acadêmico (PACKER; TARDELLI; CASTRO, 2007; BIREME. OPAS. OMS, 2010a).

Em 2011, LILACS comemora 25 anos de serviços prestados à comunidade acadêmica atingindo 541.710 mil registros bibliográficos de artigos publicados em 825 periódicos em ciência da saúde, atualmente indexados (BIREME. OPAS. OMS, 2011b). Em novembro de 2010, foi lançado seu novo portal que oferece facilidades como inovações nos recursos oferecidos para pesquisa, com o objetivo de buscar melhoria na usabilidade e em resultados agregados a esse índice de literatura científica. Esse novo portal poderá ser usado por meio do *site* http://LILACS.bvsalud.org

Dentre as BDB nacionais, a BDENF- Base de Dados em Enfermagem é uma fonte de informação, composta por referências bibliográficas da literatura técnico-científica brasileira em Enfermagem. Projetada pela equipe da biblioteca J. Baeta Viana da UFMG, teve seu primeiro número impresso em 1992, com 2610 registros inseridos. Uma das atribuições da BDEnf junto à Bireme era a de ampliar a base de dados LILACS, na especialidade enfermagem (LEITE et al., 1997). Sua operação, manutenção e atualização é coordenada pela Escola de Enfermagem do Câmpus da Saúde, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e Centros Cooperantes REDE BVS ENFERMAGEM. Contém artigos das revistas mais conceituadas da área de Enfermagem e outros documentos tais como, teses, livros, capítulos de livros, anais de congressos ou conferências, relatórios técnico-científicos e publicações governamentais. Oferece mecanismo de busca com opções de pesquisa livre, básica e avançada. A BDENF pode ser consultada por meio do portal da BVS e apresenta a mesma interface das demais bases de dados do portal (BIREME. OPAS. OMS, 2010a).

Segundo Packer, Tardelli e Castro (2007), os artigos indexados nas BDB são representados por metadados bibliográficos e por descritores, estabelecidos pelos autores das pesquisas e atribuídos por processos manuais pelos profissionais da saúde e da ciência da informação. Esses descritores são utilizados na formulação das estratégias de busca como nos estudos bibliométricos e cientométricos, que se desenvolveram nos países mais avançados, assim, também Noronha (1998) em seu estudo, aponta esse conceito que agora desperta grande interesse nos países em desenvolvimento, incluindo o Brasil, visto que o resultado dessa mensuração é refletido nos índices de impacto, como o JCR e o Qualis – Capes. Essa mensuração atualmente é muito valorizada pela SCOPUS, por meio do fator H, cujo reflexo impacta diretamente os currículos dos pesquisadores e das universidades.

Para Silveira e Bazi (2009),

> os trabalhos de cunho quantitativo se orientam para a mensuração, descrição e avaliação do núcleo e dispersão de uma população (autores, instituições, periódicos, artigos de periódicos, citações, temáticas, recortes temporais e seus desdobramentos) através da informação registrada e disponível nos diversos estoques de informação. Utilizam-se dos métodos métricos da informação (bibliometria, cienciometria, infometria, webometria e outros) e têm como objetos de estudo, as referências contidas no final das contribuições científicas (p. 2).

Um dos organismos internacionais, a Sigma Theta Tau International estabeleceu, como prioridades na área da pesquisa, a promoção de comunidades saudáveis através da promoção da saúde, prevenção de doenças e reconhecimento de determinantes sociais, econômicos e políticos; implementação da prática baseada em evidência; atendimento às necessidades das populações vulneráveis e capacitação dos enfermeiros para a pesquisa (USP. EERP, 2010a).

Para conseguir avanços no conhecimento de enfermagem e implementar mudanças na prática, é essencial que as pesquisas realizadas sejam publicadas e acessíveis ao público-alvo. É necessário, ainda, buscar alternativas que auxiliem os pesquisadores iniciantes e/ou mais experientes a encontrar o caminho no mundo da publicação, impressa, virtual, acessível. Essa prática deve ser uma constante na rotina dos enfermeiros, visto que a prática por si só não oferece fundamentação para seu perfeito exercício (USP. EERP, 2010a).

Recursos alternativos, utilizados para localização de bibliografia especializada, encontram-se anexados à pagina do Capítulo Rho Upsilon da Sociedade Honorífica de Enfermagem Sigma Theta Tau International (STTI) da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo; a Sigma Theta Tau International é representada em mais de 430 escolas em todo o mundo. A consolidação do Capítulo representa a iniciativa de

enfermeiros líderes brasileiros de fortalecer a enfermagem, ampliar sua visibilidade e as redes de comunicação entre profissionais. Suas atividades auxiliam a construir parcerias com indivíduos e comunidades, utilizando o conhecimento e a ciência para a melhoria da saúde da população mundial (USP. EERP, 2010b).

A emergente necessidade de produzir conhecimento em enfermagem e divulgá-lo conta com recursos eletrônicos que possibilitam a localização de material, por meio de ferramentas, para determinação dos descritores da pesquisa. A utilização dessas ferramentas são indicadas quando se pretende fazer pesquisa em BDB. A linguagem controlada é caracterizada pelos campos onde é inserida, isto é, campo de descritor, identificadores e termos de indexação.

A elaboração de estratégias de busca eficazes que permitam localização e, consequentemente, a recuperação de informação é fundamental para que se obtenha resultado adequado, quando se realiza uma pesquisa nas bases de dados. Os sistemas de recuperação de informações, também denominados bancos de dados, possibilitam recuperar informação de qualidade e também permitem buscas textuais mais complexas, ou seja, pode-se buscar por palavras que compõem o título ou resumo e também pelos autores. Já a estratégia de busca composta por descritores, estabelecidos nos tesauros, rastreia e recupera informação mais qualificada, ou seja, aquela direcionada especificamente para o assunto desejado. Então, entende-se a estratégia de busca como "uma técnica ou conjunto de regras para tornar possível o encontro entre uma pergunta formulada e a informação armazenada em uma base de dados" (LOPES, 2002, p. 41).

Para a determinação dos descritores envolvidos nas buscas, conta-se com ferramentas inseridas nas bases de dados e cuja utilização leva à recuperação de bibliografia mais direcionada à pesquisa que se está desenvolvendo. Indica-se o uso desses recursos, os tesauros, como item essencial durante o processo de pesquisa.

A busca eficiente da bibliografia requer o estabelecimento de estratégias de assunto baseadas em tesauros especializados. Esses tesauros têm como função o estabelecimento de descritores que, quando utilizados nas estratégias de busca, permitem a recuperação de material qualificado, e muito mais relacionado à pesquisa de interesse no momento do que se a busca tivesse sido elaborada por meio de palavras ou termos na linguagem natural. As buscas que não usam descritores do tesauros geralmente frustram o pesquisador, uma vez que muito material irrelevante será recuperado, o que não ocorreria caso tivesse optado pelo uso de descritores (PINILLO LEÓN; CAÑEDO ANDALIA, 2005).

O MeSH existe desde 1963, é usado na indexação de documentos tais como:

artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos, e outros tipos de materiais. Essa primeira etapa é fundamental para a recuperação de assuntos da literatura científica em bases de dados (PELLIZZON, 2004).

Anteriormente a esse ano, a NLM publica o MeSH - Medical Subject Headings, tesauros controlado. É constituído por conjuntos de nomes, termos descritores em uma estrutura hierárquica, que permite pesquisar em diversos níveis de especificidade. MeSH descritores estão dispostos em ambos, uma alfabética e uma estrutura hierárquica. Em 2009[3], havia 25.186 descritores MeSH. Esse vocabulário controlado do MEDLINE é fornecido gratuitamente na *WEB* podendo ser acessado em http://www.nlm.nih.gov/MeSH. Na BDB MEDLINE, cada referência bibliográfica é associada a um conjunto de termos MeSH que descreve o conteúdo do item. Da mesma forma, pesquisas utilizarão vocabulário MeSH para encontrar itens em um tópico desejado.

O MeSH, continuamente, passa por revisão e atualização do vocabulário, por funcionários especialistas responsáveis pelas áreas das ciências da saúde em que eles têm conhecimento e competência. Para além de receber sugestões de indexadores e outros, são recolhidos novos termos que aparecem na literatura científica ou em áreas emergentes da investigação; definem esses termos no contexto do atual vocabulário e recomenda a sua adição ao MeSH. Profissionais em várias disciplinas são também consultados sobre amplas mudanças organizacionais e de vocabulários especializados.

Com a crescente produção de comunicação científica em enfermagem, a inclusão de novos periódicos e o surgimento de mais terminologias na área, houve a necessidade de criar um diretório de termos chave para direcionar as pesquisas em CINAHL. Liderada pela bibliotecária chefe do Los Angeles County Hospital, um grupo de bibliotecárias temáticas, em 1964, percebe a lacuna existente nesse índice bibliográfico e, por força das exigências de assinantes desse índice, organizaram o List of Subject Headings, tesauros especializado que, em 1971, pôde ser consultado a partir das páginas amarelas do volume anual do CINAHL. Em 1977, além da terminologia em enfermagem, o CINAHL tesauros expandiu-se e incluiu terminologia de outras áreas da saúde e afins.

Para assuntos clínicos como nomes de doenças, nomes de drogas, terminologia anatômica e procedimentos cirúrgicos, o CINAHL baseou-se em terminologia do MESH, tesauros do MEDLINE. Após a informatização da base e, posteriormente, sua aquisição pelo consórcio da Capes, essa ferramenta está acessível a partir do serviço Periódicos Capes,

[3] Fonte: First published: 01 September 1999; última atualização 20 September 2004. Disponível em http://www.nlm.nih.gov/mesh/meshhome.html. Acesso em: 20 abril 2010.

disponível em http://www.capes.gov.br (FISHEL et al., 1985).

A BIREME em 1986, criou o DeCS – Descritores em Ciências da Saúde da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) como recurso imprescindível para recuperação da informação de qualidade, traduzindo e adaptando termos do Medical Subject Headings – MeSH, produzido pela U.S. National Library of Medicine, tesauros complementar aos índices bibliográficos (PELLIZZON, 2004).

Trata-se de recurso no formato de vocabulário estruturado, trilíngue (português, espanhol e inglês), apresentando coleções de termos organizados segundo uma metodologia na qual é possível especificar as relações entre conceitos, com o propósito de facilitar o acesso à informação. Os vocabulários são usados como uma espécie de filtro entre a linguagem utilizada pelo autor e a terminologia da área e, também, podem ser considerados como assistentes de pesquisa, ajudando o usuário a refinar, expandir ou enriquecer suas pesquisas proporcionando resultados mais objetivos. Representa a terminologia padrão utilizada para a indexação e navegação nas fontes de informação da BVS - Biblioteca Virtual em Saúde, isto é, artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos, e outros tipos de materiais, assim como em pesquisas e recuperação de assuntos da literatura científica nas bases de dados LILACS, MEDLINE e outras.

A compatibilidade com a terminologia MeSH (Medical Subject Headings) da NLM (National Health of Medicine) e o compromisso com sua correspondente atualização e tradução dos termos ao português e ao espanhol permitiram a cooperação efetiva, nos últimos anos, com o projeto UMLS (Unified Medical Language System, NLM).

O DeCS contém ainda a terminologia das áreas de Saúde Pública, Homeopatia, Ciência e Saúde e Vigilância Sanitária (BIREME. OPAS. OMS, 2010b).

O DeCS é um vocabulário dinâmico totalizando 30.369 descritores, sendo, desses, 25.671 do MeSH e 4.698 exclusivamente do DeCS. O número é maior que o total, pois um descritor pode ocorrer mais de uma vez na hierarquia. Por ser dinâmico, passa por processo constante de crescimento e mutação registrando, a cada ano, um mínimo de 1.000 interações na base de dados dentre alterações, substituições e criações de novos termos ou áreas, integrando a metodologia LILACS, e é um componente da Biblioteca Virtual em Saúde.

Tem como finalidade principal servir como linguagem única para indexação e recuperação da informação entre os componentes do Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, coordenado pela BIREME, abrangendo 37 países na América Latina e no Caribe, permitindo diálogo uniforme entre cerca de 600 bibliotecas. Participa do projeto de desenvolvimento de terminologia única e rede semântica em saúde,

UMLS - Unified Medical Language System da U.S. National Library of Medicine, com a responsabilidade da atualização e envio dos termos em português e espanhol (BIREME. OPAS. OMS, 2010b).

Vocabulários estruturados são necessários para descrever, organizar e prover acesso à informação. O uso de vocabulário estruturado permite ao pesquisador recuperar a informação com o termo exato utilizado para descrever o conteúdo daquele documento científico. Os vocabulários estruturados funcionam também como mapas que guiam os usuários até a informação. Com a expansão da *internet* e o número de potenciais pontos de acesso à informação crescendo exponencialmente, os vocabulários podem ser úteis provendo termos consistentes que permitam ao usuário selecionar a informação que necessita a partir de vasta quantidade de dados. Podem ser usados por variada gama de usuários como profissionais, incluindo médicos, pesquisadores, enfermeiros, estudantes, além de profissionais bibliotecários que os utilizam de processos de indexação e recuperação de informação. São usados para a indexação de documentos, criação de bases de dados, criação de índices de assunto, criação de bases de conhecimento para interfaces de inteligência artificial, como ferramentas auxiliares na recuperação de informação etc.

Os bancos de dados oferecem aos clientes inúmeras bases de dados sendo que cada uma delas contém milhões de informações. Lopes (2002) lembra que os erros ortográficos, formas variantes das palavras influenciam consideravelmente os resultados das buscas bibliográficas. Nesse contexto, está inserido o profissional da informação que atua como intermediário entre o pesquisador e os sistemas de informação, estando mais familiarizado com as linguagens de busca, apresentando melhor desempenho, pois possui conhecimento prévio de diversos fatores que interferem negativamente nos resultados das pesquisas (LOPES, 2002).

As **Bibliotecas Eletrônicas - BE** - pressupõem a existência de um acervo físico e utilizam recursos computacionais de forma ampla para armazenamento e recuperação de registros, construção e disponibilização de índices eletrônicos, busca e recuperação de textos completos em outras bibliotecas digitais (BIREME. OPAS. OMS, 2010a). A seguir, será realizada breve descrição das principais BE disponíveis aos usuários do *campus* de Ribeirão Preto, algumas de acesso aberto e outras de acesso regulamentado, hospedadas no SIBINet – Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, BVS e Capes.

SciELO - Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha) é um projeto consolidado de publicação eletrônica de periódicos científicos, seguindo o modelo de Open Access, que disponibiliza de modo gratuito, na *internet*, os textos completos dos artigos de mais de 290 revistas científicas do Brasil, Chile, Cuba, Espanha, Venezuela e outros países da América Latina. Além da publicação eletrônica dos artigos, SciELO provê enlaces de saída e chegada por meio de nomes de autores e de referências bibliográficas. SciELO é um modelo bem-sucedido de uma BE, espaço para a publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na *internet*. Especialmente desenvolvido para responder às necessidades da comunicação científica nos países em desenvolvimento e, particularmente, na América Latina e Caribe. O modelo proporciona solução eficiente para assegurar a visibilidade e o acesso universal à sua literatura científica, contribuindo para a superação do fenômeno conhecido como 'ciência perdida'. O Modelo SciELO contém, ainda, procedimentos integrados para medir o uso e o impacto dos periódicos científicos. Produto da cooperação entre a Fapesp (http://www.fapesp.br) - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, BIREME (http://www.bireme.br) - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, instituições nacionais e internacionais, relacionadas à comunicação científica e editores científicos. Um projeto piloto, envolvendo 10 periódicos brasileiros de diferentes áreas do conhecimento, foi desenvolvido com êxito entre março de 1997 e maio de 1998, com o desenvolvimento e a avaliação de metodologia adequada para a publicação eletrônica na *internet*. Desde junho de 1998, o projeto opera regularmente, incorporando novos títulos de periódicos e expandindo sua operação para outros países. A partir de 2002, o Projeto contou com o apoio do CNPq (http://www.cnpq.br) - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Trata-se de modelo de publicação eletrônica para países em desenvolvimento onde se obtém, gratuitamente, o texto completo, acessível de qualquer lugar do mundo, em tempo real (BIREME. OPAS. OMS, 2010a).

Rev@Enf Portal de Revistas de Enfermagem - Reúne uma coleção de revistas científicas de Enfermagem editadas no Brasil, disponibilizadas em texto completo e formato eletrônico com geração de estatísticas bibliométricas.

O Portal é fruto da parceria entre a Biblioteca Virtual em Saúde - Enfermagem (BVSEnf) e instituições responsáveis pelas publicações periódicas da área, e é coordenado pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

Sua meta é ampliar e fortalecer a divulgação do conhecimento científico

produzido pela Enfermagem e áreas afins, por meio de acesso universal e gratuito às publicações de uma coleção de periódicos científicos de Enfermagem, selecionados a partir da indexação na base LILACS e contribuir para a efetivação da Política Nacional de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde, promovendo a ampliação do acervo e facilitando o acesso dos usuários.

Com o propósito de sistematizar e difundir o conhecimento em enfermagem, o portal BVSEnf utiliza modelo BVS para tratar do desenvolvimento das principais fontes de informações na área temática.

A construção da BVS Enfermagem também foi implantada nos países: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Cuba, El Salvador e Portugal. "Percebemos um grande avanço da BVS Enfermagem nos países e, como resultado, foram formados Grupos de Trabalho com a participação dos representantes de cada país para discutir as fontes de informação da rede" (LANA, 2010, s.p.). O acesso ao portal está disponível em http://www.portalbvsenf.eerp.usp.br/scielo.php#about

A BVS frequentemente oferece o curso à distância – "Acesso à informação e evidências científicas para subsidiar decisões em Saúde Pública", com o objetivo de capacitar os clientes interessados em aprender a manusear as bases de dados e recuperar os documentos de seu interesse. Esse curso aborda, geralmente, os seguintes temas: processo de decisão em saúde baseada em evidências; uso dos recursos de pesquisa para a busca de informação na BVS; pesquisa por assunto aplicando a terminologia MeSH/DeCS; análise crítica da informação em saúde (BIREME. OPS. OMS, 2010a).

Portal de Periódicos Capes - é uma das atribuições da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), agência de fomento à pesquisa no Brasil, é estabelecer e avaliar os cursos de pós-graduação e desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil. Nesse compromisso, insere-se a responsabilidade de prover verbas para incrementar os acervos das bibliotecas da federação; permitindo, dessa forma, a democratização do acesso *online* à informação científica internacional de alto nível. Porém, manter atualizada a coleção de periódicos estrangeiros impressos e arcar com esse custo rotineiramente em várias bibliotecas do sistema de ensino da federação tornou-se inviável para ela. A partir dessa constatação, tomou-se a iniciativa de manter o acervo dessas bibliotecas por meio da criação do **Portal de Periódicos** da Capes. Trata-se de biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa o melhor da produção científica internacional.

A história do Portal de Periódicos remonta ao ano 1990, quando, com o objetivo de fortalecer a pós-graduação no Brasil, o Ministério da Educação (MEC) criou o programa para bibliotecas de Instituições de Ensino Superior (IES). Foi a partir dessa iniciativa que, cinco anos mais tarde, foi criado Programa de Apoio à Aquisição de Periódicos (PAAP). O Programa está na origem do atual serviço de periódicos eletrônicos oferecido à comunidade acadêmica brasileira pela Capes.

O Portal de Periódicos foi planejado durante o período de 1990-2000 e oficialmente lançado em 11 de novembro de 2000, na mesma época em que começavam a ser criadas as bibliotecas virtuais e quando as editoras iniciavam o processo de digitalização dos seus acervos.

Para suprir esse déficit à informação científica internacional pelas bibliotecas brasileiras, o Portal conta com acervo de mais de 26 mil títulos com texto completo, 130 bases referenciais, nove bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual.

Além de solucionar o problema do acesso à informação científica com a criação desse portal, a Capes resolveu outro grande obstáculo, enfrentado pelos pesquisadores de regiões menos abastadas do país, reduziu os desnivelamentos regionais no acesso a essa informação no Brasil (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. CAPES, 2010). Essa iniciativa foi considerada modelo de consórcio de bibliotecas, único no mundo, pois é inteiramente financiado pelo governo brasileiro, cobrindo todo o território nacional.

Sendo ferramenta fundamental para a pesquisa, essa iniciativa contribui para o aumento da produção científica nacional e o crescimento da inserção científica brasileira no exterior, atendendo às demandas dos setores acadêmico, produtivo e governamental. O Portal de Periódicos tem como missão promover o fortalecimento dos programas de pós-graduação no Brasil. Dinâmico, esse portal atualiza-se pela aquisição de novos títulos, bases de dados e outros tipos de documentos, a partir dos interesses da comunidade acadêmica brasileira.

O acesso gratuito à parte do conteúdo científico de alta qualidade pode ser feito a partir da página dos Periódicos de Acesso Livre, oferecendo bases de dados nacionais e internacionais gratuitas, selecionadas pela equipe do Portal, referências de teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação de todo o Brasil e periódicos brasileiros com boa avaliação no programa Qualis - Capes (CAPES, 2010).

Usuários que não possuem permissão para acessar esse portal podem se utilizar de parte dele por meio do Portal de Periódicos no *site* da Capes.

Em 2009, o Portal atinge a marca de mais de 15 mil periódicos com texto completo e 126 bases referenciais. O Portal ainda trabalha na diversificação desse acervo, por meio da aquisição de normas técnicas e 515 livros eletrônicos (CAPES, 2010).

O movimento **Open Access,** ou acesso aberto a títulos de periódicos, foi desenvolvido pelo Public Knowledge Project (PKP) da British Columbia University do Canadá e seus conteúdos podem ser recuperados a partir do Portal de Revistas em Ciências da Saúde - Catálogo de Revistas Científicas. Esse portal disponibiliza informação sobre a descrição bibliográfica dos títulos de revistas científicas da área da saúde, disponibilidade e forma de acesso ao formato eletrônico e às coleções das bibliotecas que cooperam com o Catálogo Coletivo SeCS - Seriados em Ciências da Saúde. São mais de 13 mil registros de revistas nacionais e internacionais, indexadas nos principais índices bibliográficos da área da saúde.

Seu *lay-out* foi organizado em forma de catálogo e o Portal de Revistas Científicas oferece ao público informações sobre a descrição bibliográfica dos títulos nele indexados. Trata-se de ferramenta oferecida para editoração (gestão e publicação) de periódicos científicos na *internet*, controlando todas as fases do processo, desde a submissão de artigos até sua indexação em mecanismos internacionais. Também, nessa linha de serviços oferecidos o IBICT, no Brasil, oferece o SEER, Serviço de Editoração Eletrônica de Revistas.

Outras possibilidades de obtenção do texto completo podem ser encontradas buscando a informação por meio dos portais abaixo relacionados e disponíveis também no *site* da BVS: Portal SciELO, Portal Capes, HINARI, Free Medical Journals, Unifesp/Revistas médicas gratuitas. Outros *links* relacionados a esse assunto também estão acessíveis em BioMed Central, Bioline International, DOAJ - Directory of Open Access Journals, HighWire Free, PubMed Central (BIREME. OPS. OMS, 2010a).

A **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações** da Universidade de São Paulo foi criada com o objetivo de disponibilizar, na *internet*, o conhecimento produzido pelos trabalhos defendidos na Universidade de São Paulo. O acesso a esse portal permite que as comunidades brasileira e internacional tenham em mãos a versão digital completa das teses e dissertações, divulgando, assim, as pesquisas desenvolvidas na universidade bem como autores e orientadores. Foi inaugurada em 2001, e em 2010 aconteceu a inauguração de seu novo Portal.

A Biblioteca Digital está associada a uma iniciativa global, reconhecida pela Unesco, a *Networked Digital Library of Theses and Dissertations* (NDLTD), o que lhe

garante maior confiabilidade e abrangência, e tambem associada ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) do Ministério da Ciência e Tecnologia, através da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2010).

No Quadro 1, está demonstrado o elenco dessas BDB e seus desdobramentos, bibliotecas eletrônicas, indicando as instituições responsáveis pela sua organização e manutenção.

Bases de Dados Bibliográficas	**Mantenedor**	**Ano de criação**	**Endereço de acesso**
MEDLINE (subconjunto PubMed – NCBI)*	U.S. National Library of Medicine	1957	http://www.ncbi.nlm.nih.gov/PubMed
Cochrane Central Register of Controlled Trials (CENTRAL, Clinical Trials)	BIREME/BVS	1993	http://www.bvs.br
CINAHL - Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature	National Library of Medicine	1971	http://web.ebscohost.com/ehost/search/basic?hid=10&sid=3345d0c4-cfd1-49a2-b3c8-e7eee17e6992%40sessionmgr14&vid=2
Scopus	Elsevier		http://www.scopus.com
EMBASE	Elsevier	1974	http://embase.com
BDEnf – Base de Dados em Enfermagem	Biblioteca J. Baeta Viana da Universidade Federal de Minas Gerais	1988	http://www.bvs.br/bdenf
LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde	Rede BVS (BIREME/OPAS/OMS)	1982	http://www.bvs.br
Bibliotecas eletrônicas			
SciELO	BIREME/Fapesp	1998	http://www.scielo.org**
Portal Rev@Enf	BVSEnf/UFMG/ EERP-USP		http://www.portalbvsenf.eerp.usp.br/scielo
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações	Universidade de São Paulo	2001	http://www.teses.usp.br
Movimento Open Access (periódicos em texto completo)		-	http://www.bvs.br
Portal de Periódicos Capes	Capes-Fapesp	2000	http://www.capes.gov.br
Tesauros (descritores de assunto)			
MeSH – Medical Subject Headings***	National Library of Medicine	1982	http://www.ncbi.nlm.nih.gov/PubMed
DeCS – Descritores em Ciências da Saúde	Rede BVS (BIREME/OPAS/OMS)	1986	http://decs.bvs.br

* MEDLARS - (Medical Literature Analysis and Retrieval System), 1957 = Index Medicus = MEDLINE (subconjunto PubMed - NCBI), 1966- . OLDMEDLINE (subconjunto PubMed®), 1948-1965-MEDLINE
** www.scielo.br (somente para acesso às publicações brasileiras e www.scielo.org, abrange a coleção de todos os títulos indexados em SciELO; *** MeSH – Medical Subject Headings incorpora a lista de descritores do CINAHL

Quadro 1 – Mapa das principais bases de dados bibliográficas, bibliotecas eletrônicas e respectivos organizadores, usadas pelos profissionais de saúde.

1.3 A formação na graduação e a importância do aprendizado da busca bibliográfica na EERP-USP

Considerando que os sujeitos deste estudo são os alunos dos cursos de Bacharelado e Bacharelado e Licenciatura da EERP-USP, serão apresentadas algumas informações sobre as atuais propostas de formação desses cursos.

Na década de 90, é promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/96, estabelecendo as diretrizes curriculares como responsáveis pelos rumos da educação superior, extinguindo os currículos mínimos dos cursos existentes (SUDAM, 2005).

As Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos (DCNs) (BRASIL, 2001a) possibilitaram a construção de projetos políticos pedagógicos - PPP, com a perspectiva de inovar e flexibilizar a organização do ensino e transformar a realidade (SUDAM, 2005).

As DCNs da enfermagem alteram (BRASIL, 2001a) significativamente as perspectivas para o ensino, norteando os projetos políticos pedagógicos dos cursos de graduação, assim como referendando as políticas públicas voltadas para o Sistema Único de Saúde - SUS - em seus aspectos epidemiológicos, éticos e de cidadania (SUDAM, 2005).

Dessa forma, as instituições formadoras de profissionais de nível superior são incentivadas a buscar estratégias que solucionem e respondam à crescente insatisfação da população, quanto aos serviços de saúde oferecidos, e ao perfil inadequado de profissionais (SUDAM, 2005). Faz-se necessária a implantação de currículos integrados, orientados pelas necessidades de saúde manifestadas pela população, sendo suas metodologias mais centradas no aluno, reestruturando a formação de novos profissionais de saúde, permitindo a formação crítica, ética e humana (SUDAM, 2005).

Nesse contexto, em muitos cursos, a educação crítico-reflexiva, pautada no desenvolvimento integral do aluno e na sua contribuição social para a promoção de mudanças na realidade social do país, vem sendo adotada. Nesse modelo de formação, espera-se que o papel do aluno seja o de refletir sobre si mesmo e sobre sua prática profissional, inserido em contexto real de trabalho, gerando, processo ensino aprendizagem participativo (USP. EERP, 1993; CLAPIS et al., 2004; SUDAM, 2005).

Em 2005, a EERP-USP introduziu novas diretivas para o Curso de Bacharelado, adotando um novo PPP, fruto de inúmeras discussões, consensos e contrasensos, alicerçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), por meio da Resolução CNE/CES n.3, de 7

de novembro de 2001, seguindo recomendações do Ministério da Saúde - Parecer CNE/CES 1.133/2001 (BRASIL, 2001b). Nesse novo PPP, o currículo passa a se estruturar em uma visão do processo ensino aprendizagem participativa, reflexiva, permitindo "o desenvolvimento de competências, articulando a teoria e a prática e privilegiando o enfoque interdisciplinar, propiciado pela integração de conteúdos de disciplinas" (SANTANA et al., 2005; USP. EERP, 2010b, s.p.), formando profissionais conscientes do exercício da cidadania. Assim, esse PPP é regido pela intenção de construção de currículo por competência e integrado, favorecendo a articulação da formação do aluno ao mundo do trabalho, bem como pela perspectiva metodológica problematizadora.

Até então, os conteúdos das disciplinas eram prioritariamente transmitidos em aulas tradicionais e, assim, os alunos concluíam o curso acumulando conteúdos teóricos, porém, sua formação reflexiva e socialmente comprometida precisa ser fortalecida.

A partir dessas perspectivas teóricas, o PPP do bacharelado pretende formar o profissional enfermeiro com competência técnica, política, ética e humana para atuar na prática assistencial nos distintos campos de atuação, responsabilizando-se pelos "destinos de uma sociedade que se deseja justa, democrática e autossustentável" (USP. EERP, 2010b).

Paralelamente, oferecido, a partir de 2006, o curso de Bacharelado e Licenciatura em enfermagem vem adotando o referencial da pedagogia crítica e também o referencial da competência dialógica.

As competências tratam sempre de alguma forma de atuação e não podem ser apreendidas apenas no plano teórico e prático. Dessa forma, a aprendizagem por competências permite a articulação entre teoria e prática e supera a tradicional dicotomia entre essas duas dimensões, definindo-se pela capacidade de mobilizar múltiplos recursos numa mesma situação. Esse conhecimento, adquirido na reflexão sobre as questões pedagógicas, e aqueles construídos na vida profissional e pessoal respondem a diferentes demandas das situações de trabalho (Parecer 0029/2001) (USP. EERP, 2010b).

O curso de licenciatura em enfermagem tem como objetivo geral formar o profissional enfermeiro, com competência técnica, política, ética e humana para atuar na prática assistencial nos distintos campos de atuação, na promoção da saúde, na educação básica e na docência em educação profissional em enfermagem (USP. EERP, 2010b).

O perfil proposto ao graduando enfermeiro, licenciado em enfermagem, envolve a formação humanista, crítica e reflexiva que o qualifica para atuar como enfermeiro generalista, promotor da saúde na educação básica e como professor na educação profissional em enfermagem, no contexto da realidade social de saúde e da educação brasileira, capaz de

conhecer e intervir sobre os problemas/situações de educação e de saúde/doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional e, ainda, capacitado para atuar com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da educação e saúde integral do ser humano.

A partir dessa ótica, para a formação do enfermeiro, a USP-EERP proporciona ao estudante oportunidades de aprendizagem, trabalhando a formação na área de competência do cuidado integral às necessidades individuais e coletivas segundo os princípios da Atenção Primária à Saúde (APS), contemplando as subáreas: cuidado integral às necessidades individuais nas distintas fases do ciclo de vida, cuidado integral às necessidades coletivas e organização e gestão do cuidado integral e dos serviços de saúde (USP. EERP, 2010b).

O curso de licenciatura, além disso, favorece ao estudante o desenvolvimento de atributos (conhecimentos, habilidades e atitudes) para a organização e o acompanhamento de atividades educativas, promotoras de saúde no cenário da escola de educação básica e para a docência na educação profissional em enfermagem, envolvendo dimensões políticas, gerenciais, pedagógicas e relacionais para a compreensão e a atuação nesses contextos.

Falar das competências do enfermeiro só tem sentido quando há reflexão crítica sobre os interesses orientadores da prática, as intenções que a movem, o destino das ações, no contexto da sociedade, ou seja, quando se articulam as suas dimensões técnica, política e ética (USP. EERP, 2010b).

Severino (2008) aponta que a universidade e seu conjunto de professores têm por responsabilidade colaborar com o aluno de graduação no desenvolvimento de suas competências, oferecendo seus conhecimentos acumulados durante anos de ensino como também por meio de processo de troca – ensinar – aprender – acrescentar em sua bagagem de saberes novos, conhecimentos, resultado de prática reflexiva transformadora numa interação professor e aluno.

A universidade não é a única responsável pela formação de seus alunos, mas pode, no desenvolvimento do PPP dos cursos, possibilitar o desempenho de diferentes papéis, construindo formação transformadora, crítica, reflexiva, exercitando o trabalho intelectual, criando novos significados à prática profissional. Quando inseridos no contexto acadêmico, os alunos podem ser incitados, pelos professores, a pensar, buscar novos paradigmas ou soluções para situações problematizadoras apresentadas em salas de aula. A atividade intelectual exige dos alunos certa disciplina, concentração, observação, leituras diversas, persistência na busca e procura de informações, rompendo, assim, formas verticalizadas do saber, contribuindo para uma relação horizontalizada, entre alunos e professores, por meio da discussão e articulação

de novos conteúdos, além da possibilidade da aproximação ao campo da investigação (SEVERINO, 2008).

Nesse cenário de aprendizagem, é fundamental que os alunos desenvolvam percepção mais aguçada, o espírito de dúvida, os questionamentos e as críticas, pois é por meio dessas habilidades que é possível perceber que a ciência não é algo "acabado", "concluído", "imutável", mas provisório, passível de mudanças constantes, sofrendo transformações e atualizações. É importante os alunos serem estimulados a buscar, em fontes confiáveis de pesquisa, novos saberes, construindo novos objetos de pesquisa, mediados pela constante presença do professor orientador (PAOLI, 1993). Utilizar adequadamente recursos da tecnologia da informação e da comunicação no processo ensino aprendizagem e na prática assistencial, é fator primordial para a formação pedagógica no processo do autoconhecimento, desenvolvimento da sensibilidade humana, senso de responsabilidade, solidariedade e justiça para atuar com disponibilidade e flexibilidade, respeitando os princípios ético-legais e humanos (SEVERINO, 2008; USP. EERP, 2010b).

As metodologias ativas propostas nos cursos da EERP-USP supõem a possibilidade de o estudante desenvolver autonomia e o raciocínio crítico, o que implica em aprender a buscar conhecimentos e não apenas restringir-se à fala e textos já oferecidos pelo professor.

Assim, adota-se em algumas disciplinas um ciclo pedagógico composto pelas seguintes etapas: inserção na realidade, síntese provisória, busca bibliográfica às questões de aprendizagem, nova síntese e avaliação[4] (LALUNA; ROSA, 2005).

Desse modo, a busca bibliográfica é uma das etapas do ciclo pedagógico adotado, sendo fundamental que o aluno adquira conhecimentos e habilidades para desenvolvê-la satisfatoriamente.

Nesse contexto, desde o primeiro ano de ambos os cursos, os alunos deparam-se com a árdua tarefa de realizar busca bibliográfica e, apesar de serem, em sua maioria, jovens e acostumados ao uso da *internet*, apresentam dificuldades que têm sido percebidas como dificultadora ao aprendizado.

---

[4] A inserção na realidade é o momento em que o estudante, a partir de suas experiências e conhecimentos adquiridos anteriormente, realiza a coleta de dados para conhecer a realidade, narrando a sua vivência. A síntese provisória é realizada em subgrupo, a partir da leitura, discussão e síntese dos relatos individuais, de modo a identificar os problemas relacionados à realização da tarefa, que geram questões de aprendizagem. A busca de informações (conhecimentos) deve ser realizada em fontes variadas, de modo a subsidiar a compreensão das questões de aprendizagem, compondo uma síntese da pesquisa. A nova síntese, realizada em subgrupo, é obtida pela reflexão sobre informações/conhecimentos, relatados pelos alunos, com a intenção de compreender os problemas identificados e reconstruir a prática profissional nas próximas imersões nos cenários. A avaliação é realizada ao final de cada atividade, incluindo a autoavaliação, a avaliação do grupo e a avaliação do professor/facilitador.

Mesmo com a realização de momentos de oficinas para aprendizado de busca bibliográfica, falta o conhecimento mais sistemático sobre os processos construídos pelos estudantes e as dificuldades vividas na busca bibliográfica, o que poderia contribuir para a organização dos momentos de ensino aprendizagem.

Além disso, os estudantes vão realizar obrigatoriamente Trabalho de Conclusão de Curso e alguns, iniciação científica, iniciando-se no processo de pesquisa propriamente dito, sendo um potencial aluno de pós-graduação. Assim, mais uma vez, o aprendizado constante da busca bibliográfica é imprescindível ao estudante.

Compreende-se, portanto, que tal aprendizado é fundamental para a formação do enfermeiro assistencial, professor e pesquisador, pois, em todas essas práticas, a busca de conhecimento permanente é necessária para a construção do cuidado, da docência e de processos de pesquisa de qualidade.

2 OBJETIVO

Conhecer e analisar como são realizadas as buscas bibliográficas quanto à elaboração das estratégias de busca, determinação dos descritores de assunto, uso de bases de dados bibliográficas, recuperação de documentos em texto completo, quais são as dificuldades encontradas nesse processo por alunos de graduação em enfermagem dos cursos de Bacharelado e Bacharelado e Licenciatura da EERP-USP.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Estudo

Trata-se de estudo descritivo-exploratório qualitativo, inserido no campo do ensino em saúde.

A pesquisa exploratória utiliza métodos bastante amplos e versáteis. Os métodos empregados compreendem: levantamentos em fontes secundárias (bibliográficas, documentais etc.), levantamentos de experiência, estudos de casos selecionados e observação informal.

Uma das características da pesquisa qualitativa, cuja natureza é descritiva e exploratória, é compreender o processo pelo qual as pessoas constroem e descrevem significados, tendo como preocupação os ambientes onde são colhidos os dados, isto é, o ambiente natural dos participantes envolvidos na pesquisa, sendo que a palavra escrita tem fundamental importância na coleta e registro dos dados, assim como na divulgação dos resultados coletados (MINAYO, 2008).

A importância da abordagem qualitativa acontece por aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto. Esse tipo de abordagem responde a questões singulares, cujo foco está centrado nos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes das relações. Nesse tipo de pesquisa, destacam-se a empatia com os motivos que levaram às ações, as intenções e os projetos dos atores a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações entre pesquisador e pesquisados se tornam construções humanas significativas (MINAYO; SANCHES, 1993; BOGDAN; BIKLEN, 1994; MINAYO et al., 2001).

A pesquisa qualitativa tem como objetivo a descrição do conteúdo das mensagens e dos indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos dessas mensagens e apresenta características essenciais que permitem identificá-las, a saber:

- o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento fundamental;
- o caráter descritivo;
- o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador;
- possui enfoque indutivo (NEVES, 1996).

A pesquisa qualitativa considera a intencionalidade como inerente aos atos, às relações, às estruturas sociais, às coisas e às pessoas, podendo ser descritas e analisadas, prescindindo de quantificações estatísticas (MINAYO, 2008). Requer atitudes fundamentais, tal como a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de pesquisadores e participantes envolvidos na pesquisa.

Essa modalidade de pesquisa utiliza como métodos de pesquisa a entrevista, observação participante, história de vida, testemunho, análise do discurso, estudo de caso, dentre outros.

A validade interna dos estudos qualitativos é o seu ponto forte; têm seu foco na "inserção direta e contínua do pesquisador no cotidiano de grupos e instituições, permite uma fidedignidade maior de seus constructos à realidade empírica e à experiência dos sujeitos pesquisados" (DESLANDES; ASSIS, 2003, p. 204).

A pesquisa qualitativa constitui modalidade de investigação cada vez mais empregada e aceita na área da saúde e das ciências humanas e sociais, apesar de ainda ser alvo de críticas de parcela da comunidade científica que questiona a objetividade dos resultados, quer pelo fato de trabalhar com amostras não probabilísticas e/ou por efetuar análises não estatísticas dos dados (MERCADO-MARTINEZ; BOSI, 2004).

A abordagem qualitativa está interessada no microssocial, com base nas palavras, histórias e narrativas, cujo interesse é a dimensão subjetiva, ou seja, as experiências e os processos de significação, nos quais o olhar central está no reconhecimento do ponto de vista do outro (MERCADO-MARTINEZ; BOSI, 2004). Além de compreender o significado que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social, a pesquisa qualitativa permite também analisar como elas compreendem esse mundo vivido. Segundo os autores, na pesquisa qualitativa, faz-se perguntas fundamentais com o objetivo de investigar a natureza dos fenômenos sociais, estudar as pessoas em seus ambientes naturais e não nos artificiais e experimentais e explorar as compreensões subjetivas dos indivíduos a respeito de sua vida diária.

Diferentemente dos métodos quantitativos, o enfoque qualitativo não busca enumerar ou medir eventos ou incidentes para a análise dos dados. Seu interesse é a compreensão dos significados dos fenômenos na perspectiva dos participantes, de forma ampla e complexa.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com o aprofundamento e abrangência da compreensão seja de um grupo humano, de uma organização ou de uma instituição. É necessária à pesquisa qualitativa conhecer amplamente os participantes envolvidos, com idas

repetidas a campo, antes do trabalho de coleta estritamente dito. Tal procedimento permite o fluir da rede de relações e possíveis correções iniciais dos instrumentos da futura coleta formal de informações (MINAYO, 2006).

Para o presente estudo, optou-se pela abordagem qualitativa, pois é fundamental conhecer os indivíduos envolvidos com mais profundidade, o que se pode observar em suas falas, percebendo as dificuldades existentes no processo de busca de bibliografia qualificada. O interesse deste estudo está voltado para perceber as diferentes maneiras que os alunos do último ano dos cursos de graduação em enfermagem da USP-EERP realizam as buscas bibliográficas, se é, e como é utilizada a lista de descritores de assunto para a elaboração das estratégias de busca, quais as habilidades no manuseio das bases de dados bibliográficas e as formas de recuperação de documentos em texto completo. Também interessa saber quais são as dificuldades encontradas nesse processo por alunos, sujeitos desta pesquisa.

Para se atingir o objetivo, proposto neste estudo, que busca conhecer como os alunos de graduação em enfermagem elaboram suas buscas bibliográficas, foram entrevistados 21 alunos, sendo nove do curso de licenciatura e 11 do curso de bacharelado. A média de idade variou entre 28,7 anos para o curso de licenciatura e bacharelado e 23,18 anos para o curso de bacharelado, e entre esses alunos, apenas dois eram do sexo masculino.

Quanto à formação técnica em enfermagem, somente uma aluna respondeu que havia cursado técnico em enfermagem antes de ingressar no curso de Bacharelado e Licenciatura, sendo que desenvolvia essa função em atendimentos do tipo *home-care*, isto é prestava assistência de enfermagem domiciliar (L8).

No que se refere ao exercício de atividades laborais, relacionadas à área da saúde, apenas duas alunas responderam positivamente. Dessas, uma é aluna do Bacharelado e a outra do Bacharelado e Licenciatura, o que se leva a concluir que a maioria dos entrevistados iniciará suas atividades profissionais após a conclusão do curso de enfermagem na EERP-USP.

3.2 Local do Estudo

O local escolhido para realização da presente pesquisa foi a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. A cidade de Ribeirão Preto é

município de médio porte, situa-se no nordeste do Estado de São Paulo, a 313 km² de distância da capital estadual e a 706 km² de Brasília. Possui território de 651 km² e sua área urbanizada corresponde a 274 km², sendo uma das maiores cidades do Brasil em área urbana.

Os limites da cidade são dados pelos seguintes municípios: ao sul, Guatapará; a sudeste, Cravinhos; ao norte, Jardinópolis; a leste, Serrana; ao oeste, Dumont; a noroeste, Sertãozinho, e ao nordeste, Brodósqui.

Dados extraídos no *site* oficial do município apontam população de 504.923 habitantes segundo o Censo Demográfico de 2000, divulgado em 2010. O município de Ribeirão Preto se encontra entre os maiores do Estado de São Paulo e do Brasil (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE, 2010); e uma das cidades mais prósperas do interior do Estado de São Paulo, polo econômico, fundamentado na cultura agrícola da cana-de-açúcar e fortes setores econômicos intermediário e terciário. É conhecida nacionalmente como grande centro de saúde e está entre os primeiros do Brasil no *ranking* nacional na proporção médico por habitante. Dados do Conselho Regional de Medicina-CREMESP – apontam taxa de 6,13 médicos, um para cada 163 habitantes, em média um médico para menos de 200 habitantes, índice próximo ao Reino Unido e Canadá, e idêntica aos Estados Unidos. Esses dados mostram que houve aumento da concentração de médicos no Estado de São Paulo (CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA - SP - Cremesp, 2010; IBGE, 2010). Dados do Cremesp (2010) apontam, ainda, que esse número tende a ser maior nos polos econômicos e onde também se concentra oferta maior de serviços de saúde, instituições de ensino e, consequentemente, onde há maior oferta de emprego.

A rede de saúde de Ribeirão Preto desponta como uma das mais importantes e desenvolvidas do país. São 17 hospitais**,** 58 unidades de saúde entre unidades básicas, distritais e especializadas, além de farmácias, laboratórios e outros serviços oferecidos pela Secretaria Municipal de Saúde e que integram o sistema público de saúde, inclusive, através de convênios. Integram a rede de saúde de Ribeirão Preto, as faculdades da USP, da Unaerp, do Centro Universitário Barão de Mauá, do Centro Universitário Moura Lacerda e Unip (RIBEIRÃO PRETO, 2010).

Centro cultural e educacional, com escolas privadas e públicas de alto nível, abriga universidades, entre elas um *campus* da USP. O Hospital das Clínicas da FMRP-USP polariza a atenção médica de nível terciário de todo o nordeste paulista. O município, no setor educação, conta com quatro unidades de ensino superior que oferecem o curso de graduação em enfermagem, sendo que três delas pertencem ao ensino privado e somente uma trata-se de universidade pública estadual, a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP, local de

desenvolvimento deste estudo.

"O setor de pesquisa da USP Ribeirão Preto - referência para todo o país - corresponde a 4% dos trabalhos acadêmicos – reconhecidos internacionalmente - produzidos no Brasil" (RIBEIRÃO PRETO, 2010, s.p.).

3.3 Participantes do Estudo

Os participantes deste estudo foram os alunos de graduação que estavam cursando o último ano dos cursos de Bacharelado e Bacharelado e Licenciatura, oferecidos pela Escola de Enfermagem de Ribeirão da Universidade de São Paulo - EERP-USP. Os alunos do último ano, encontrando-se no final da formação acadêmica, provavelmente, puderam oferecer subsídios sobre o aprendizado acerca da busca bibliográfica vivida ao longo dos anos (APÊNDICE A).

3.4 Coleta de Dados

De acordo com o objetivo da pesquisa e o tipo de informações que se pretende obter, utilizou-se o método qualitativo para coleta e análise dos dados, com o emprego da técnica de entrevista semiestruturada (APÊNDICE B), baseada num roteiro com questões abrangentes, elaborado para orientar a abordagem, possibilitando uma "conversa com finalidades" (MINAYO et al., 2001), permitindo ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições previamente fixadas pelo pesquisador. Reúne histórias e experiências, compreendendo, assim, a perspectiva singular de cada um.

A entrevista, ferramenta imprescindível de trabalho, contextualiza o comportamento dos sujeitos, vislumbra seus sentimentos, valores e crenças, desde a aprendizagem autônoma, empírica até o presente.

Para Lobiondo-Wood e Haber (2001), na entrevista, o entrevistador faz questionamentos verbais ao entrevistado, e seu propósito é sempre o de buscar informações, sendo que, para a coleta de dados desta pesquisa, as entrevistas foram conduzidas

pessoalmente pela pesquisadora.

Minayo (2008) descreve como etapa anterior ao trabalho da pesquisa de campo, propriamente dita, uma fase exploratória, na qual serão definidos o espaço da pesquisa, o grupo a ser pesquisado, os critérios de amostragem e a estratégia de entrada em campo. Considerando que a pesquisadora possui vivência na área pesquisada e mantém constante contato com os alunos de graduação da EERP-USP, optou-se, então, por trabalhar com esse grupo.

O roteiro foi previamente utilizado, sendo aplicado a três alunos que cursavam diferentes períodos do curso de graduação em enfermagem, permitindo, assim, sua avaliação e possíveis adequações a fim de aprimorá-lo para sua posterior aplicação.

A coleta de dados foi realizada no mês de novembro de 2010, por meio de entrevista individual semiestruturada. A abordagem foi feita por meio das questões norteadoras, contemplando as seguintes observações: 1 - Já é trabalhador da área da saúde? 2 - Conte-me como tem realizado as buscas bibliográficas (cabe ao entrevistador explorar local, bases de dados utilizadas, se utiliza ou não descritores, o que sabe sobre eles, elaboração de estratégias de busca, recuperação de documentos em texto completo, portais de acesso a bases de dados bibliográficas); 3 - Quais são as dificuldades que você tem para a realização de buscas bibliográficas. Fale sobre elas. 4 - O que você já sabe fazer bem (domina) nesse processo de busca (pesquisa bibliográfica). Quais são as facilidades que você tem para a realização de buscas bibliográficas. Fale sobre elas. 5 - Você já fez algum curso/aula sobre acesso às bases de dados bibliográficas? Como foram suas experiências?; 6 - Nas disciplinas, nos processos de orientação e também em outras situações, nas quais você realiza buscas bibliográficas, como você tem percebido (vê) o papel do professor (mais diretamente relacionado)?

No momento das entrevistas, para tranquilizar os estudantes até a presença da bibliotecária na coleta de dados, a mesma que em ocasiões diferentes colaborou com a EERP-USP, ministrando atividades educativas para acesso às bases de dados eletrônicas, foi informado e esclarecido aos alunos que a pesquisa em desenvolvimento não era parte dessas atividades; que a bibliotecária, naquele momento coletava dados na condição de aluna de mestrado da Unidade, portanto, esses poderiam fazer seus comentários livremente, manifestando assim suas vivências sobre o assunto.

Cada entrevista foi gravada com permissão dos participantes, e transcrita na íntegra, pelo pesquisador, após o encerramento da coleta de dados. Todas as observações feitas pelos entrevistados como rumores e reações foram registradas.

Cabe ressaltar que o processo de coleta de dados foi marcado por algumas peculiaridades que, de certo modo podem ter interferido nos dados coletados. A coleta foi desenvolvida intencionalmente no fim do semestre para que pudéssemos entrar em contato com a realidade do aluno que, praticamente, já estava formado, todavia, nesse momento, os alunos estavam finalizando as disciplinas de estágios tanto de serviços de saúde como de educação, com sobrecarga de atividades, como também finalizando seus trabalhos de conclusão de curso. Essas atividades deixavam os alunos dispersos em vários espaços da escola e dos campos de estágios, o que dificultava agendar os encontros. Em algumas situações, quando era viabilizado um momento para a entrevista, alguns alunos mostraram-se pouco envolvidos com o tema. Em decorrência, em algumas entrevistas, os alunos foram pontuais e, mesmo sendo instigados, não aprofundaram suas percepções em relação a algumas perguntas, o que nos deixa com uma interrogação: alguns realmente estavam atarefados, dispondo de pouco tempo para a entrevista ou realmente a vivência sobre a busca bibliográfica ainda era restrita e pouco considerada objeto de reflexão pelo aluno?

Outro aspecto importante a ser ressaltado refere-se ao fato de que muitos alunos envolvidos neste estudo foram também sujeitos de outras pesquisas, desenvolvidas no mesmo período e alguns pareciam “saturados” de serem sujeitos de investigações.

Apesar dessas peculiaridades, foi possível apreender alguns conteúdos significativos que possibilitaram a compreensão de algumas dificuldades e alguns avanços quanto à experiência da aprendizagem da busca bibliográfica, sendo atingido o objetivo proposto

Após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EERP-USP, cenário da coleta de dados, foram contatados todos os estudantes do último ano do Bacharelado e do Bacharelado e Licenciatura, do ano 2010, considerando que esses grupos já vivenciaram experiências de busca por bibliografia especializada. Para tal, em um momento formal, em que esses se encontraram reunidos em sala de aula, foram apresentados os objetivos e a metodologia da pesquisa. Assim, houve dois encontros: um com a turma do último ano do Bacharelado e outro com os estudantes do último ano do Bacharelado e Licenciatura para convidar os possíveis sujeitos do estudo.

Os que se manifestaram interessados em colaborar com a pesquisa foram agendadas, por contato pessoal, telefônico ou via *e-mail*, as entrevistas individuais, realizadas fora do horário das atividades curriculares, ou seja, em horários livres com a intenção de não interferir nas atividades de ensino, nas próprias dependências da escola, no mês de novembro de 2010.

No momento da entrevista, os alunos foram novamente informados sobre os objetivos do estudo, assim como, também receberiam esclarecimentos de que a pesquisa não envolve custos e que seriam, em tempo hábil, informados sobre os resultados parciais da pesquisa, sempre que o desejassem. Após receberem essas informações foram convidados a assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE C).

Para concluir a etapa das entrevistas foi utilizado o critério de saturação de dados, o que significa apreender se os dados coletados são suficientes para a análise proposta ou seja, se neles há convergências e divergências significativas, considerando o objetivo deste estudo. O quantitativo de entrevistas é estabelecido pela recorrência dos depoimentos dos alunos, o que caracteriza o fenômeno de saturação.

Por saturação entende-se uma pesquisa que apresenta, em seus resultados, concepções, explicações e sentidos indicados pelos sujeitos, ocorrendo numa certa regularidade ou repetição, isto é, a repetição de informações pelos sujeitos é tratada como exaustividade, afirmando ainda que o critério de saturação é aquele em que o pesquisador, em seu campo e objeto de estudo, entende e compreende a lógica interna do grupo ou da coletividade (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008; MINAYO, 2008).

Para Polit, Beck e Hungler (2004), a saturação, também chamada redundância de informação, ocorre quando o pesquisador opta por interromper o processo de aplicação das entrevistas ao perceber que está ocorrendo repetição nas respostas dos sujeitos. Para esses autores, deve-se amostrar até que nenhuma informação ou dado novo é percebido. É nesse momento que ocorre a saturação dos dados (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004; FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

3.5 Análise dos Dados

Os dados foram analisados considerando os objetivos deste estudo, sendo utilizada a análise de conteúdo temática de Minayo (2008), que consiste em três etapas: pré-análise, exploração dos dados, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Foi feita a leitura de cada entrevista, sendo destacados trechos significativos, considerando os objetivos do estudo. Em seguida, tais trechos de cada entrevista foram confrontados uns aos outros, sendo articulados e, finalmente, foram configuradas as temáticas

deste estudo. As temáticas foram apresentadas, sendo explicitados alguns trechos de entrevistas identificados como B (Bacharelado) e L (Bacharelado e Licenciatura), bem como foram discutidos, com apoio de referências bibliográficas pertinentes.

3.6 Aspectos Éticos

Para LoBiondo-Wood e Haber (2001, p. 161), "os direitos humanos são as reivindicações e exigências que foram justificadas aos olhos de um indivíduo ou por um grupo de indivíduos", portanto, observando o princípio ético e resguardando a privacidade do indivíduo. O presente projeto de pesquisa foi submetido à apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, sob nº 1205/2010, e serão seguidas as normas da Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, referente às normas éticas, respeitando-se as recomendações para pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 1997, 1998). Assim, ao manifestarem a concordância para participar da pesquisa, os sujeitos investigados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, instrumento que permite que aceitem ou recusem sua participação (APÊNDICE C), de acordo com a Resolução 196/96, acima mencionada.

4 ANÁLISE DOS DADOS:

a aprendizagem da busca bibliográfica pelos alunos

Após a transcrição das entrevistas, foi realizada, como já comentado, a análise temática. A partir dessa análise, foram configuradas algumas temáticas que, articuladas, permitem compreensão mais ampla sobre as experiências dos alunos de ambos os cursos: Temática 1 - Necessidades e práticas de busca da informação: dificuldades experimentadas pelos estudantes de enfermagem; Temática 2 - A organização do ensino da busca bibliográfica e o papel do professor; Temática 3 - O bibliotecário como educador, sendo que a temática 1 foi estruturada em subtemas que se complementam.

Temática 1 - Necessidades e práticas de busca da informação: dificuldades experimentadas pelos estudantes de enfermagem

Esta temática, considerando algumas especificidades comentadas pelos alunos, foi organizada em subtemas a seguir discutidos.

Acesso às Bases de Dados Bibliográficas

A maioria dos alunos, sujeitos deste estudo, se referiu às dificuldades de acessarem as BDB em seu processo de busca bibliográfica para elaborar suas pesquisas. Tratam-se de dificuldades inerentes a quem está iniciando o uso dos recursos informacionais de pesquisa.

A diversidade de *sites* disponíveis para pesquisa mostra-se como impeditivo para o melhor aproveitamento pelo usuário. Ao manifestar a necessidade de buscar literatura, o aluno fica meio "perdido" no mar de informações que é a *WEB*, não sabe por onde começar, qual o trajeto que deve percorrer e isso ocorre independentemente de saber alguns nomes das bases de dados. Alguns alunos até se referem a bases de dados, mas com tom de interrogação, o que pode sugerir um conhecimento ainda frágil a esse respeito. Assim, alguns trechos de entrevistas mostram essas dificuldades[5].

Às vezes, destacam-se falas nas quais algumas bases de dados são apontadas, mesmo sem conhecerem o correto manuseio delas, o que leva a considerar que, pelo menos, já

[5] Os trechos de entrevistas citados são acompanhados da seguinte identificação: B - Bacharelado, seguido do número do entrevistado e L - Bacharelado e Licenciatura, respectivamente.

ouviram falar desses recursos de informação, sem, contudo, dominarem seu manejo.

Interface de apresentação - Não, nem um pouco fácil. (B1)

Mas assim porque não é uma coisa assim que nem Google, que cai aquele "N" assunto que você pode selecionar, né. É diferente. (B1)

[...] *a busca bibliográfica que eu tenho que fazer é, uummm, por exemplo, é na base de dados mesmo acadêmica, científica, MedLine, Pubmed.*[...]. (B1)

Então acho que tem a dificuldade de você sabe o site, a dificuldade do manejo do próprio site, da apresentação, dos itens né de como buscar, porque é complexo né, eu até entendo a dificuldade de formatá tudo aquilo né, mas é uma coisa que atrapalha, eu acho. (B5)

[...] *pra ser sincera eu comecei a exercitar mais a pesquisa bibliográfica nesse último ano. Quando geralmente ...a gente vai pelo Google né, ou quando eu uso as bases de dados, eu pego bastante do SciELO (via Google), e as poucas vezes que eu fui pelas bases de dados, algumas vezes eu faço seleção, mas poucas vezes mesmo, estou sendo bem sincera com você.* (B6)

Você já procura direto pelos autores. Você não fica usando tanto descritores, já vai buscando pelos autores. As vezes sim, quando você quer alguma coisa de fora, alguma coisa que você não conhece, aí sim você usa descritores.Geralmente você já tem conhecimento dos descritores que você quer usar. (L6)

Em algumas falas, fica nítida a dificuldade que alguns alunos têm em compreender o que sejam bases de dados e descritores. Para a maioria, é bastante difícil o uso de descritores, o que leva a supor que suas buscas são feitas por meio de palavras-chave ou linguagem natural.

Palavra chave, varia bastante. Por descritor de assunto, a não..., varia..., varia bastante, porque quando eu não sei muito bem a respeito do assunto eu vou pelo descritor de assunto, agora quando eu tenho uma coisa mais direcionada eu vou por palavra chave mesmo. (B1)

[...] *acho que é mais fácil jogar as palavras-chave que o descritor, tem diferença, ou às vezes até...., e geralmente jogo palavra-chaves e vai linkando no que eu preciso. Aí as vezes eu ate vou lá ver se é descritor ou não, né, na parte de descritores, mas eu nunca me preocupei em achar tipo descritor, assim, mais temas, mais temático, mais global* [...]. (B3)

Primeiro assim, eu vejo no BVS, no LILACS geralmente eu entro e faço minha busca com palavras que eu acho que tem a ver com o tema que eu to pesquisando porque nem sempre quando eu vou no DECS eu leio e não encontro muita resposta nos descritores, então é mais assim, tentativa, tem um tema a ser pesquisado, eu acho q é essa palavra chave tem mais a ver com esse tema, e jogo lá, então aparecem muitas pesquisas [...]. (B4)

Olha eu acho complicado quando a gente tenta especificar, colocar alguns descritores pra afunilar aquilo que a gente quer, e aí aparece três mil coisas p.ex, relacionadas mas que não é exatamente aquilo que a gente tá procurando, eu acho cansativo essa busca dessa forma, porque você vai, digita descritores e aí você, aqueles descritores se você está pensando em uma coisa e naqueles três mil artigos trabalhos que aparecem tem alguns que você consegue né, selecionar, e eu acredito que tem até uma ferramenta pra você fazer isso, pra ir depurando mais, e mais e mais, tem sim, eu lembro de ter usado, mas eu acho isso cansativo, porque você não chega direto, você tem todo um trabalho pra

chegar naquilo, naquele descritor pra você chegar em tais trabalhos, tais artigos, mas ao mesmo tempo eu acho que, eu acho que fica muito rico, .porque a busca fica detalhadinha, qualificada. Exatamente, eu acho que a busca fica muito qualificada. (B6)

[...] *essa forma de utilizar bases de dados eu não uso rotineiramente, em buscas rotineiras, mas p.ex, eu precisei de alguns trabalhos eu fui na biblioteca central e ai eu utilizei dessa forma, com descritores, com busca avançada, sabe assim, mas não que eu tenha o habito de utilizar assim.* (B6)

Sobre os descritores as vezes eu encontro dificuldade pra achar os descritores que eu acho que dá certo praquilo que eu to pesquisando né [...]. (B7)

Quando eu uso o BVS eu não uso os descritores eu jogo as palavras de acordo com aquilo que eu acho que é as palavras certas, se eu vejo que eu consegui bastante artigo e apareceu lá aí eu nem vou atrás dos descritores agora se eu vejo que num apareceu muita coisa então ai eu pesquiso pelo descritor pra ver se as palavras que eu to usando tão adequadas. (B7)

[...] *mas era por conta que tava, tava.. aquele descritor não tava servindo, tava procurando por palavra chave aí e quando eu usei um descritor deu certo. Então tem hora que facilita e tem hora que dificulta né, depende do tipo da pesquisa. Agora é ...assim, acho que é mais isso assim que eu sinto de dificuldade* [...]. (B7)

O dos descritores eu também tive uma dificuldade no meu TCC porque mas aí eu acho que não é só dos descritores é a palavra que se usa né que é transplante de medula óssea e transplante de células tronco hematopoiéticas então cê tem que usa das duas formas pra conseguir encontrar todos os artigos porque tem artigo que usa um e tem artigo que usa o outro. Ainda não é uma coisa que não tá bem padronizada então também foi uma das dificuldades. (B7)

[...] *as vezes eu uso, quando eu sei o descritor, eu ate tento procurar as vezes naquele site BVS lá, mas eu tenho dificuldade sempre pra achá o descritor lá, então as vezes vai da minha cabeça uma palavra chave que eu acho que tem a ver com o que eu quero e ai eu procuro no site, se tivé eu uso.* (B10)

[...] *Ou então p.ex., às vezes você abre um lugar, vamos supor, eu entro na BIREME, e ali vamos supor eu vou no LILACS, aí eu coloquei aqueles descritores, aí abriram alguns artigos, aí eu posso ir lá no SciELO e abrir e colocar outros descritores e me aparecerem artigos que também tem lá no outro que eu abri, e aí tem que ficar confrontando os que eu achei ali se não são os que eu achei na outra base também pra poder ter um numero correto dos artigos que existem de acordo sei lá, com aquela temática. Então acho de não ter p.ex, certo, aqui você vai achar tanto e naquela base você não vai achar os mesmos, eu acho mais trabalhoso.* (B11)

[...] *a questão de descritores, de ir pesquisar, ver se tá dentro do site pra mim ainda é um pouco ainda complicado, eu sinto muita dificuldade nisso.* (L5)

Descritores - uso descritores, assim, eu to falando descritores lembrando p. ex. do BVS. Mas, por ex. o PubMed, eu nem vou atrás, eu coloco palavras mesmo. (L7)

Eu não faço muito assim, investigar se aquele lá é descritor ou não, eu vou jogando as palavras, as vezes eu vou pondo palavras, e ai vou pra avançado uma palavra cruzo com a outra,vejo o que sai,as vezes eu não me preocupo muito de ver primeiro se ela é descritor ou não, as vezes isso prejudica um pouco,as vezes eu perco um pouco mais de tempo, mas é a paciência de ir lá ver.....se é descritor, depois voltar..pra fazer... eu jogo tudo direto lá. (L8)

Os sistemas de recuperação de informação permitem que os usuários desenvolvam

suas pesquisas utilizando palavras-chave, palavras livres (linguagem natural) e descritores de assunto. A diferença entre esses três tipos de busca reflete, significativamente, na qualidade do resultado obtido.

A busca por palavras-chave é feita utilizando-se o enunciado principal do tema proposto pelo usuário, podendo levar ao acesso de número excessivo de documentos.

Considerando que, neste estudo, os sujeitos são alunos de graduação que realizam busca bibliográfica para elaboração de estudos e trabalhos cujo cumprimento se insere num cronograma escolar específico, exigindo certa agilidade no processo, utilizar buscas por palavras-chaves pode dificultar o aprendizado, considerando que o aluno, muitas vezes, em um período de poucos dias, precisa buscar informações fidedignas e relevantes pois serão utilizadas na sala de aula, no processo coletivo de construção do conhecimento.

Cabe ressaltar, todavia, que em se tratando de processos de busca inseridos, por exemplo, na realização de pesquisa bibliográfica, utilizar palavras-chave não pode ser compreendido como método inadequado, uma vez que se supõe período mais longo para elaboração do estudo e necessidade de detalhamento mais rigoroso.

A busca por palavras livres, ou linguagem natural como são chamadas, permite recuperar resultados extraídos dos resumos, dos títulos, e até mesmo dos endereços de correspondência dos autores. Isso ocorre porque o sistema de recuperação faz a leitura linear na bases de dados, e recupera a informação solicitada independentemente do local onde está inserida. Essa busca também pode ser feita por nome de autores.

Esse tipo de busca, por palavras/linguagem natural, aponta para a superficialidade na abordagem do tema, denota desinteresse e falta de aprofundamento nos resultados da busca. Esse tipo de busca é frequentemente utilizado por usuários que não dispõem de tempo ou não têm afinidade/gosto pela pesquisa e, ainda mais, não têm o hábito de fazer pesquisa.

O resultado dessa busca não satisfaz, geralmente, as necessidades de informação pois o volume recuperado sempre é excessivo e mais abrangente.

Do exposto, fica explícito que os alunos possivelmente entram em contato com muitos materiais para leitura, mas a sua seleção, considerando o tempo disponível, fica comprometida e, consequentemente, a adequação e a qualidade do conteúdo que fundamentará a sua busca.

Na literatura, encontram-se vários trabalhos que tratam desse tema - das dificuldades de acesso às BDB, porém, a maioria deles enfatiza mais experiências de práticas educacionais junto aos usuários, mas não exploram qualitativamente os “resultados” dessas experiências (CUENCA, 1999; BUFREN; KREMER; CORDEBELLA, 2000; CHAGAS;

ARRUDA; BLATTMANN, 2000; MARQUETIS et al., 2002; CAREGNATO, 2003; CHALON; PASLEAU, 2003; MOSER; ACCETTA, 2003; PATRICK; MUNRO, 2004; DEE; STANLEY, 2005; GARCIA; SILVA; 2005; LIMA, 2005; LOPES, 2005; CARDOSO; LOMBARDI; CRESTANA, 2007; JOIA; COSTA, 2007; FUNARO; VICTORETTI; UEHARA, 2008; SCHWEITZER, 2008; TAKAHASHI et al., 2010, entre outros), ou seja, se efetivamente os usuários conseguem desenvolver buscas bibliográficas em BDB com relativa autonomia, mantendo o rigor científico necessário para o bom cumprimento dessa atividade.

Percebe-se nesses trabalhos a preocupação com a forma, como foram aplicados os treinamentos e quais as BDB utilizadas, porém a maioria deles relata quantitativamente o resultado desses encontros em detrimento de se conhecer e satisfazer as necessidades de informação dos usuários, ou seja, não exploram esse ambiente de pesquisa e seu conteúdo.

Realizar satisfatoriamente uma pesquisa requer o estabelecimento de estrutura de pesquisa que agregue a delimitação da questão da busca, o estabelecimento dos descritores de assunto e a escolha da BDB ideal para aquela busca. O estabelecimento correto dos descritores, utilizando-se os tesauros de assunto desenvolvidos pelos comitês gestores das BDB, permite a recuperação de material mais pertinente às NIs dos usuários e, consequentemente, demanda menos tempo para recuperação da bibliografia.

A estruturação da estratégia de busca exige planejamento, definição e segurança quanto ao tema pesquisado; nesse sentido é essencial conhecer qual a BDB que será utilizada para a pesquisa, estabelecendo, assim, o nível de complexidade da busca.

Tratando-se de recuperação de informação, pode-se entender estratégia de busca como uma técnica, uma chave que remete às respostas às perguntas indicadas nesse conjunto de palavras, sistematicamente organizados e cuidadosamente estabelecidos. Assim, pode-se compreender estratégia de busca como item necessário à pesquisa.

Fator de grande importância que interfere na recuperação da informação está relacionado aos erros ortográficos que ocorrem na linguagem natural (busca nos títulos, resumo, etc.), aqueles que ocorrem durante a indexação, e as formas variantes das palavras, afetando consideravelmente os resultados recuperados (LOPES, 2002).

Ficam evidentes, atualmente, as inúmeras vantagens que a *internet* proporciona em relação ao suporte impresso, pelo menos quando se fala em conteúdos científicos.

Com o surgimento das mídias digitais e da *internet*, houve alteração do controle dos processos de comunicação científica, bem como a implementação de mais velocidade e transparência a esses processos.

Considerando essa massa de informação, a conhecida explosão informacional,

bibliotecários de referência desenvolveram vocabulários controlados, os tesauros, com o objetivo de melhor direcionar as pesquisas nas bases de dados e nos serviços de indexação, utilizando os operadores booleanos.

Em síntese, quanto ao acesso às BDB, considera-se que os alunos entrevistados iniciaram aproximação a elas, com dificuldades, principalmente de uso de descritores, o que mostra que ainda não apreenderam suficientemente o processo de busca bibliográfica realizado com o rigor metodológico.

Cabe salientar que em uma das entrevistas (L8), o aluno diferencia a qualidade do processo de BB caso se trate de desenvolvimento de trabalho para publicação ou "busca mais rápida", o que envolve acesso ou não às BDB. Infere-se que, ao dizer "busca mais rápida", ele esteja se referindo à pesquisa de dados/textos que subsidiam as aulas nas disciplinas que se utilizam de metodologia problematizadora, ou aos trabalhos que cotidianamente executa nas disciplinas.

[...] *Que daí comecei a desenvolver alguns trabalhos, a fazer artigo pra mandar pra publicação, aí eu levei um pouco mais a serio. Aí eu investiguei os descritores, entrava no LILACS, fazia a pesquisa com cruzamento de bases de dados. Mas assim, quando eu preciso fazer uma coisa mais rápida eu acabo jogando realmente no Google e aí eu vejo o que que é do SciELO, qual o site mais confiável e ai eu chego no artigo, no material por essa via.* (L8)

Compreende-se que haja, sim, diferença no rigor metodológico para uma publicação, mas toda e qualquer BB exige seriedade e aprendizado técnico. Essa diferenciação feita pelo aluno leva à necessidade de se repensar os modos como o processo de BB vem sendo orientado e monitorado no decorrer do curso.

Inúmeras técnicas de pesquisa podem ser utilizadas para localização e recuperação de bibliografia nas bases de dados eletrônicas. Essas técnicas, na maioria das vezes, são obtidas por meio da participação em sessões de práticas pedagógicas, treinamentos técnicos ou cursos condensados sobre como utilizar eficientemente os recursos de pesquisa que a mídia eletrônica oferece, o que será posteriormente discutido

Como os alunos têm dificuldades para acessar as BDB, em suas falas, reportam-se, ao uso do Google, e seu domínio, como principal ferramenta de pesquisa.

Elegendo o Google como principal recurso para a pesquisa

Ao se comparar os relatos em que os sujeitos indicam os nomes das BDB como recurso utilizado frequentemente, percebe-se que esses eram bem menos mencionados do que

aqueles que diziam utilizar buscadores da *WEB*, sendo o mais indicado o Google da *WEB*, seguido do Google acadêmico para elaborar suas tarefas acadêmicas, atribuindo a esse mecanismo de busca rapidez e a certeza de encontrar material bibliográfico. Esse buscador mostrou-se, nesta pesquisa, o principal recurso de busca e recuperação da informação, o que demonstra que os alunos ainda não têm habilidade necessária para elaborar suas próprias BB.

[...] *não é uma coisa assim direta (BDB), assim que nem Google, Google é muito mais fácil. Não é direta. Eu não sei se é proposital o negócio (das bases de dados), como que funciona, mas é uma coisa que você tem que buscar mesmo, que tem que ir fazendo links, o sai primeiro, depois...mas é uma dificuldade que eu tenho mesmo, durante todos esses anos, então, às vezes, eu desanimo e vou pro Google acadêmico mesmo (risos).* (B1)

[...] *geralmente, assim, sinceramente a gente vai no Google né de imediato, mas tendo a preocupação de pegar um trabalho que tem uma fundamentação, que tem credibilidade. Acho que nós, acabamos procurando, eu pelo menos, no Google porque ele direciona mais rápido, porque a gente não tem muita habilidade em mexer nas bases de dados.* (B6)

... eu estou com o nome do autor, ou estou com o nome do título do trabalho, então, isso facilita, então eu acho que eu perdi um pouco esse negócio de ir na bases de dados, então acho que eu tenho que voltar, isso é importante. (B6)

[...] *porque é rápido, assim, mais rápido que as bases de dados, e ele é acho que é essa facilidade. Porque a gente enxerga rapidamente aquilo que a gente ta procurando ou não. A gente consegue descartar mais rápido senão é aquilo né e na base de dados a gente vai ter que fazer todo esse processo, de ir depurando. As vezes eu estou procurando alguma coisa que eu não sei se tem aquele descritor, eu preciso primeiro saber se tem o descritor pra depois né, e isso demanda tempo, embora a busca fique mais qualificada do que no Google.* (B6)

[...] *pra ser sincera eu comecei a exercitar mais a pesquisa bibliográfica nesse último ano. Quando geralmente ...a gente vai pelo Google né, ou quando eu uso as bases de dados, eu pego bastante do SciELO (via Google), e as poucas vezes que eu fui pelas bases de dados, algumas vezes eu faço seleção, mas poucas vezes mesmo, estou sendo bem sincera com você.* (B6)

[...] *ah, eu acho que é bem prático assim né porque...é rápido, mais rápido porque te dá todos os links assim sobre o assunto então aí é só você clica que ele já vai direto e você não precisa por descritor nem nada né, aí eu acho que isso é uma facilidade assim, ou as vezes tipo aparece artigos de outras revistas assim p.ex. do sul sabe, que é revista que eu nunca pensaria em ir atrás né e aí acabo encontrando.*[...] *isso, isso.hum hum...*[...] *sempre no Google acadêmico.* (B8)

[...] *ah, conheço, então, é que como eu entro mais no Google acadêmico não precisa assim colocar né descritor essas coisas, mas eu sei o que que é assim né, eu faço pesquisa né, então ai eu tenho que por na minha também;* [...] *isso no Google né, no Google ele já vai direto no link né.* (B8)

[...] *ah tá, então, geralmente eu pesquiso no Google acadêmico né, que eu acho mais fácil assim, porque você não precisa entrar no site assim especifico, você coloca lá o assunto que você quer e já aparece de varias fontes né, do PubMed, da SciELO, então eu acho que é uma maneira mais fácil né, mais pratica pra mim, do Google acadêmico* [...] [...] *ah....assim eu acho que no Google a gente acha bastante coisa né, então muitas coisas não são válidas né, mas dá pra você ter... você lê um monte de coisa e vai pegando o que você que, eu acho que.. e e pratico, você coloca ali não tem muito segredo, muito que entra aqui, entra ali, digita aqui...digita ali* [...]. (B8)

...eu realizo no Google, eu coloco lá no Google acadêmico e coloco o título do que eu quero e procuro

por ali, no começo da faculdade a gente teve a aula pra usa a BVS os descritores, mas eu não consegui gravar como que fazia, então eu só uso o Google e livros, o Google acadêmico, o Google normal. Unicamente o Google acadêmico. (B9)

Bom, ate chegar aqui eu não conhecia nada das fontes que a gente tem pra fazer busca né, era sempre Google e essas coisas. (B11)

Faço, não são todas, vou te confessar que não são todas porque eu não consigo abrir os resumos, ai quando eu não consigo eu parto pro Google. (L3)

Percebeu-se que muitos alunos indicavam orientações dos professores para buscar bibliografia em *sites* confiáveis, aqueles cujas páginas tinham extensão org, gov, edu. Esses professores, preocupados com a recuperação de informação útil à pesquisa, sugeriam que não apresentassem material recuperado do *Google*, mas, sim, que utilizassem fontes confiáveis e fidedignas para pesquisa, o que se pode observar nas falas de B1, B10, B11 e L8.

[...] *Acesso a provedores não confiáveis, já que o curso é cientifico e prá pesquisa cientifica essa coisa de confiabilidade, créditos dos autores. Ele só diz "busca". Busca e amanhã você me trás, essa questão de vai buscar* [...]. (B1)

[...] *geralmente eu faço minha pesquisa mais é no scielo, é.....eu jogo primeiro lá pesquisa de artigos se acha alguma coisa eu já vejo senão aí eu penso no assunto eu coloco lá a palavra e vejo se tem e coloco ...como que explica.., mais de uma eu coloco pesquisar, se eu não acho eu vou tirando uma, vou tentando trocar, ate ver se eu acho alguma coisa, ou senão quando é um assunto que eu não sei muita coisa eu jogo no Google vejo o que que é mas depois eu procuro num site mais confiável, de referências mais confiáveis.* (B10)

[...] *mas no primeiro como a gente tinha os grupinhos lá de síntese provisória, nova síntese então nesses momentos a gente tinha que levar trabalhos, e eles cobravam da gente não coisas do Google, mas que fossem, sei lá, de fontes confiáveis, então eles já cobravam isso da gente logo desde o primeiro ano.* (B11)

[...] *vamos fazer uma pesquisa e vocês tragam bases confiáveis não vão jogar no Google coisa e tal ver se tem, olha o SciELO.* (L8)

A *WEB* abriga enorme volume de informações, além de oferecer recursos para desenvolvimento de pesquisa também aloja, em seu conteúdo, informações comerciais e profissionais. Portanto, é bom lembrar que, ao se utilizar da *WEB* em suas pesquisas, o estudante deve estar atento às informações de localização da URL (*resource locator*) consultada. Nos endereços desses *WEB sites* estão descritos quais os tipos de página ali são tratados. Nesse ambiente encontram-se URLs, ou endereços eletrônicos, com extensão .com, que indicam a natureza comercial do site, as de extensão .edu, indicam tratar-se de *site* exclusivamente educacional, e também *sites* com extensão .gov, indicando extensão de *site* governamental. O critério de escolha desses *sites* deve ser cuidadosamente avaliado, haja vista

que a *internet* não controla o conteúdo dos *sites* que armazena (PATRICK; MUNRO, 2004).

Em tese, esse comportamento de busca, adotado pelos alunos, não está totalmente incorreto. A recuperação de artigos em texto completo, a partir de pesquisa no Google, é permitida quando o usuário desse buscador insere um termo ou uma pergunta que, ao ser cadastrada na *WEB*, recebe um código de identificação, o metadado. Cada vez que esse termo/expressão for buscado ele será recuperado pelo meio eletrônico, a partir do metadado recebido. Nas BDB, assim como na *WEB*, ao fazerem as buscas, as informações serão recuperadas pelo mesmo metadado do documento encontrado no Google.

Esse comportamento de busca por alunos de graduação utilizando o Google como principal fonte de pesquisa também foi verificado por Funaro, Victoretti e Uehara (2008), ao avaliarem alunos do sétimo semestre, do Curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Esses alunos também recorriam ao Google como principal fonte de pesquisa e recurso para obtenção de publicações que serviriam de referencial teórico de seus trabalhos de conclusão de curso.

Esse estudo (FUNARO; VICTORETTI; UEHARA, 2008) leva a se considerar que independente de ser um curso de graduação que formará profissionais para a área da informação, ou curso de enfermagem, esse comportamento de busca utilizando o Google se repete frequentemente.

Os jovens, atualmente, conhecem infinidade de buscadores da *WEB*, possuindo destreza no manuseio desses recursos, porém, muitas vezes, não possuem conhecimentos e habilidades suficientes para a pesquisa criteriosamente construída.

A mídia rotulou de geração X aqueles que nasceram entre 1965 e 1976, período anterior à guerra do Vietnan. Ainda, para a mídia, esse grupo é formado por pessoas mais apáticas, mais apegadas à família, mais nacionalistas e com menos oportunidades de acesso à tecnologia eletrônica. Essa geração, formada hoje por pessoas mais velhas, certamente teve acesso à mídia eletrônica depois de adultas, o que possivelmente lhes causou dificuldades na compreensão e manuseio desses recursos[6].

Os jovens de hoje, diferentemente da geração X, fazem parte da chamada geração Y, são os nascidos após 1981 (não há consenso sobre essa data). São caracterizados por terem grande facilidade com a mídia eletrônica, rotuladas como aquelas crianças que nasciam programadas.

Katie Patterson, executiva da Edelman Public Relations, em Atlanta, em entrevista

---

[6] Disponível em: http://www.usatoday.com/money/workplace/2005-11-06-gen-y_x.htm. Acesso em: 28 fevereiro 2011.

a um jornal declarou que "Um ambiente onde a criatividade e o pensamento independente são encarados como um aspecto positivo é atraente para as pessoas da minha idade"[6] (2005, s.p.). Destaca ainda que essa geração é muito independente e hábil tecnicamente. Esses jovens, os estudantes de hoje, são membros de uma geração digital, cuja familiaridade com a mídia eletrônica vai dos videogames até os computadores pessoais, diferentemente das anteriores, já que essas só tiveram acesso à chamada comunicação passiva (rádio e televisão).

A habilidade para lidar com diferentes mídias permite que esses jovens falem ao telefone, utilizem o computador e escrevam mensagem no celular simultaneamente. Para eles o mundo digital não é problema.

Percebe-se que, entre a maioria dos entrevistados neste estudo, foi destacada que a facilidade se concentra entre os alunos mais jovens, o que reforça a firmação de que a geração Y, ou seja, os nascidos após 1981, possuem grande familiaridade com a informática. Já os alunos mais velhos apresentaram dificuldades tanto de manuseio como de compreensão dos recursos oferecidos por ela.

Por esse motivo, possivelmente, os alunos localizam a informação desejada, ou pelo menos algum assunto a ela relacionada, com muito mais rapidez que os estudantes mais velhos, e também de seus professores.

Localizar uma informação para eles não é tão difícil, porém, o que resta é saber se essa informação é de qualidade, já que na *WEB* não há filtro para refinar toda informação a ela agregada. Muitas vezes percebe-se que existe distância muito grande em manusear com agilidade e recuperar com qualidade.

Cunha (2000) também afirmou que essa geração manuseia com muita facilidade os computadores, passa horas em bate-papo com os colegas, enfim, não têm dificuldade com a *internet*. Para essa autora, apesar de esses jovens terem muita habilidade em manusear a máquina, não possuem ainda compreensão do conteúdo científico de artigos escritos por um pesquisador da geração X.

As exigências impostas pelo surgimento da *internet*, a partir dos anos 90, com sua gigante teia de informações, revolucionou sistemas já em funcionamento (FOGG et al., 2001), assim como ofereceu oportunidades de aprendizagem e atualização muito mais rápidas e eficientes. Com a entrada desse mecanismo de busca em tempo real, podendo ser acessado a qualquer hora, que, para ser manuseado, necessitava apenas estar conectado à rede de informática, além de oferecer grande volume de informações, provocou, também, fortes mudanças nos serviços de referência das bibliotecas. Durante a fase de encantamento pelo novo, desse modelo ideal, completo e gratuito, seus usuários não perceberam que, com a

mesma facilidade com que encontravam a informação, poderiam perdê-la (FOGG et al., 2001; MARCONDES; SAYÃO, 2002), já que, na rede, os mecanismos de busca indexam apenas palavras das páginas estáticas em HTML, "esquecendo-se" de indexar os assuntos, hospedados nas bases de dados, também disponíveis na *WEB* (MARCONDES; SAYÃO, 2002). Essa indexação cega só reforça a importância de que, ao fazer busca, é preciso ser criterioso ao usar a *WEB*, pois, nesse mecanismo, é grande a dificuldade para encontrar informação relevante (MARCONDES; SAYÃO, 2002). Esses mecanismos são preparados para "buscar" o maior número de páginas, "não se comprometendo" com a qualidade do material recuperado (MOREAU, 2007, p. 3), sendo que essa afirmação também é confirmada por Camargos (2001), ao dizer que, ao buscar informações no Google, parte dos resultados apresentados são "referências fantasmas".

Além da agilidade no manuseio das mídias eletrônicas não garantir a qualidade das BB, cabe considerar ainda que nem sempre o jovem tem desenvolvida, efetivamente, a habilidade de leitura que exige paciência e reflexão, o que será comentado posteriormente.

Limitação no domínio da língua inglesa – idioma de comunicação universal das ciências

No meio acadêmico há um jargão que diz "a ciência fala em inglês" ou a "ciência se comunica em inglês", mas na prática o que quer dizer isso? Sabe-se que a Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra no século XVIII, provocou uma série de mudanças nas estruturas sociais já instaladas e que os idealizadores desse movimento falavam o inglês (FERREIRA; TARGINO, 2005). A ascensão cultural e econômica dos povos proliferou-se em outros países, difundindo dessa forma o idioma inglês. Já que os primeiros periódicos foram publicados na Inglaterra e França, obviamente em inglês, e que os grandes pesquisadores e inventores daquela época falavam esse idioma, utilizavam esse periódicos para divulgar seus achados.

Na área da saúde, os periódicos são considerados os principais veículos de comunicação da pesquisa científica. Seu conteúdo passa por avaliação de um sistema editor-avaliador, consistindo assim num espaço para anunciar resultados, comunicar e submeter produção ao julgamento da comunidade acadêmica. Além disso, trata-se de espaço onde são publicados resultados de pesquisas de vários autores, em intervalo de tempo determinado apresentando, de forma condensada, os conhecimentos recém-gerados, dando-lhes visibilidade nos meios acadêmico e científico (FERREIRA; TARGINO, 2005).

Há anos os periódicos buscam sua qualificação por meio da sua indexação nas BDB. É essa indexação que permite o acesso a pesquisas e pesquisadores, sendo assim consideradas as BDB os principais recursos a serem utilizados no desenvolvimento de estudos. Um dos quesitos considerados na qualificação de um periódico é sua publicação em idioma acessível à comunidade científica, nesse caso o inglês.

Como abordado anteriormente, foi em 1665, que se publicou o primeiro periódico científico, na Inglaterra. Esse país de língua inglesa divulgou primeiramente estudos acadêmicos enquanto o periódico francês divulgava questões de física e química, bem como sentenças eclesiásticas (FERREIRA; TARGINO, 2005). Essas publicações foram editadas em idioma inglês pois sua distribuição deu-se primeiramente nesses países; por convenção estabeleceu-se, então, que o inglês seria a língua de comunicação no meio científico. Ora, se o inglês é o idioma de conversação acadêmica não se pode mais pensar que se tornará um impeditivo no desenvolvimento de pesquisas. Todavia, no cotidiano universitário essa situação precisa ser melhor compreendida e problematizada.

No contexto deste estudo, os sujeitos entrevistados referiram-se, significativamente, à dificuldade na BB relacionada à limitação no domínio da língua inglesa.

Assim os alunos entrevistados deixaram claro que não desenvolvem pesquisa nas BDB certificadas quando sua apresentação está em inglês, destacando-se as falas dos sujeitos B1, B4, L1, L2, L4, L9, L10.

[...] *a busca bibliográfica que eu tenho que fazer é, uummm, por exemplo, é na base de dados mesmo acadêmica, científica, MedLine, PubMed* [...] *Ééhhh..... nesse tipo de base de dados, assim, a maioria é tudo em inglês, que é o que dificulta bastante, que eu acho que é uma das minhas maiores dificuldades.* (B1)

[...] *questão da língua, né? O inglês, pra mim pesa muito, até pra ta escolhendo, ver os critérios, é tudo inglês, né, então isso me dificulta um pouco, nem tem minhas orientações, então eu já vou no LILACS que é mais acessível pra mim.* (B4)

[...] *nomes* (das bases) *eu não me lembro, porque a maioria, principalmente da parte da educação, era internacional, não achei em português.* (L1)

Quando tem muita terminologia em inglês, no dia que eu fui procurar tinha mudado tudo em inglês, e algumas tavam em manutenção. Terminologia em inglês... Aí é uma dificuldade que eu tenho, e algumas bases, como a PubMed, eu acho que é mais difícil de mexer. (L2)

Acho que as maiores dificuldades mesmo são as com os artigos em inglês, as palavras, você saber as palavra que dá certo você achar o texto em inglês, eu acho que essa é a maior dificuldade. (L4)

[...] *é muito difícil, quer dizer, eu não consigo fazer a busca no PubMed, ainda mais por ser inglês, é super complicado pra mim, Mesmo colocando os descritores eu não consigo, enfim, e mesmo o SciELO também e outras ferramentas também prá mim é muito, muito dificultoso né. Eu tenho o inglês mas é muito especifico né, infelizmente os cursos de inglês hoje né, é difícil ter um especifico*

pra nossa área de saúde por isso que fica um pouco deficitário nessa parte né. (L9)

Mas eu acho um pouco confuso né, por causa ele vai te jogar um monte de informação, um monte de línguas diferentes. Ai você tem que saber mais ou menos procurar as coisas ali. (L10)

Outros estudos também apontam essas dificuldades. Diniz (2005), ao desenvolver estudo entre os estudantes de um curso de administração sobre o uso que esses universitários faziam da *internet* e a habilidade em manusear o conjunto de *softwares* disponíveis nos programas de computadores aponta que significativa parcela desses sujeitos não utiliza esses programas quando estão apresentados em inglês. Esse apontamento mostra que o idioma inglês é um impeditivo para obtenção de fluência e leitura de textos e exploração de recursos de informação, fato esse que interfere na aquisição de habilidades em lidar com a tecnologia (DINIZ, 2005).

O desconhecimento desse idioma, no âmbito acadêmico, mostra-se fator negativo ao desenvolvimento das habilidades informacionais já que, como outras vezes mencionado, a ciência, consequentemente a pesquisa, utiliza largamente literatura em inglês (DINIZ, 2005). A limitação nesse idioma acarretará uma série de dificuldades dos alunos a enfrentar quando forem publicar seus trabalhos. Sabe-se que na Administração grande parte das pesquisas passou a ser divulgada em inglês, fortalecendo, dessa forma, a necessidade de aquisição da fluência nesse idioma.

Garcia e Silva (2005), ao realizarem estudo entre alunos de pós-graduação de uma universidade estadual paulista avaliando suas habilidades em lidar com as BDB, verificaram que um dos itens que interferiu no desenvolvimento das competências informacionais está relacionado ao idioma de apresentação das TIs. Dentre os entrevistados, 14,5% apontaram falta de domínio do idioma das BDB, o inglês, sendo esse um dos fatores que os levava a recorrer ao bibliotecário.

Contrapondo-se a esses estudos, a pesquisa de Ramos et al. (1999), teve por objetivo conhecer o quanto seus usuários sabiam sobre BB bem como sua conduta durante a busca em linha e em CD-ROM. Esse estudo abrangeu usuários da Biblioteca do Serviço de Documentação Odontológica da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo e Biblioteca Central da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, apontando que os entrevistados, da área odontológica, cuja bibliografia é escrita predominantemente em inglês, recuperam 30% da informação em inglês, em português, 26%, em espanhol, 22%. Coube 19% para a busca bibliográfica sem restrição de idioma e apenas 3% optaram pela recuperação também em francês.

Estudo de Diniz e Olinto (2006), voltado para um curso de Administração, apontou que o domínio do inglês, dimensionado como estratégia cultural da família é relevante, pois promove o acesso às TIs, sendo que 22,6% dos alunos, consideravam bom ou muito bom o nível de leitura nessa língua. Apesar dessa porcentagem obtida, os alunos restringem suas buscas ao português, o que, segundo as autoras, limita o acesso à literatura da área da Administração, a qual se utiliza dos recursos das TIs mais sofisticados (DINIZ; OLINTO, 2006).

O domínio da língua inglesa relaciona-se, muitas vezes, ao acesso cultural e às condições sócioeconômicas da família. Assim, no contexto deste estudo, as dificuldades de domínio da língua inglesa podem relacionar-se ao perfil do aluno, principalmente nos cursos de Bacharelado e Licenciatura.

Enfatiza-se o curso de Bacharelado e Licenciatura, considerando alguns estudos relacionados ao perfil de ingressantes.

Corrêa et al. (2011) analisaram o perfil dos alunos ingressantes do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da EERP-USP, no ano 2006, justamente alunos sujeitos desse estudo. Os resultados mostram, dentre outras informações, que as idades dos ingressantes variam de 19 a 46 anos; 67,5% cursaram o ensino médio em escola pública, e 42% deles eram trabalhadores.

Wetterich e Melo (2007), ao avaliarem o perfil dos egressos do curso de Bacharelado da EERP-USP, de 1999 a 2003, relataram que houve aumento da porcentagem de egressos que cursaram o ensino médio em escolas particulares, e decréscimo daqueles que procederam de escolas públicas. Resultado esse divergente do mencionado anteriormente.

O estudo de Pinto (2004), desenvolvido com base nos indicadores nacionais de educação superior no Brasil, produzidos pelo INEP, IBGE e Unesco, analisou por meio de um mapeamento, nos últimos quarenta anos, as diferenças existentes entre os egressos nesse nível de ensino, as vagas oferecidas pelas instituições, como também o perfil dos concluintes e os docentes de cursos superiores. Nesse mapeamento, um dos apontamentos indicou que as dificuldades que os alunos oriundos das instituições públicas estão relacionadas às suas características socioeconômicas e culturais menos favorecidas. Também, ao coletar dados sobre a renda familiar dos alunos ingressantes em universidades públicas e privadas, Pinto (2004), por outro lado, mostra que alguns segmentos estudantis provêm de famílias cuja renda salarial está acima de R$ 7,2 mil, o que aponta para alto grau de elitização nos cursos de medicina, direito, odontologia, engenharia civil, administração e jornalismo, situação oposta à apresentada pelos alunos de cursos como os de Bacharelado e Licenciatura.

Nesse contexto, as universidades brasileiras vêm desenvolvendo políticas que favorecem o acesso de estudantes oriundos de escolas públicas. A USP implantou o Programa de Inclusão Social (Inclusp), aprovado pelo Conselho Universitário, em 2006. Em 2007, a Reitoria da USP instituiu a Comissão de Gestão da Política de Apoio à Permanência e Formação Estudantil na USP, órgão que gerencia esse programa e direciona suas atividades nesse sentido. Por meio desse programa inúmeros alunos ingressaram nos cursos de graduação da Universidade, sendo, uma das estratégias considerar as notas obtidas nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

No curso de Bacharelado e Licenciatura da EERP-USP é significativo o número de ingressantes beneficiados pelo Inclusp: 24 alunos (30%) em 2007; 14 alunos (17,5%) em 2008; 24 alunos (30%) em 2009; 28 alunos (56%) em 2010 e 25 alunos (59,5%) em 2011[7].

Neste estudo, pode-se compreender que tanto o acesso às BDB quanto o domínio da língua inglesa, representam formas de inclusão social do aluno, na medida em que permitem sua aproximação a outros conhecimentos que podem aprimorar sua formação acadêmica e ampliar suas futuras oportunidades profissionais, culturais e pessoais.

Acesso e leitura de texto completo: um desafio a mais enfrentado pelo estudante universitário

Em muitas falas, ainda no que se refere às dificuldades na BB, alguns alunos explicitam limites no acesso a textos completos, limites esses relacionados à dificuldade com a própria BDB até ao fato de não obterem textos completos em sua residência por não terem instalado o VPN, ou ainda, às dificuldades de visita à biblioteca do câmpus quando isso se faz necessário.

[...] *principalmente, eu não sei se é dificuldade né, mas principalmente quando eu encontro um texto e ele não ta na íntegra, então acho que o meu maior problema é esse, até por isso que eu parei de procurar em outros lugares, porque eu sei que no SciELO eu encontro ele na integra.* (B2)

Mas o difícil na base de dados, é que como eu não tenho o VPN em casa, abrir alguns acessos que só são disponíveis na base do VPN, que é a base de dados disponibilizada pra faculdade. Não (uso de bases de dados), eu vou direto lá já. Eu vou direto no SciELO, bom não sei se eu consigo fazer filtro lá né, cruzando por assunto, então será que eu to procurando no LILACS e tô achando errado? Eu vou no Google e digito direto SciELO Brasil. (B2)

[7] Dados extraídos do Relatório submetido pela EERP-USP à Comissão Permanente de Avaliação da USP, como parte do III Ciclo de Avaliação Acadêmica da USP (2009)

Então eu tenho acesso a resumos, mas eu não tenho acesso a textos completos, da Capes, do MEDLINE, porque isso eu teria que ter, tenho que ter o VPN. E eu também não tenho tempo pra instalar, nunca vim... prá instalar isso, mas eu sei que quando eu busco aqui na faculdade eu consigo textos que eu não consigo na minha casa. Então, essa é minha dificuldade, o acesso que não e tão público assim, o acesso é mais restrito. (B4)

Então, texto completo ... até o meu TCC é uma revisão integrativa, eu entro no Periódicos USP aqui de dentro da faculdade eu acesso e ai eu consegui a maioria [...] *mas eu acho assim tem gente que não consegue porque é um pouco complicado tem site que você entra ai você tem..aí tem o link lá, o ícone certo de você clicar pra aparecer o texto completo e não ta escrito lá assim texto completo clique aqui, é alguma outra coisa que tá escrito então assim eu acho que as vezes o pessoal tem um pouco de dificuldade por conta isso mas...*[...]. (B7)

Agora assim das facilidades assim da faculdade ter convenio, de você já conseguir entrar na revista, já conseguir acessar, já conseguir fazer o download do artigo pra você leva ali na sua casa, imprimir é muito bom isso né, principalmente assim quando ta sempre usando artigo e também eu não cheguei instalar na minha casa porque como eu trabalhava aqui na pró-aluno então eu tava sempre aqui dentro da faculdade mas eu cheguei a ver um.. eu não sei explicar direito como que é mas é um código que a gente pega e a gente pode acessar as bases de dados que a faculdade tem convenio mesmo de casa, então tem as instruções lá no site, tem salas assim é muito legal, tem amigas minhas que usaram já isso, de instalar em casa e poder acessar as bases de dados de casa, então ajuda muito né. (B7)

[...] *então o texto completo, aí eu entro lá na página aí tem, (interfiro perguntando que página) abriu aquele, a gente vai lá coloca os descritores e aquela página com todos os trabalhos que tem com relação aquilo, ai eu clico naquele trabalho e aparece o resumo né, aí eu procuro ali na tela algum que teja falando pra baxá o texto né, só que fora daqui da USP se não tem o VPN você não consegue abrir alguns né, então a gente tem só o resumo, então as vezes eu vinha aqui pra faculdade pra conseguir baxá esses artigos, que aí baxá em PDF né* [...]. (B11)

O texto completo eu realmente desisto. Então se caso a lista de alguma professora, quando ela pediu exatamente aquele artigo, eu recupero com xerox com outros colegas entendeu ou assim..eu gravo só o resumo ali e tento me adaptar por aquilo e tem as referencias Também que aparecem né e sempre vê naquelas referências indicando um artigo, citando o artigo, mas eu desisto... mas aquele artigo que não consigo encontrar no Google q é minha ultima esperança eu realmente desisto. Google acadêmico como apoio, com certeza. (L9)

(Texto completo*)* - [...] *nossa aí é complicado né. Eu não sei descrever, acho que eu utilizo as mesmas ferramentas do Google né, tudo pelo Google mesmo, vou trancando as informações que ele vai me dando, né. Tem vezes que não é 100% que eu consigo os textos completos, mas eu consigo as vezes o texto ou similares ao texto.completo (se não acho texto completo), aí eu vou pelos similares mesmo, eu vejo mais ou menos se bateu, aí eu dou uma lida no resumo vejo se tá mais ou menos o que eu procuro, o que eu quero, e vou por ali né, nem sempre eu consigo o texto completo.* (L10)

Numa iniciativa para facilitar o acesso aos documentos e aos recursos eletrônicos, dentre eles as bases de dados bibliográficas, assinados pela USP e disponíveis no *site* do Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI foi implantada a Rede VPN *(Virtual Private Network* ou Rede Privada Virtual*)* em todos os *campi* do Estado.

VPN é um serviço que fornece conectividade à rede USPnet a partir de qualquer computador conectado à *internet*. Esse serviço está disponível a docentes, funcionários e

alunos de graduação e pós-graduação da USP. Após cadastramento na rede é possível acessar serviços que são restritos à rede do câmpus como, por exemplo, consulta às bases bibliográficas da DIBD, através de provedores externos[8]. Para cadastrar-se é necessário somente apresentação do número funcional USP, seguida dos procedimentos técnicos para instalação no computador pessoal.

Apesar do oferecimento de rede remota para acesso ao acervo documental da USP, ainda assim alguns alunos, os quais não buscaram a autorização para uso do VPN (Virtual Private Network), a citaram como impedimento para acesso aos textos completos dos documentos, já que a rede é inacessível em suas residências, explicitando dessa forma a subutilização que fazem dos recursos disponíveis para pesquisa que a USP oferece. Nesses depoimentos percebe-se que alguns alunos restringem suas buscas ao período em que estão no câmpus.

Algumas disciplinas da EERP-USP inserem, em sua organização, tempo para que os alunos façam BB, porém, não há garantia que esses momentos sejam realmente suficientes: será que em um período de três a quatro horas, os alunos conseguem fazer suas pesquisas nas BDB, acessando textos completos, fazendo leitura, síntese e articulação com as questões de aprendizagem?

Além disso, a estrutura curricular de ambos os cursos tem muitas outras atividades acadêmicas, tendo o aluno que cumpri-las. Os alunos do Bacharelado estão envolvidos com muitas atividades ao longo do dia e os do Bacharelado e Licenciatura desenvolvem suas atividades nos períodos da tarde e noite, sendo que não lhes sobra espaço para estruturar mais adequadamente a busca de artigos, até porque alguns alunos são também trabalhadores.

Além disso, a opção por restringirem a realização de BB aos momentos em que estão na faculdade, pode também associar-se ao não acesso à *internet* em suas residências.

Estudo desenvolvido no Projeto Perfil, no período de 2006 a 2010, e coordenado por Corrêa et al. (2010) que traçou o perfil dos alunos ingressantes em 2006, aponta que, aproximadamente 64% deles têm *internet* por acesso pago. Os demais dependem da USP para usar esse recurso, o qual é gratuito e disponível a todos, inclusive com local próprio para esse fim.

Diferentemente desse estudo, o trabalho de Diniz e Olinto (2006), desenvolvido entre alunos dos cursos de Administração em duas escolas privadas do Rio de Janeiro, noturnos, os quais, a maioria deles, provêm de escolas públicas e são trabalhadores, mostra que esses alunos apontam que o aprendizado das TIs ocorreu no próprio ambiente

---

8 Para cadastramento acessar o *site* http://www.vpn.usp.br

universitário e que uma parcela expressiva desses alunos, 90,6%, acessa a *internet* de suas casas, por meio de conexão discada.

O estudante de enfermagem deste estudo, depende, significativamente, do livre acesso oferecido pela USP para a efetivação de suas atividades acadêmicas e de formação. Esse aluno aproveita-se desse recurso e explora-o com muita freqüência, apesar de alguns se referirem às dificuldades de acesso ao texto completo que se mostra um desafio a ser enfrentado pelo estudante universitário.

Outros ainda se preocupam com o pagamento do documento, apontando mais um fator de impedimento ao acesso aberto. Esse fato impossibilitava alguns alunos de fazer *downloads* dos artigos de interesse, o que muitas vezes os leva a desistir.

[...] *então, ai por conta disso assim, tem vez que tem o texto lá, que é o tema que eu quero né, mas que ai cê vê que você não consegue acessa assim, eu acho que tem que pagá, não sei, tem uns que tem que paga o periódico né. Aí acessá aquele que é do tema e o resto tipo não se enquadra assim no que eu tô procurando né, aí eu vejo assim se tem livro né, eu dou um jeito assim.* (B8)

[...] *mas não e sempre fácil não, pelo tempo, as vezes fala ah demora tantos dias, tem vez que consegue mandar por email tem vez que não, tem muitos que eu tem que pagar então eu já encerro o assunto por ali.* (L10)

Alguns alunos parecem que restringem o acesso ao texto completo apenas por via virtual, não fazendo nenhuma referência ou indicando o uso da biblioteca física como um dos recursos de acesso ao documento, como visto na fala B2 e L3.

E dificultava muito porque olhava, achava interessante, as vezes eu ia atrás e não conseguia a revista, por diversas vezes eu fui tentar achar a revista no campus não tinha, aqui na escola também não tinha, até porque as datas de reforma curricular, p.ex, se forem um pouco mais antigas não tem disponível, p.ex, da escola de enfermagem, não tem disponível online, aí eu teria que pegar o exemplar da revista mesmo, ai não acha, mais difícil, as vezes a biblioteca ta fechada, não consigo ir até lá, isso é uma dificuldade. (B2)

Algumas literaturas, tem só o resumo e aí eu tenho que partir pra outras bases pra poder conseguir um texto pela minha falta de tempo de ir em biblioteca e tudo..então... [...]. (L3)

Outras falas mostram que alguns alunos, ao contrário, incluem a ida à biblioteca, mostrando envolvimento na obtenção do texto completo. Para esses alunos um dos recursos de grande valor é o acervo da biblioteca da instituição onde, certamente, encontrarão material para fundamentar seus estudos.

Então daí quando eu não consigo, ou eu corro atrás da Biblioteca Central que tem os periódicos, pelas referências e vejo se tem, se não tiver, é um material que eu perdi ali na minha busca, que não utilizou prá outras bases, prá pesquisar não. (B4)

[...] *lá na biblioteca eu tive a oportunidade assim de buscar, de fazer todo esse percurso, com descritores, assim, eu sei fazer mas não é uma coisa que não é freqüente na minha vida, buscar e tal... depois ir lá no acervo e pegar tudo né que eu precisava, e ai fui juntando várias revistas que eu tinha encontrado e depois xeroquei todos os trabalhos.* (B6)

Eu fiz isso já, é um caminho gostoso, eu achei super interessante. E a gente fica lá, fica intretido, eu achei muito bom. [...] *procurar novos conhecimentos, porque, foi bem no segundo ano, mas eu fui outras vezes, esse ano eu já fui, ano passado também* [...] *mas a primeira vez que eu fiz esse tipo de busca foi no segundo ano da faculdade e eu me lembro assim de coisas que eu nem imaginava assim que existia de produção cientifica né, eu falei nossa, mas e assim, não é de agora, é de muito tempo, coisa de 20 anos atrás.* (B6)

[...] *só três que eu não consegui mas ai tinha a revista impressa na biblioteca central então facilitou bastante assim* [...]. (B7)

[...] *tem as vezes eu não consigo abrir uma revista né, mas ai vamos supor eu venho aqui na biblioteca vc sobe ali no andar de periódicos e consegue, então pelo menos saber que aquele trabalho existe você sabe, só você arruma um jeito de conseguir ele.* (B11)

Geralmente quando eu acho o texto completo, eu não gosto muito de ler em computador, eu tenho uma dificuldade imensa de ler no computador, então eu pego o resumo, geralmente ele me trás o resumo. Quando ele me trás o resumo, que eu vejo que é uma coisa que eu não tenho, então eu pego a revista. Porque eu gosto de levar pra casa, de ler na madrugada, dificilmente tem texto que eu pego da internet, da base de dados. . eu vejo o assunto, é interessante, vou na sala de leitura pego a revista, xeroco, ou levo a revista para casa, ou desço na biblioteca central, pra poder nas horas vagas, que é o q eu faço,leio a revista, dificilmente eu baixo texto completo, eu leio nas horas vagas. Dificilmente eu baixo texto completo. Eu gosto de ler a revista. (L6)

Mas primeiramente é na biblioteca, mesmo... no acervo mais físico mesmo. Eu vejo mais ou menos o tema, eu lembro ....ah tem alguma coisa relacionada a isso, ...em tal local, ali. (L10)

Há falas que indicam a preferência do aluno pelo acesso a livros impressos, todavia, representam a minoria.

Eu tenho muita preferência por livro [...], [...] *quando eu faço pela internet, é mil vezes mais rápido, não é mais fácil deu ler, deu analisar, eu tenho muita preferência por livro, e por pegar a revista mesmo, porque aí eu faço anotação, eu marco, no computador eu não gosto muito, muito cansativo.* (B2)

Tem um site do ministério da saúde que tem bastante livros pra área da saúde, que é de domínio público, eu faço bastante uso dela também. (L3)

Apesar de se ter encontrado poucos depoimentos sobre a satisfação de visitar centros de documentação, poder manusear o acervo físico e ter o gosto pela leitura, foi apontado por alguns alunos o gosto em fazer uma viagem quando entram numa biblioteca, aliada à essa sensação de estar em outro mundo, encontrou-se, aqui alunos afirmando que o computador não substitui o prazer de pegar a revista ou o livro, folhear, fazer anotações em partes que chamam sua atenção, enfim, ter contato com a publicação impressa. Afirmam sua

preferência em buscar o livro ou a revista, com a possibilidade de descobrir outros detalhes escritos, quando isso não é possível ao ler o documento na tela do computador. Nota-se nessas afirmações o gosto pelo uso do material impresso, a visita às bibliotecas e aos espaço físicos onde estão armazenados os acervos das universidades. É o sentimento prazeroso de descobrir um mundo até então desconhecido, é a oportunidade de um mergulho no conhecimento.

Pode-se constatar, então, que o virtual estará sempre vinculado ao impresso e que os diferentes meios de publicação do conhecimento se fundem para a divulgação do saber.

No contexto deste estudo, reflete-se que tanto as dificuldades de acesso quanto a leitura de texto completo podem se relacionar, em alguns casos, à pressa do aluno em realizar essa tarefa.

[...] *prá podê fazê uma busca mais refinada, as vezes não consigo, perco muito tempo procurando isso.* (B10).

[...] *olha eu acho complicado quando a gente tem que especificar, colocar alguns descritores prá afunilar aquilo que a gente quer, e aí aparece três mil coisas p.ex., relacionadas mas que não é exatamente aquilo que a gente te procurando, eu acho cansativo essa buscadessa forma* [...]. (B6)

[...] *as vezes eu não me preocupo muito em ver primeiro se ela é descritor ou não, as vezes isso prejudica um pouco, as vezes eu perco um pouco mais de tempo, mas é a paciência de ir lá ver...*[...]. (L8).

Pressa essa que pode ser associada às próprias condições de vida do aluno e das características do curso, o que leva a acúmulo de atividades, como já comentado, como também ao incipiente hábito de leitura entre os jovens, o que se relaciona, em algumas situações, às condições sócioculturais familiares.

Dauster (2001), ao desenvolver estudo em uma universidade particular no Rio de Janeiro, sobre a utilização das TIs, relata detalhadamente o comportamento de busca adotado por esses alunos. Nessa universidade particular, de grande porte, constatou-se que, apesar de haver modernos recursos nas bibliotecas e também em outras dependências da instituição, não há um espaço destinado à leitura e que esse *habitus* desenvolve-se por meio de prática de pesquisa, estudo e leituras literárias (de formação).

Esse autor (DAUSTER, 2001, p. 8) aponta ainda a crise no hábito da leitura como mais uma preocupação de estudiosos de vários países, já que as "operações intelectuais" se formam associadas, concomitantemente, à escrita de notas, comentários, textos. O estudo destaca que "operações intelectuais de síntese, análise, comparações e adições são parte desse processo de produção de conhecimento" (DAUSTER, 2001, p. 8). Essas operações permitem que o leitor selecione, reelabore, rememore, referencie, produzindo e escrevendo novos textos.

Nesse mesmo sentido, Sampaio e Santos (2002) desenvolveram um estudo entre estudantes da área de negócios, do período noturno, sendo a maioria deles advindos da rede pública de ensino e trabalhadores em período integral. Concluíram que esses jovens, por não terem muito acesso aos bens culturais, não têm o hábito de ler e redigir, possuem deficiências de síntese e abstração, o que interfere no desenvolvimento do curso de graduação. A leitura, processo de apreensão mental e compreensão de conteúdos, permite aos jovens graduandos a elaboração de pré-síntese, síntese provisória e síntese com mais propriedade o que contribui também para sua capacidade de argumentação e discernimento. Nesse estudo, os autores colheram como resultado que, após aplicação de um programa de intervenção e re-direcionamento de estratégias educativas, houve mudanças qualitativas nas atitudes dos alunos, com relação à leitura e redação sem a intervenção dos professores, o que contribui sobremaneira para o desenvolvimento das disciplinas oferecidas.

Zago (2006) analisou estudantes da UFSC, na qual parte dos alunos era oriunda de famílias da zona rural, menos favorecidas financeira e culturalmente também. Para esses alunos manterem-se na universidade eram obrigados a trabalhar e se abster de lazer, entre eles a aquisição de livros e participação em peças teatrais, o que logicamente os impedia do acesso a livros didáticos de sua área de estudo.

Apreende-se, assim, que a maioria dos alunos entrevistados neste estudo têm algumas dificuldades técnicas para acessarem textos completos, todavia, há de se considerar também a necessidade de investimentos que estimule nos alunos o desenvolvimento do hábito da leitura crítica, o que para nós significa "debruçar-se" sobre um texto, com a intenção de compreendê-lo para além da superficialidade. Isso pressupõe desenvolver mais efetivamente o sentimento de necessidade pela leitura de textos como estratégia fundamental para a aprendizagem. Isso ainda não desconsidera as condições concretas de vida dos alunos e de organização dos cursos que limitam a possibilidade de leitura nessa perspectiva.

Do que foi até então apontado, resta ainda pontuar que alguns alunos relataram que, no início do curso de graduação, além de não terem computador em suas casas, também não tinha habilidade para usá-lo, o que se modificou ao longo do curso de graduação.

Quando os alunos vivenciam dificuldades na BB podem sentir frustração.

Quando eu fiz minha pesquisa, nem tudo tava indexado no LILACS mas lá, tinha assim, revista brasileira, sei lá, de enfermagem, aí lá quando não dava o site você ia no Google, revista tal...tal... edição tal, volume tal, às vezes tinha, às vezes não, quando tinha... sucesso, ia lá e buscava, quando não tinha..frustração... não vamo buscar. (B3)

A esse respeito, Chagas, Arruda e Blattmann (2000) comentam que as frustrações

dos usuários podem ocorrer quando não obtêm a informação de que necessitam, quando a busca envolve maior abrangência e profundidade e quando o aluno desconhece os descritores adequados para essa busca, o que lhes causa a sensação de insegurança e desconforto. Também as frustrações podem acontecer após o levantamento das referências, quando por diversos motivos e situações, o aluno não obtém o documento, principalmente quando esse não se encontra na íntegra e gratuito na *WEB.*

Vale considerar que, apesar do predomínio da referência, as dificuldades para realização de BB, com enfoque significativo ao uso do Google, poucos alunos verbalizam aceso, por exemplo, ao Portal Capes, ao Banco de Teses Digitais da USP, ao EndNote, ao Scirus, mostrando instrumentalização mais aprimorada, o que se relaciona a outras oportunidades de aprendizagem por busca espontânea de cursos complementares ou de trabalho desenvolvidas por atividades de trabalho junto à Biblioteca do Câmpus USP Ribeirão Preto.

Isso pode ser verbalizado em algumas falas.

[...] *eu entro no Periódicos USP aqui de dentro da faculdade, eu acesso e aí eu consegui a maioria.* (B7)

[...] *assim, eu já usei os periódicos da CAPES também, quando eu fazia pesquisa de uma área que era de artigos internacionais, aí eu fazia pesquisas lá pelo Medline, mas agora pra faculdade eu uso mais o Scielo como banco de dados. Conheço as bases de dados.* (L7)

Além do Dedalus, tem o Periódicos, às vezes eu uso um pouco mais, o Periódicos da Capes, tem o Scirus também, o Mesh muito pouco. O Scirus é uma base que tem tudo que você quer saber que a pessoa produz ela tem ali [...]. (L10)

Assim, como visto na temática "Necessidades e práticas de busca da informação: dificuldades experimentadas pelos estudantes de enfermagem", construída a partir das falas dos alunos, apontam os obstáculos para a realização da BB, o que se relaciona também às ações educativas que vêm sendo desenvolvidas como suporte para a aprendizagem da busca qualificada.

Temática 2 – A organização do ensino de Busca Bibliográfica e o papel do professor

Como já comentado, na perspectiva de construir metodologia problematizadora, algumas disciplinas de ambos os cursos utilizam o ciclo pedagógico cujas etapas consistem em, inicialmente, promover a inserção dos alunos em cenários reais da prática profissional do

enfermeiro para que, a partir da observação e ação, tenham a oportunidade de desenvolverem-se como profissionais. Em seguida, em grupo, os alunos discutem os problemas percebidos nesses cenários, bem como relacionados ao seu próprio desenvolvimento profissional, construindo questões de aprendizagem - QA. Daí, para responder às questões de aprendizagem, os alunos realizam BB, em fontes variadas, individualmente. Finalmente, em grupo, trocam os conhecimentos sistematizados e, com o apoio do professor, reconstroem a resposta às QA, coletivamente. Nesse ciclo, o processo de BB é uma das etapas essenciais para a construção de conhecimento individual e coletivo. Todas as etapas mencionadas são organizadas, coordenadas e acompanhadas por um professor.

Os alunos deste estudo deixam claro que raras vezes o professor faz alguma orientação para o início da pesquisa, sugerindo que o professor poderia ter papel mais ativo na orientação da BB,

...numas disciplinas que a gente tinha que fazer buscas as professoras simplesmente falavam assim – busquem – elas não falavam mais nada, assim, não orientavam a gente, não alicerçavam a gente [...]. (B3)

Não acho satisfatório a maneira como ta sendo levado aqui não! Acho que poderia ser mais, assim, algo mais de concreto, com acompanhamento mais de perto, sabe, eu acho. Até por parte dos professores porque é uma exigência que a gente se baseie em base científica então como fazer essa busca? Eu acho que deveria ser um acompanhamento mais próximo. (B4)

então, eu acho que o professor é que ta mais relacionado, teoricamente é o que ta totalmente dentro né, mas na verdade é muito particular de cada professor, eu vejo assim os professores que orientam a gente na iniciação cientifica, se você pergunta eles sempre tão ali, orientam mesmo então são esses particulares nossos né, e agora das disciplinas mesmo depende também do professor. (B5)

Só que na hora de buscá como era uma coisa que a gente fazia no horário de busca não era ali na presença do professor tal, então o papel do professor ficava assim....poderia ter tido mais assim ...um olhar mais voltado pra esse lado, porque igual p.ex, se o professor ajudasse nesse direcionamento também, ia reforçar mais, então acho que nessa parte o papel do professor poderia ter sido melhor utilizado né, assim já que ele tava ali porque se o objetivo era ta utilizando a pesquisa na fundamentação teórica das disciplinas né, era legal se eles ajudassem a gente, porque assim tem muita gente que até hoje não sabe né [...]. (B7).

[...] *ah..., acho que o professor ele geralmente ele indicava o que que era a busca que a gente tinha que fazê, e as vezes dava algumas referencias só que a maioria era de livros e incitava a gente a procurá agora ajudá e ensiná, a procurá, não*[...] *é, ele sugeria. Site do ministério que as vezes eu procuro também, outras fontes, éhhh, incitava a gente vim na biblioteca daqui da faculdade vê nas teses que eram publicadas aqui, as vezes ele dava uma referência de já algum autor já de tese que falava sobre isso, e falava pra gente procurá nos sites que a gente tava acostumado a fazê busca.* (B9)

[...] *olha, então, no primeiro ano, que eu comecei a fazer mais assim, mais pro segundo né, que aí foi quando eu precisei, mas no primeiro como a gente tinha os grupinhos lá de síntese provisória, nova síntese então nesses momentos a gente tinha que levar trabalhos, e eles cobravam da gente não coisas do Google, mas que fossem, sei lá, de fontes confiáveis, então eles já cobravam isso da gente logo desde o primeiro ano, e aí, então esses professores, não os orientadores, pra mim, não*

contribuíram muito, olha procura assim, procura assado, entendeu, aqui você vai achar, isso com relação a pesquisa bibliográfica, não foi com eles que aprendi. (B11)

Com a possibilidade de você ser agente ativo na participação do seu trabalho, na construção do seu ensino, você tem que correr atrás de muitas outras coisas, porque a faculdade te instrumentaliza com 60% do seu conhecimento, o outro restante você tem q ir atrás e é bom isso porque você se torna um ser pró-ativo, mas aonde buscar isso muitas vezes o professor não ajuda. Muitas vezes você trás alguma coisa e ele só fala - Não, isso não ta legal - mas ele não te direciona, o que é que tá legal, o que é que não ta legal, o que ele esperava que você trouxesse. Acho que falta isso, falta uma clareza do professor que não ta sabendo passar pro aluno aquilo que ele quer..., que o aluno traga pra ele, porque ele já espera que o aluno desenvolva algumas competências com aquele aprendizado, mas isso não é passado pro aluno, , e o aluno fica, tem hora que fica meio perdido. (L6)

Eu acho assim que em relação a busca o professor até orienta. Mas ele, é o que eu falo, tem alunos que tem mais facilidades em trabalhar nesses sites e consegue conduzir melhor, a gente vê até nas novas sínteses né em relação com os artigos de leitura que são artigos mais científicos de alguns alunos mesmo, agora eu acho que não tem uma orientação muito especifica como realizar essa busca, talvez eles são facilitadores então eles tem que facilitar mas eles não tem que da algo pronto,também e a gente percebe que tem alunos que tem dificuldades na realização de busca e acaba partindo pra algo que não é cientifico mesmo e trás texto que não tem referencia e isso acontece muito. (L5)

Tem professor que já vai, já dá dicas, já fala onde encontrá, das dificuldades que você vai encontra, persisti naquela dificuldade, e orientá outra forma de buscá, e tem outros que não, que já jogam e se viram, vê se você consegue faze. (B5)

Por essas falas, os alunos sinalizam que são insuficientemente orientados pelo professor quanto ao processo de BB. Há falas que apontam que o professor faz exigências quanto às BB, como [...] *a gente procurava tanto e aí não achava e aí eles ficavam bravos porque a gente não achava né*...(B8) ou ainda [...] *já cobravam isso da gente logo desde o primeiro ano* [...] (B11), porém, na visão dos alunos não proporcionavam situação de aprendizagem suficientes para tal.

Cabe ressaltar, todavia, que algumas falas também se reportam a alguma forma de orientação feita pelo professor, porém, nas últimas duas falas abaixo percebe-se que se trata mais de indicações de referências específicas, do que propriamente apoio ao processo de BB. É claro que é também importante, em algumas situações, oferecer referências, textos, mas isso não necessariamente ajudará o aluno na construção da autonomia necessária no processo de construção do conhecimento.

[...] *ah..., acho que o professor ele geralmente ele indicava o que que era a busca que a gente tinha que fazê, e as vezes dava algumas referencias só que a maioria era de livros e incitava a gente a procurá agora ajudá e ensiná, a procurá, não* [...] *é, ele sugeria. Site do ministério que as vezes eu procuro também, outras fontes, éhhh, incitava a gente vim na biblioteca daqui da faculdade vê nas teses que eram publicadas aqui, as vezes ele dava uma referência de já algum autor já de tese que falava sobre isso, e falava pra gente procurá nos sites que a gente tava acostumado a fazê busca.* (B9)

A não ser o professor de educação, que nos solicita ou as vezes até mesmo fornece xerox de livros, e

relata alguns autores que a gente pode buscar. Eu concluo que o professor poderia nos proporcionar um aprendizado melhor, aliando a nossa formação à utilização da eletrônica né, do processo eletrônico de busca, mas isso não é requisito, eu posso fazer do jeito que eu quiser. (L3)

Um aspecto importante que é ressaltado por alguns alunos refere-se aos limites de conhecimento quanto às BB que também se fazem presentes em alguns docentes:

A minha iniciação científica também foi dessa forma, porque a minha orientadora infelizmente também falava assim - procura né, mas onde procurar, não, eu falava, me fala, me dá nomes de bases de dados, eu não tenho tempo, era essa a desculpa, ai então eu não sabia, se era falta de tempo mesmo, ou falta de conhecimento (da orientadora), então, se vira. Então foi o q me ajudou a fazer minhas pesquisas e me ajuda até hoje (se refere à ajuda da bibliotecária). (L1)

Ah sim, e quantas vezes o próprio professor não sabe fazer né, uma busca entendeu, então..[...]. (L9)

[...]...*Mas nem o docente às vezes conhece alguns tipos de bases de dados, nem todas assim pra pesquisa, acho que seria interessante* [...]. (L10)

É provável que os alunos, então, associem a insuficiente orientação quanto à BB, feita pelo professor, com os possíveis limites de seus conhecimentos a esse respeito. Obviamente, não é possível generalizar tal suposição, todavia, cabe aqui questionar se realmente os professores têm espaços suficientes para atualização de seu conhecimento nesse assunto. Além disso, mesmo em situações nas quais os professores têm relativo domínio do processo de BB, há que se considerar que, em qualquer conteúdo de ensino, conhecê-lo não significa necessariamente saber ensiná-lo efetivamente.

Compreende-se que, no atual contexto da Universidade, tanto no que refere ao desenvolvimento de pesquisas como às atividades de ensino, conhecer e saber manusear as BDB é necessário aos professores. Mas, dada a especificidade desse assunto, é imprescindível a participação do bibliotecário, como profissional da informação, tanto junto aos professores como aos alunos.

Isso significa que o ensino desses recursos digitais exige a presença do bibliotecário em alguns períodos e o suporte permanente do professor das disciplinas que trabalham cotidianamente com a busca qualificada, além obviamente dos professores orientadores. Não se trata pois de se acrescentar às atividades de ensino desse professor mais uma responsabilidade - ensinar BB – mas, sim, buscar modos de articular a relação bibliotecário professor aluno, para a construção da competência necessária a esse processo.

Sobre a participação dos professores nas atividades de busca de informação pelos estudantes cabe salientar:

Se os professores conhecerem a tecnologia que usa esses meios como suporte e praticar a leitura e, até mesmo, a escrita dessas mídias eletrônicas para poderem trabalhar, com seus alunos, "o conhecimento caoticamente retido através dos meios de comunicação de massa e das mais diversas tecnologias", poderão incentivá-los a produzir novos conhecimentos dando a sua contribuição para o conhecimento coletivo (CORTELLAZZO, s.d., s.p.).

Quanto ao fortalecimento da parceria professor bibliotecário, no contexto do currículo e da gestão acadêmica, é importante considerar que se trata de problemática atual.

Preocupados com a proliferação das TIs e as diferentes interfaces para busca, as bibliotecas universitárias inseriram em seus serviços a oferta de treinamentos direcionados à busca e recuperação de bibliografia. Contudo, percebe-se que essas desenvolvem essa atividade isoladamente dos projetos de disciplinas e gestão acadêmica. Essa prática isolada promove o isolamento da biblioteca dentro de um câmpus acadêmico, não havendo interação nem parcerias entre docentes e bibliotecários que favoreçam o desenvolvimento de atividades educacionais. Percebe-se somente o usuário buscar a biblioteca como ponto de apoio à sua necessidade de informação, e, ao encontrá-la, acaba aí seu vínculo com a biblioteca. Esse movimento tornou-se rotina nas instituições de ensino, o que não acontece em alguns países da Europa, p.ex., Inglaterra e Espanha, onde foi implantado modelo de gestão em bibliotecas que integra corpo docente, biblioteca e serviços, todos com o objetivo de proporcionar formação de qualidade, com competência informacional.

Apesar de, no Brasil, ainda existirem poucos estudos sobre esse modelo, pode-se ver o estudo de Castro Filho que, em 2008, desenvolveu a investigação “Modelo Europeu do Centro de Recursos para el Aprendizaje y la Investigación (CRAI)”, comparando os modelos e serviços de bibliotecas universitárias do Brasil e Espanha. Assim, realizou mapeamento das mudanças necessárias para sua implantação frente ao novo paradigma de gestão de bibliotecas que o CRAI exige, utilizando-se das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Essa nova forma de gestão deve envolver desde a comunidade acadêmica até os profissionais das bibliotecas e segmentos da universidade relacionados ao processo ensino aprendizagem

O mesmo autor apresentou como resultado a análise e avaliação dos serviços oferecidos à comunidade acadêmica, bem como sugeriu que a viabilização do CRAI na Universidade de São Paulo poderia começar pelos *campi* de Ribeirão Preto, USP Leste, Bauru e Pirassununga (CASTRO FILHO, 2008). Esclarece ainda que essa indicação deve-se ao fato de esses *campi* estarem mais distantes da capital, terem em suas bibliotecas um quadro menor de funcionários, ser oferecido no câmpus numero menor de cursos, haver mais facilidade na interação entre todos os profissionais e, finalmente, haver somente uma biblioteca no *campus*, já que a implantação do CRAI exige que a instituição seja reformulada em seus aspectos

físicos e no setor de serviços.

Quatro conceitos chave definem o CRAI, sendo eles a gestão da informação, a alfabetização informacional, apoio ao ensino aprendizagem e a otimização de recursos (CASTRO FILHO, 2008).

Na cidade de Londres, alguns *campi* que implantaram o CRAI em suas bibliotecas servem de referência aos bibliotecários espanhóis, oferecendo suporte informacional e físico em suas visitas (CASTRO FILHO, 2008).

Esse cenário de parceria professor biblioteca ainda se encontra distante da realidade brasileira, haja vista que mesmo as bibliotecas universitárias que estão mais equipadas com recursos eletrônicos e que recebem maiores verbas não dispõem da infraestrutura necessária para implantação desse modelo. O espaço físico e as atividades já estruturadas serão alteradas significativamente, o que requer além de recursos financeiros a aceitação de mudanças, o que muitas vezes vai contra os projetos dos professores e seus interesses como orientador.

Em pronunciamento, representantes da Unesco, nas palavras de Castro Filho (2008),preconizam a modernização da infraestrutura dos estabelecimentos de ensino superior e destacam o novo sentido que deve assumir a palavra "biblioteca".

Uma biblioteca não é mais simplesmente um lugar onde se coletam, catalogam e conservam permanentemente obras e outros impressos que interessam ao ensino e à pesquisa. Ela é, cada vez mais, um centro nervoso que assegura, entre os provedores e os usuários da informação, interações que condicionam amplamente a aprendizagem, a pesquisa e o ensino modernos (BRASIL. Senado Federal, 2003). Na denominada "civilização cognitiva", em virtude da incorporação das abordagens construtivistas às práticas pedagógicas de aprendizagem, as bibliotecas precisam se converter em "Centros de Recursos de Aprendizagem" (CASTRO FILHO, 2008).

Nesse contexto, é fundamental a introdução de programas educacionais voltados ao desenvolvimento da competência informacional. Essa competência constrói-se lentamente, envolvendo a comunidade acadêmica como um todo.

Propostas como a implantação do CRAI envolvem muitas mudanças políticas, organizacionais, financeiras e pedagógicas na Universidade, sendo de difícil operacionalização.

Apesar disso, é fundamental a introdução de programas educacionais voltados ao desenvolvimento da competência informacional na EERP-USP, já há muitos anos têm sido promovidas algumas atividades educativas (oficinas), com a participação de bibliotecário,

com o objetivo de possibilitar a aprendizagem dos alunos sobre BB, assegurando, dessa forma, a recuperação de informação de qualidade em saúde.

Nesse contexto, muitos alunos se referiram a essas atividades educativas. De modo geral, tais espaços de formação são valorizados, todavia, considerados insuficientes.

...a gente teve uma aula, aqui na faculdade, que foi (curso de licenciatura) [...] *foi muito curta, mas que ajudou também. Conheço o banco de descritores, porque também a mestranda mostrou e porque teve uma aula aqui na faculdade, mas que foi muito curta, mas ajudou também.* (L1)

Já fiz. Eu fiz um treinamento aqui na escola, no primeiro ano, não foi um treinamento, foi uma instrução, foi você mesmo que fez, um direcionamento, aí depois, quando eu tava no terceiro ano da graduação, eu fiz um treinamento, com a funcionaria lá embaixo, na biblioteca. (L2)

Só aqui na escola, nos tivemos uma primeira aula com a professora XXX, no primeiro ano que ficou muito confuso porque eu só tinha o computador da escola prá fazer isso, então eu não tinha muito acesso [...]. (L3)

Não assim especificamente. Houve alguns momentos, em aula, que foi dado uma aula especificamente pra ajudar a gente, especialmente no primeiro ano, a conhecer essas bases de dados, mas assim tudo, mas assim, um curso, uma palestra não. Foi uma aula. (L4)

Curso não, a gente teve a aula inaugural né, do curso de licenciatura que era a inserção na universidade, que tinha a aula referente a busca e durante mesmo a faculdade, no primeiro ano, a gente foi recebendo orientações depois eu acho que isso se perdeu um pouco, continuou quem deu sequencia na pesquisa que o próprio orientador vai trabalhando junto, mas tirando quem não trabalha ca pesquisa é uma coisa que no decorrer da faculdade apesar de ser uma universidade voltada pra pesquisa acaba se perdendo um pouco. (L5)

Nas disciplinas da faculdade teve, eu não lembro se foi uma disciplina ou algumas aulas, mas teve uma orientação. Não sei se foi uma disciplina. Ou mais, mas teve uma orientação....[...] *Talvez, eu não lembro, se foram aulas, não sei qual a denominação, mas talvez aumentar, de maneira geral aumentar, a carga horária do treinamento pra fazer buscas. Porque passa um tempo assim, você acaba esquecendo, se você não ficar lá praticando você acaba esquecendo também, se aumenta dá uma ênfase maior*. (L7)

E assim eu achei um pouco prejudicial assim por nos não termos tido uma disciplina ou mesmo assim, mais aulas especificas sobre essas ferramentas. Temos essa necessidade, a gente não teve isso então fica realmente muito dificultoso. (L9)

Desde o primeiro ano, a gente teve pouquíssimo, na verdade a gente teve uma aula, uma aula somente com você, e só, entendeu. Durante o primeiro ano, era uma época assim, era uma data que a gente não tava tão incluso com a pesquisa,entendeu eu achei que foi uma data totalmente incorreta e só. Em outros momentos por conta da necessidade houve a necessidade de convidá-la né, para fazer parte de alguma disciplina pra tenta ainda preencher a lacuna, porque realmente nós não conseguimos, é muito difícil [...]. (L9)

Porque assim, eu me lembro que no meu primeiro ano de faculdade a gente teve um treinamento, inclusive com você, na sala da pró-aluno, mas assim, eu achei muito difícil esse tipo de pesquisa na LILACS né, que a gente treinou [...] Não nem curso nem palavra, nada do tipo. Fez treinamento com a sala toda, no primeiro ano, pra conhecer o lilacs, a biblioteca virtual, pra conhecer o acervo da biblioteca central, pra saber onde estão os livros, as teses, ou por assunto. (B1)

[...] *me lembro que no meu primeiro ano de faculdade a gente teve um treinamento, inclusive com você na sala da pró-aluno.* (B1)

Então, eu fiz, eu participei de uma palestra dada por uma, eu não me recordo muito bem qual era a profissão dela, mas é da Biblioteca Central, ela veio aqui na Escola e deu umas noções assim e também teve uma disciplina aqui do curso, uma aula de como buscar, de como fazer busca. (B4)

Então, essa disciplina que eu disse que teve uma aula de como fazer busca, foi única e a gente tá aqui há 4 anos e 4 anos tendo que fazer busca, tendo que fazer pesquisa, e a gente só teve uma, então qual é a orientação que a gente tem durante a nossa graduação, uma única vez, ou também quando a gente corre atrás de palestra e curso pra fora? (B4)

No início da graduação, no primeiro ano a gente tem uma aula sobre esse tipo de busca, que é novidade né, quando você entra na universidade que você vê.., eu pelo menos prá mim foi novidade, eu chega aqui e saber que existe tudo isso prá buscá né, então eu acho que talvez precisasse de um enfoque maior né, porque é tão estimulado a nós, os alunos a buscá, a ir atrás, a procurar o conhecimento, e tal. E as vezes a gente não tem todos os instrumentos que a gente poderia ter, então enfoca muito na busca mas não no instrumento quer a gente vai utilisá. (B5)

Embora no primeiro ano a gente tenha tido uma aproximação como mexer, como usar essas ferramentas, mas isso é muito pouco ao longo dos anos, a gente vai perdendo então acaba utilizando o Google como um caminho mais rápido mas sempre procurando por artigos que tenham credibilidade, né. (B6)

olha eu acredito que a aula do primeiro ano é importante, ela deve continuar, ela situa um pouco, mas isso devia ser retomado continuamente na disciplina de metodologia, porque nós temos um espaço pra isso assim, mais direcionado NE, não que a gente vai usar esse espaço de busca apenas pra fazer o TCC, mas a gente vai usar na vida como um todo, então eu acho que na metodologia era é um espaço bacana, porque tem esse espaço, eu to terminando, tira essas disciplinas... esse espaço existe, então dá pra encaixar o conteúdo da disciplina mais isso, eu acredito que é possível né, e até mesmo no quarto ano a gente pode continuar isso, porque eu sinto às vezes, e tá sendo interessante essa conversa, porque eu preciso fazer uma busca, tinha feito pelo Google e não tinha dado certo eu nem me atentei que eu podia ter ido por outro caminho, agora eu vou...risos [...]. (B6)

a gente nun...acho que não, a gente não ta, ninguém ta pensando nisso, então talvez repetir essa aula, repeti esse modo de buscar porque eu acho que a gente encontra muito mais coisas do que ficar só ali só no Google e coisas muito mais interessantes do que.....[...] *no site de busca, que é o próprio pra gente fazer isso, né, mas no primeiro ano eu achei muito confuso isso né, entra no descritor, entra aqui, põe palavra, e procura naqueles três, nas três colunas e ali você tem que por palavra autor, eu nem lembro direito, então no primeiro ano acho que eu a gente não ta preparado pra isso né, acho que podia repetir essa aula pra fixá isso.* (B9)

Essa insuficiência relaciona-se, em muitas falas, ao fato de, quase sempre, haver uma atividade pontual no primeiro ano. É interessante perceber, na fala L7, que fica uma lembrança vaga a esse respeito. Ainda, alguns alunos (B6, B7, B9) apontam que, no primeiro ano, já recebem muitas informações novas, quando da entrada na Universidade o que aliado, à dificuldade mesma do acesso às BDB, dificulta a aprendizagem.

Assim, compreende-se que esses alunos reconhecem a necessidade da realização de atividades educativas relacionadas às BBs. No primeiro ano, todavia, o que questionam é a não continuidade do processo educativo formal de aprendizagem da BB ao longo dos anos.

Apenas um aluno (L9) afirma que, em sua visão, essa atividade não deveria ocorrer no primeiro ano.

Alguns alunos até se referem a outro momento educativo para além do primeiro ano.

Foram duas vezes. Foram duas vezes -no primeiro ano e no terceiro ano.(dentro do curso da licenciatura, no primeiro ano, tem a oficina da disciplina de OTV, oficina temática vivencial, inserção na universidade, que agente tem no primeiro ano, logo nas primeiras semanas, que tem como um dos objetivos instrumentalizar o aluno pra isso, mas assim, é uma oficina oferecida dentro de 5 dias, e ao longo do curso a gente retomou isso, no segundo ou no terceiro ano, a gente teve de novo, a professora de uma disciplina, disponibilizou, pra que o pessoal do setor de documentação da escola fizesse com a gente uma preparação, até porque foi uma solicitação dos alunos, e isso ajudou bastante. (L6)

Então acredito que é importante ter esse treinamento ou essa apresentação ao longo de toda graduação não só um momento lá no primeiro ano porque no primeiro ano é muita informação, a gente acaba não absorvendo tudo e assim envolver mais as pessoas porque o grande mistério é envolver as pessoas, porque se as pessoas estiverem envolvidas e isso inclui alunos e docentes o trabalho vai ficar muito melhor, eu acho assim, vai fazer muito mais sentido prá gente. (B6)

Cabe ressaltar, entretanto, que, de modo geral, apesar da proposta pedagógica dos cursos privilegiar a construção de autonomia pelo estudante e a integração de conhecimentos, o que prevalece mesmo é uma atividade educativa pontual que, dada a complexidade do processo criterioso de BB, não se faz suficiente.

Considerando que há poucos momentos para as orientações sobre a BB, bem como incipiente apoio pedagógico do professor, o aluno pode ser levado a minimizar a importância do aprendizado e do envolvimento com o conteúdo das BDB. Isso pode ser percebido quando tratam o assunto utilizando expressões como:

Aí no primeiro ano a gente teve uma aulinha uma exposiçãozinha de como que a gente poderia fazer essas buscas, mas ficou meio assim no ar ate eu precisar fazer né. Aí depois do que, no segundo ano mais assim que eu precisei mesmo né, aí que eu comecei né [...]. (B11)

Os alunos também comentam sobre quem realizou a atividade educativa promovida no primeiro ano, sendo na maioria das falas apontado o bibliotecário. Apenas um aluno refere que tal atividade foi efetuada pelo professor.

Cabe destacar que, desde o início da nova proposta dos cursos de Bacharelado, em 2005, e do início do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, em 2006, é programada uma atividade educativa/aula, quase sempre, com bibliotecário convidado na primeira disciplina que se propõe a utilizar metodologia problematizadora, com uso do ciclo pedagógico já comentado.

Assim, como os alunos iniciam a realização de BB, como parte de seu

desenvolvimento, no primeiro ano, principalmente em disciplinas que utilizam o ciclo pedagógico, em nossa compreensão, o momento do início desse aprendizado não é inadequado, visto que o aluno já necessita lidar com as ferramentas de busca, mas, sim, o não oferecimento de atividades gradativas que permitam um aprendizado processual. Ao se dizer processual, subentende-se que, como outros aprendizados, o da BB é também complexo, como já comentado, não sendo possível apreender o uso criterioso das ferramentas de busca em um único momento, ou em momentos fragmentados. Isso porque aprender a realizar BB não envolve somente a dimensão técnica procedimental, mas, também, as dimensões factual/conceitual e atitudinal.

Entende-se por aprendizagem de conteúdos factuais o conhecimento de fatos e acontecimentos que fazem parte da vida cotidiana das pessoas; a aprendizagem dos conceitos e princípios abrange a necessidade de compreensão e interpretação desses fatos e acontecimentos, provocando processo de elaboração e construção pessoal do conceito; a aprendizagem procedimental inclui regras, técnicas, métodos, e habilidades que exigem exercitação e que se tornam conscientes pela reflexão sobre a própria atividade, e, por fim a aprendizagem dos conteúdos atitudinais que envolve os valores, as atitudes e normas que regem a sociedade. Seu aprendizado pressupõe desde certo grau de automatismo e reflexão escassa sobre as razões que justificam as atitudes até a reflexão sobre elas com clara consciência de seus valores (ZABALA, 1998).

Em se tratando da temática BB, compreende-se que seu aprendizado envolve conceitos como os documentos bibliográficos, busca qualificada, bases de dados bibliográficas, palavras-chave, linguagem natural, bem como o histórico da construção dos sistemas de informação em saúde. Apropriando-se dessas ideias, mesmo que a partir de conhecimentos básicos, os alunos se envolvem mais efetivamente com a temática.

Quanto ao aprendizado procedimental, aprender a fazer BB envolve desenvolver habilidades para o manuseio adequado dos sistemas de informação, o que exige contínuo exercício.

Além dos conteúdos conceituais e procedimentais, no aprendizado da BB também se insere o aprendizado de atitudes fundamentais a serem construídas pelos alunos como a curiosidade intelectual que permita a reflexão e o questionamento sobre a realidade, o desenvolvimento de responsabilidade e comprometimento com a realização da BB, extrapolando o cumprimento da tarefa e possibilitando o desenvolvimento da consciência de valores que passam a ser internalizados pelos alunos.

Nessa direção, a realização apenas pontual de atividades educativas voltadas à BB

não é facilitadora da construção da autonomia pelo estudante, o que se contrapõe à proposta pedagógica dos cursos.

Sobre a idéia de autonomia no processo de aprendizagem, Rué (2007) comenta que um aluno possui mais autonomia quando consegue exercer autocontrole sobre as finalidades de sua atividade de aprendizagem, ou seja, sabe o que e para que faz; implicar-se com aquilo que faz; tem determinado nível de controle sobre recursos, tempos, procedimentos e qualidade do que executa e dispõe de algum elemento de apoio, como critério de referência seja social, informativo ou procedimental, para avaliar suas atitudes ou resultados.

Ainda, levando-se em conta a percepção de autonomia enfocada por esse autor, o aluno, na aprendizagem da BB, poderá transitar de um nível de dependência para a autonomia na medida em que sua aprendizagem não se restringe à obtenção de informação, envolvendo conhecimento, aplicação a análise, síntese e avaliação daquilo que faz.

Esta ideia é bastante coerente quando a intenção é que o aluno exercite cada vez mais autonomamente a BB nas disciplinas, bem como na construção de trabalhos de pesquisa, incluindo o TCC.

Dudziak (2003) chama aprendiz independente os usuários que avaliam criticamente a informação coletada, segundo "critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica e ética" (p. 29). O poder da informação, constrói parcerias para aprendizagem de acordo com as normas da competência informacional, aprendizagem independente e responsabilidade social (CAMPELLO, 2003; HATSCHBACH; OLINTO, 2008).

No contexto da competência informacional, há diferenças distintas entre ela e a capacitação do usuário. Enquanto a última habilita os usuários a melhor utilizar as Tis, a primeira, ou seja, a competência informacional implica no preparo do usuário para interagir com essas ferramentas.

Assim, aqueles que desenvolvem competência informacional avançaram em sua cognição, adquirindo habilidades para lidar e analisar criticamente os conteúdos das Tis, o que permite tomada de decisões (TAKAHASHI et al., 2010).

Outra lógica presente na proposta pedagógica dos cursos da EERP-USP refere-se à integração de conhecimentos. Assim, as atividades educativas pontuais não permitem integrações mais efetivas com as BB desenvolvidas pelos alunos ao longo das disciplinas, o que pode dificultar a construção do aprendizado significativo.

Do exposto, fica nítido que, dada a complexidade do processo criterioso de BB, se faz necessário repensar a organização das atividades educativas propostas no decorrer do

curso, o que será retomado posteriormente.

Na realização da atividade educativa, cabe ainda considerar, apesar de ser algo não mencionado pelos alunos, que quase sempre são feitas exposições de muitas informações com pouco tempo para exercícios e, principalmente, para a articulação com a prática cotidiana de BB pelo aluno. Ou seja, quando efetivamente eles precisam fazer suas buscas, não necessariamente conseguem pôr em prática sozinhos os recursos que supostamente aprenderam. Isto se relaciona ao método de ensino empregado na atividade educativa.

Takahashi et al. (2010) alertam que somente o oferecimento de sessões de treinamentos ou oficinas (capacitação), como podem ser chamados, não são suficientes para o aluno de hoje; isto é, apresentar-lhes os recursos para pesquisa ensinando-lhes as técnicas para seu manuseio. O aluno contemporâneo tem acesso às TIs e a computadores pessoais, fato esse que, quando habilitado a tirar dessa tecnologia conteúdo de qualidade, o transforma em agente multiplicador e futuro produtor de conhecimento em saúde. Porém, para que isso aconteça oferecer-lhe treinamentos estritamente técnicos se tornaram iniciativas insuficientes. É necessário apresentar opções mais dinâmicas e condizentes com suas realidades, preparando-os não só a explorar as BDB, mas também extrair de seus conteúdos que serão utilizados em sua prática profissional do futuro e fortalecer sua formação acadêmica.

No contexto deste estudo, as atividades educativas ainda se fundamentam nas perspectivas pedagógicas tradicional e tecnicista, comumente utilizada pelos bibliotecários.

A pedagogia tradicional tem como foco a transmissão do saber pelo professor que ocupa o centro do processo de ensino, quase sempre, em postura autoritária que inibe a participação e o desenvolvimento de criatividade pelo aluno.

A pedagogia tecnicista foi bastante difundida na década de 70, no Brasil, fundamentando-se na produtividade, eficiência e racionalidade, com ênfase no conhecimento observável e mensurável, o que também dificulta o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno (FELTRAN et al., 1991).

Além disso, o interesse imediato é a produção de indivíduos “competentes” para o mercado de trabalho, o que envolve transmissão de informações precisas e rápidas (LUCKESI, 1994; PEREIRA, 2003).

Considerando que os currículos desta escola têm a metodologia problematizadora como um dos referenciais teórico-metodológicos, é necessário revisar também o “como ensinar” a realização de BB. Assim, trata-se de, também, problematizar a realidade que o aluno vivencia quando se envolve com as buscas, destacando suas dificuldades e apoiando-o na apreensão de modos de fazer que tenham fundamentação e articulação com os processos

reais de buscas.

Na pedagogia da problematização, tanto professores como alunos, no processo de construção do conhecimento, partem da problematização da realidade.

Essa pedagogia tem como intenção a formação do aluno para o agir político, como cidadão e profissional, e agente social partícipe da construção da história de seu tempo (BERBEL, 1998).

Compreende-se que a utilização do método problematizador nas atividades educativas da BB poderá possibilitar que o aluno não apenas se aproxime dessa prática, mas que, envolvido com ela, possa aprendê-la.

Apreender, do latim *apprehendere*, significa prender, assimilar mentalmente, agarrar; não se tratando de verbo passivo, pois apreender exige ação, exercício, apropriação de algo (ANASTASIOU; ALVES, 2005).

Ainda em relação a método de ensino, a abordagem problematizadora pode favorecer o diálogo entre os alunos que passam a reconhecer os colegas como parceiros de aprendizagem.

Chama a atenção que foi muito pouco enfocada a possibilidade de aprender com o outro (aluno), nas falas dos entrevistados.

[...] *mas quando eu precisei exercitar, tinha uns colegas que tavam praticando mais, fazendo desse jeito, aí resgataram* [...]. (L8)

[...] *pro meu TCC eu usei* (refere-se às bases de dados bibliográficas), *e prá ajudar uma outra aluna no mestrado eu também usei a biblioteca virtual, PubMed, utilizei esses recursos sim, o LILACS, prá pega os resumos e conhecer alguns artigos.* (B6)

Ao mesmo tempo que os alunos tecem comentários sobre a insuficiência das atividades educativas já existentes, apresentam sugestões a esse respeito.

Acho que seria interessante desenvolver assim, não sei se uma disciplina, acho q uma disciplina as vezes não caberia na grade, mas um treinamento alguma coisa que fosse retomada, principalmente nos primeiros anos, pra que isso não se perdesse, apesar da gente ter que exercitar enfim, mas existem muitas duvidas com relação a isso, mas a gente acaba contornando, pra conseguir fazer, não que agente faça errado, o trabalho acaba saindo mas talvez não da forma que é preconizado ...certinho, que talvez desenvolvesse algum curso, alguma coisa do tipo iria auxiliar, uma oficina, coisa assim, iria auxiliar sim.quando a gente chega é que vai conhecer, é que vai entrando em contato assim, pra depois desenvolver alguma coisa mais pra frente. (L8)

[...] *no segundo, no terceiro ano, nós não sabemos Tb assim qual seria o determinado momento NE, mas ter uma disciplina ou mmo não sei, uma sequencia de aulas especificas pra isso, seria o ideal para nosso currículo com certeza, acho que a faculdade tem condições de ter isso, não há o pq não ter isso, eu não sei pq eu não tive, eu não sei se os outros anos tiveram isso que to falando, as vezes eu to falando algo q já existe, mas eu não tive e foi uma falha acredito na minha formação, e eu q*

precisei de buscar pra preencher essa lacuna entendeu, então como sugestão eu acredito q assim uma disciplina ou uma sequencia, não sei, um ciclo de palestras especificas sobre o tema. (L9)

Sugestão-eu acho que devia ter uma aula de referencia, porque tem bastante coisa, ate mesmo pra voce aprender um pouco mais. Uma coisa pra vc aprender , ah... existem as bases de dados, as vezes tem isso..., vamos fazer uma coisa mais dinâmica, nem se for uma optativa..eu acharia que é interessante. Já que a faculdade prega muito, ah vamos pesquisar,... pesquisar. Mas nem o docente as vezes conhece alguns tipos de bases de dados, nem todas assim pra pesquisa, acho que seria interessante..criar uma aula alternativa, criar uma parceria com o pessoal da biblioteca, ou ate mesmo do Cid aqui, é uma alternativa, pra aprender, aqui, uma coisa aqui, alguma coisa assim, pra ter uma noção do que realmente pesquisar. Porque sempre tem ferramentas novas, que eu ainda não conheci, agora mesmo eu fiquei sabendo que tem um tal de .. Google welf, healf, não sei, tem bastante informação de bases de saúde, eu não cheguei a ver ainda, ferramentas em tecnologia em saúde mas eu não cheguei a ver ainda. Eu tava vendo com o pessoal da medicina social que eles tavam falando que eles utilizam bastante, tecnologia em saúde, so que eu não cheguei a ver. Isso é uma tecnologia que a gente não fica sabendo, existe mto mais coisa que a gente não fica sabendo, você consegue informação muito mais atualizada, fica naquela coisa, Scielo, Google, Scielo, Google, ..é uma coisa pra trabalhar. (L10)

Os alunos referem-se à necessidade de inclusão de “disciplina”, “sequência de aulas específicas”, “ciclo de palestras”, “disciplina optativa”, “oficina”, enfim espaços formais que tratem do aprendizado da BB.

Ao se referirem à disciplina uma das alunas (L8) questiona se realmente sua inserção seja interessante, questionamento com o qual se concorda, aqui.

Entende-se que apenas incluir mais uma disciplina na estrutura curricular não garanta realmente maior efetividade à aprendizagem da BB, pois a integração desse conhecimento com os demais e o caráter processual desse aprendizado permaneceriam fragilizados.

Quando se reportam a atividades como “oficinas”, “ciclo de palestras”, entende-se que os alunos sugerem atividades com características diferentes das comumente realizadas em disciplinas. De certo modo, tais atividades já ocorrem na EERP, todavia, necessitam de revisões quanto ao enfoque, método de ensino, momentos de sua inclusão na estrutura curricular.

Numa iniciativa de minimizar os obstáculos que os alunos de um curso de graduação em enfermagem encontram ao ingressarem numa universidade pública, um grupo de bibliotecárias, junto com a Comissão de Graduação da Instituição, oferecem as oficinas sobre as fontes de informação da área da saúde (TAKAHASHI et al., 2010). Essas oficinas foram planejadas numa pareceria docente bibliotecário, destacando que essa atividade está inserida no projeto político-pedagógico do curso de bacharelado em enfermagem. Para a maioria desses alunos, 75%, a oficina mostrou-se eficiente, porém, outros assinalaram que essa atividade deveria ser oferecida em momento mais oportuno, isto é, consideraram o

oferecimento em período posterior, sendo então nessa época seria mais bem aproveitado (TAKAHASHI et al., 2010).

Outra sugestão apontada por um dos alunos trata da necessidade de continuidade da atividade educativa, realizada no primeiro ano na disciplina Metodologia da Pesquisa.

olha eu acredito que a aula do primeiro ano é importante, ela deve continuar, ela situa um pouco, mas isso devia ser retomado continuamente na disciplina de metodologia, porque nós temos um espaço pra isso assim, mais direcionado né, não que a gente vai usar esse espaço de busca apenas pra fazer o TCC, mas a gente vai usar na vida como um todo, então eu acho que na metodologia era é um espaço bacana, porque tem esse espaço. (B6)

Eu acho que, eu queria colocar assim, que muitos alunos, inclusive da minha turma, que muitos colegas vão sair sem essa percepção ainda né, e que vai fazer falta de alguma forma porque isso vai influenciar naquele profissional que vai sair agora em dezembro pro mestrado. Então acredito que é importante ter esse treinamento ou essa apresentação ao longo de toda graduação não só um momento lá no primeiro ano porque no primeiro ano é muita informação, a gente acaba não absorvendo tudo e assim envolver mais as pessoas porque o grande mistério é envolver as pessoas, porque se as pessoas estiverem envolvidas e isso inclui alunos e docentes o trabalho vai ficar muito melhor, eu acho assim, vai fazer muito mais sentido prá gente (B6).

Essa sugestão vem ao encontro da necessidade de transformar a atividade de BB de uma simples passagem de uma ou duas aulas para um processo gradativo ao longo do curso.

A idéia é formar parcerias para desenvolver e aplicar projetos que proporcionem fluência informacional aos graduandos de enfermagem e foi indicada como alternativa para minimizar as dificuldades que se apresentam. Interessante salientar que o sujeito L10, além de sugerir formação de grupos de trabalho também demonstrou conhecer o curso de graduação Ciência da Informação e Comunicação oferecido no câmpus onde estuda.

Temática 3 – O bibliotecário como educador

Alguns alunos, nas falas coletadas, se referiram explicitamente ao contato com o bibliotecário, reconhecendo a sua importância no apoio ao processo de BB. Esse apoio, em alguns momentos, se traduz na participação do bibliotecário em uma prática de ensino específica sobre BB, organizada por algum professor que está responsável por uma disciplina que utiliza o ciclo pedagógico fundamentado na problematização, como já comentado.

Em outros momentos, a busca por ajuda parte do próprio aluno que, espontaneamente, procura o bibliotecário na própria Unidade, ou na biblioteca central. As falas a seguir mostram essa ideia.

Porque a gente chega na universidade a gente não conhece toda essa forma de fazer busca [...] *Em outros momentos, na prática mesmo, quando eu precisei, varias vezes eu precisei de ajuda ai na Biblioteca Central a bibliotecária ajudou.* (B6)

[...] *eu não me recordo muito bem qual era a profissão dela, mas é da Biblioteca Central, ela veio aqui.* (B4)

[...] *teve uma pesquisa que eu fiz até fui na Biblioteca Central e a bibliotecária tava me ajudando então tinha uma palavra que eu tava usando e não tava conseguindo achar quase nenhum artigo* [...]. (B7)

[...] *então assim... isso foi a bibliotecária que me ajudou, se ela não tivesse me ensinado eu não conseguiria fazê e ia dificultá bastante né porque depois eu ia ter que fazê manualmente isso né se eu não soubesse exatamente como colocar porque os outros sites, as outras bases a gente consegue entrar limitar a língua, limitar o ano, de tal ano a tal ano que você quer e tal e do SciELO não, então foi uma das dificuldades* [...]. (B7)

[...] *me lembro que no meu primeiro ano de faculdade a gente teve um treinamento, inclusive com você* (bibliotecário da Unidade) *na sala da pró-aluno.* (B1)

... então foi a partir desse momento que eu passei a fazer buscas; e como eu fiz também dois anos de monitoria na Biblioteca Central foi o que me ajudou muito mais. Eu lá eu tive, tive acesso as base de dados que eu nunca ouvi falar na minha vida e a funcionária de lá me ajudou muito, muito mesmo, e eu aproveitava [...]. (L1)

Porque assim, eu me lembro que no meu primeiro ano de faculdade a gente teve um treinamento, inclusive com você, na sala da pró-aluno, mas assim, eu achei muito difícil esse tipo de pesquisa na LILACS né, que a gente treinou [...] *Não nem curso nem palavra, nada do tipo. Fez treinamento com a sala toda, no primeiro ano, pra conhecer o LILACS, a biblioteca virtual, pra conhecer o acervo da Biblioteca Central, pra saber onde estão os livros, as teses, ou por assunto.* (B1)

Já fiz. Eu fiz um treinamento aqui na escola, no primeiro ano, não foi um treinamento, foi uma instrução, foi você mesmo que fez (bibliotecário da Unidade)*, um direcionamento,. Ai depois, quando eu tava no terceiro ano da graduação, eu fiz um treinamento, com a funcionaria lá embaixo, na biblioteca.* (L2)

[...] *prá falar a verdade mesmo, nomes (das bases) eu não me lembro, porque a maioria, principalmente da parte da educação, era internacional, não achei em português, então elas que me ajudavam* (refere-se a funcionária da Biblioteca Central). (L1)

[...] *mas só que na hora de fazer o TCC eu fui atrás, na Biblioteca Central, uma funcionária de lá, ela me ajudou bastante, uma funcionária daqui também me ajudou bastante* (refere-se à ajuda da bibliotecária da Unidade)*, aí depois foi só praticando mesmo, foi melhorando.* (L7)

A menção ao bibliotecário como mediador entre a informação e o usuário foi mencionada pelos alunos, mas como contato pontual o que em nosso entendimento pode demonstrar o desconhecimento que os alunos têm quanto à importância desse profissional no meio acadêmico e a pouca articulação entre a organização do ensino e o bibliotecário. Esse comportamento de segregação que envolve o bibliotecário o mantém, muitas vezes, como um desconhecido do público, salvo raras exceções, impedindo a contribuição e aproveitamento de seu potencial o que envolve na especificidade deste estudo, o apoio ao ensino de graduação.

Para se compreender melhor o atual perfil do profissional da informação – bibliotecário na sociedade do conhecimento – será traçado um histórico das bibliotecas no mundo e da evolução da Biblioteconomia/Ciência da Informação como profissão social.

A primeira biblioteca de que se tem conhecimento foi a de Alexandria, surgida no apogeu do período helenístico, século III a.C. Formada por uma sala de leitura, uma oficina de copistas e um arquivo para a documentação oficial, possuía, em média, 700.000 volumes antes de ser destruída por três incêndios. O acervo da Biblioteca de Pérgamo foi a ela incorporado como presente de Marco Antônio e Cleópatra. Esse ambiente erudito era frequentado por homens de letras (NUNES, 2005/2006).

Durante o Império Romano surgem as primeiras bibliotecas públicas (30 d.C.), utilizadas como instrumentos de dominação intelectual. Paralelamente se formam numerosas bibliotecas particulares, aliadas à expansão do comércio de livros (fenômeno de moda, símbolo de riqueza e prestígio), sendo condenadas por Sêneca que criticava os colecionadores de livros que admiram o exterior mas não leem o interior, sendo o livro considerado um artigo de decoração.

Com o declínio do Império Romano na Alta Idade Média, ocorre a período de instabilidade e guerras. É travada a expansão das bibliotecas; arruinadas, muitas delas migram para os conventos e castelos feudais, onde o culto dos livros e sua paciente reprodução prossegue como uma das virtudes monasteriais. As bibliotecas fecham-se ao exterior e destinam-se apenas à minoria que frequenta os conventos, mosteiros e palácios (NUNES, 2005/2006).

A Idade Média, século XIII, é marcada pelo surgimento das grandes universidades e, consequentemente, das bibliotecas de colégios e universidades. Os *scriptoria* e as bibliotecas monásticos deixam de ser os únicos centros da vida intelectual (NUNES, 2005/2006).

Na Idade Moderna, aparecem as primeiras bibliotecas senhoriais e reais (séculos. XIV a XVI); novamente elas representam símbolo de riqueza, poder e prestígio; até esse século os livros deixam de ser guardados nos *armaria* e passam a ser acorrentados para permitir a consulta local, evitando o roubo. As bibliotecas reais, inicialmente com caráter privado, ficam primeiro acessíveis aos sábios e só a partir do século XVII se tornam "públicas (NUNES, 2005/2006).

Surgem, no século XV, as primeiras bibliotecas da corte portuguesa, marcada, em 1796, pela criação da Real Biblioteca Pública da Corte, transformada em 1836 em Biblioteca Nacional.

Entre os séculos XIV e XV desenvolvem-se ideias sobre a necessidade de as bibliotecas serem locais de estudo e reflexão e terem, para além de livros, ambiente propício ao desenvolvimento de atividades intelectuais. À época deu-se o princípio do acesso público às bibliotecas, em 1602, na Universidade de Oxford. Em 1731, Benjamim Franklin funda a primeira biblioteca de empréstimo, destinada aos membros que pagavam quotas (EUA).

Nos séculos XVII a XVIII as bibliotecas dos senhores da nobreza abrem-se ao "público" (França e o prestígio do saber); começa a ser reconhecida a profissão de bibliotecário, equivalente a erudito.

Os séculos de XIX ao XX, foram marcados pela Revolução Industrial, invenção da imprensa, sendo que nos finais do século XIX e início do século XX, as bibliotecas evoluem e se desenvolvem.

A Biblioteconomia como profissão foi marcada pela criação da primeira escola de biblioteconomia (*library school*), estabelecida por Melvin Dewey, criador do sistema decimal Dewey, em 1887 (data incerta), na Columbia University, chamada Columbia School of Library Economy.

Aparentemente, a escola de biblioteconomia mais antiga da Europa é a da Universitat, de Barcelona, fundada em 1915, mesmo ano em que foi fundada a escola de Leipzig, e dois anos antes da criação da escola de biblioteconomia na Universidade de Londres (1917). Na China, a primeira escola de biblioteconomia foi fundada em 1920. Gana foi o primeiro país africano a iniciar algum tipo de educação bibliotecária, em 1944, mas a primeira escola formal foi criada em Ibadan, Nigéria, em 1959.

Em 1949, a Biblioteca Central da Universidad del Chile fundou a primeira escola de treinamento de bibliotecários. A School of Library and Information Science da Keio University foi criada em 1951 como a primeira escola de biblioteconomia em nível universitário do Japão.

Na França, somente após a criação da École Nationale Supérieure des Bibliothécaries, em 1963, é que a biblioteconomia se tornou um objeto de ensino distinto. A Escola Nacional de Bibliotecários foi fundada em 1957, na Argentina, no prédio da Biblioteca Nacional em Buenos Aires.

Passando para o século XXI, vê-se a aceleração da mudança social aliada à progressiva expansão e fragmentação do conhecimento que levam a uma fase de evolução, em que a preocupação com o "tipo" de biblioteca tende a desaparecer face à configuração dos serviços bibliotecários como uma totalidade. É necessário um sistema independente de origem institucional e um padrão de serviços que torne acessível todo o potencial dos serviços de

bibliotecas aos utilizadores potenciais. Dividem-se as bibliotecas em públicas, escolares, universitárias etc., sendo essas pautadas na flexibilidade, adaptabilidade, interdependência, cooperação e redes, tendo na estrutura de serviços os catálogos coletivos, bases de dados, bancos de dados e redes de informação facilitando assim o acesso à informação (WEINER, 2005).

A história das bibliotecas acadêmicas espelha o desenvolvimento do ensino superior, implicando em um processo de crescimento, assimilação e diversificação. O papel da biblioteca modificou-se tanto quanto as prioridades das instituições. Ao mesmo tempo, a biblioteconomia tornou-se profissão distinta com seu próprio conjunto de ideais, objetivos e compromissos dentro da comunidade acadêmica (WEINER, 2005).

No Brasil, a formação acadêmica em Biblioteconomia foi criada pelo Decreto n. 8.835, de 11/07/1911, iniciando em abril de 1915, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Inspirou-se no modelo francês (École de Chartres), dando ênfase ao aspecto humanista, porém, o reconhecimento legal da profissão se deu em 1962, com a aprovação da Lei 4.084 que dispõe sobre o exercício da profissão de bibliotecário (JOB; OLIVEIRA, 2006). Em 1929, o Mackenzie College, criou um Curso de Biblioteconomia, inspirado no modelo norte-americano, que enfatizava os aspectos técnicos da profissão, seguida pela criação, em 1936, pela Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo, do Curso de Biblioteconomia, incorporado em 1940, à Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Em 1942, surgiu a Escola de Biblioteconomia e Documentação da UFBA. Em 1945, foi criada a Faculdade de Biblioteconomia da PUCCAMP, por um grupo de bibliotecários paulistas; em 1947, surge a Escola de Biblioteconomia e Documentação da UFRS, e, em 1950, surgiu o Curso de Biblioteconomia e Documentação da UFPR, pelo esforço de alguns bibliotecários do Paraná e a Escola de Biblioteconomia da UFMG. Em 1954, foi realizado o 1º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, na cidade do Recife (JOB; OLIVEIRA, 2006).

Nas décadas de 30 a 50, no Brasil, influenciado pela cultura norte-americana, o perfil do bibliotecário é caracterizado como aquele que domina técnicas específicas para o tratamento físico e organização de documentos, atuando, geralmente, em museus e arquivos (ROCHA; ARAÚJO, 2007). A função meramente técnica do bibliotecário desenvolveu-se até a década de 80, quando, frente a novas propostas de trabalho e modernização do panorama cultural-educacional, foi implantada na Biblioteconomia a Reforma curricular, atribuindo a esse profissional o perfil de educador. Por serem indissociáveis, a formação e o perfil profissional, tem-se, então, que o perfil é formado pelos conhecimentos, qualidades e competência profissional, de cada um dos integrantes da profissão.

As inovações que ocorreram na década de 90 e o advento das TICs marcam profundamente o cenário educacional e novas exigências são impostas aos bibliotecários, a fim de corresponder com eficiência às demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo (BRASIL, 2001a). Essa mudança no perfil profissional transporta esse profissional para outros campos de atuação, passando a atuar em empresas multinacionais, em instituições de pesquisa, e também, desenvolvendo atividades como professor universitário em cursos de biblioteconomia e Ciência da Informação. Extrapola, dessa forma, os limites físicos da biblioteca, deixando de cumprir a função tradicional de administrador de acervos e preservação de patrimônio para assumir papéis gerenciais e administrativos, migrando, assim, de seu principal campo de atuação, a biblioteca, para outras áreas (ROCHA; ARAÚJO, 2007; CARVALHO, 2008).

Ainda no cenário das transformações no perfil de atuação, na década de 90, o papel de educador desempenhado pelo bibliotecário sofre mudanças radicais exigidas pelo avanço tecnológico. A partir das transformações que marcaram a sociedade da informação é premente que esse se atualize por meio de cursos de especialização e pós-graduação *stricto sensu.* Somente a formação básica nessa profissão não atende às necessidades sociais e do mercado de trabalho. Para isso esse profissional deve ter visão clara da sua competência profissional e quais seus reais objetivos, frente aos desafios que a sociedade da informação aponta àqueles profissionais até então considerados "tradicionais" (CAMPOS, 2008). O modelo clássico da biblioteca - unidade de informação – já não comporta mais o estilo de vida da sociedade contemporânea (sociedade do conhecimento ou sociedade da informação), na qual inexistem barreiras para a obtenção da informação.

A Biblioteconomia apresenta-se como a principal área de atuação do bibliotecário ou profissional da informação, assim chamado por se tratar de profissional diversificado, isto é, aquele que atua em áreas multidisciplinares, conforme a Classificação Brasileira de Ocupações (BRASIL, 2011), no entanto, esse profissional desponta para novos horizontes, para além das atividades de museólogo, arquivista, documentalista, ou qualquer outro cargo técnico, atuando em áreas que se distanciam da Biblioteconomia tradicional, tais como os ambientes tecnologicamente desenvolvidos, o que favorece a formação de um profissional híbrido, envolvendo tecnólogos, bibliotecários, analistas da informação etc. (CAMPOS, 2008). .

Algumas características, na opinião de Drabenstott (1997) apud Campos (2008), marcarão o perfil do profissional da informação do futuro, dentre elas destacam-se a "atuação

fora das bibliotecas, planejamento/idealização de publicações eletrônicas, desenvolvimento de bases de dados e produtos digitais, capacidade de agregar valor à informação por meio de instrução de usuários para lidar com as novas tecnologias, ensinando-os a navegar pelas redes eletrônicas, bem como desenvolvimento de guias digitais" (p. 30), promovendo, dessa forma, a conexão entre diferentes autores por meio da conversão de publicações lineares para hipermídia. Nesse leque de oportunidades, o que se vê é que o universo da pesquisa quebra limites, indo desde o livro até o ciberespaço. O foco do trabalho muda de conservador a estrategista, podendo o bibliotecário atuar em diferentes segmentos profissionais.

Desde a criação do curso de Biblioteconomia até o século XX, o bibliotecário desempenhava, principalmente, o papel de gestor de bibliotecas, onde se inserem desde os serviços técnicos até o serviço de referência. No entanto, no século XXI, frente à revolução científica e ao mundo globalizado, a área enfrenta desafios propostos pela Sociedade do Conhecimento, alterando o foco de atuação do bibliotecário, dos acervos das bibliotecas para a informação, sendo tratada essa como uma *commodity*, já que a informação é considerada fator estratégico na tomada de decisão em qualquer instituição (FONSECA; FONSECA; FONSECA, 2005). Esses desafios exigem mudanças de paradigmas pelos bibliotecários que devem passar a ser sujeitos de atitudes próativas e com visão de futuro, atualizados e comprometidos com a excelência de seus serviços não se esquecendo da ética profissional, o que, fatalmente, mudará seu perfil e papel como profissional da informação (FONSECA; FONSECA; FONSECA, 2005).

Não se pode também perder de vista que os usuários do sistema de informação também demandam novos conhecimentos e habilidades, o que se reflete no tipo de solicitação apresentada ao bibliotecário.

Apesar do contexto até então apontado, a Biblioteconomia ainda é vista, sob a ótica da sociedade, como profissão tida como aquele servidor que empresta e recebe o documento. Todavia, esse panorama aponta para mudanças, visto que diante da dinâmica imposta pelo mundo contemporâneo, o bibliotecário buscou atualizar-se e passou a atuar em campos multidisciplinares, podendo, assim, oferecer de forma rápida e eficiente a orientação e a direcionar o usuário para a solução de sua necessidade informacional.

As áreas de atuação se ampliam para educação, comércio de livros, auditoria e fiscalização do patrimônio da União; consultoria jurídica e produção de notícias para os agentes do setor elétrico brasileiro, sendo que a última do tipo "empresa .com", ou seja, realiza suas operações prioritariamente pela *internet* (LIMA, 2009).

Tendo em vista mudanças ocasionadas pelos impactos das novas tecnologias, é

importante destacar que não somente o profissional deve mudar sua atitude, os cursos de graduação também devem rever e mudar suas estruturas curriculares, e principalmente, estimular a autoformação do aluno, promovendo a formação de um indivíduo que possua iniciativa, saiba problematizar buscando possíveis soluções.

Possuir somente graduação não é mais garantia de emprego, havendo urgência em buscar educação continuada, por meio de cursos de especialização, mestrado e doutorado. A empregabilidade voltou-se da habilidade técnica para a competência profissional e habilidades em lidar com as novas TICs, bem como a capacidade de lidar com a informação eletrônica (acervo digital).

Outro grande desafio da área é o de desenvolver capacidade para incorporar recursos eletrônicos, como o *You Tube*, os *e-books*, o Orkut e tantas outras redes sociais, dentre as ferramentas de busca e recuperação da informação, não perdendo o essência da busca pela informação, buscando ainda ajudar os usuários a desenvolverem a competência informacional (*Information Literacy*), isto é, a capacidade de gerenciar a informação, sem perder-se na avalanche de informação, característica marcante da sociedade do conhecimento.

Apesar de muitos bibliotecários estarem envolvidos com projetos e tecnologia de ponta, outros ainda atuam nas tradicionais bibliotecas, onde também já se mostra necessária a educação continuada. Todavia esse profissional, enfrenta ainda, dificuldades para se colocar de maneira mais efetiva no mercado de trabalho, sendo necessário que as instituições percebam seu potencial como profissional habilitado para lidar com a informação, transformando e disseminando-a, devendo esse profissional ser inserido ao grupo multidisciplinar de trabalho das instituições/organizações (JOB; OLIVEIRA, 2006).

No contexto das bibliotecas universitárias, é fundamental que o bibliotecário elabore um mapeamento traçando o perfil de seus usuários, o que deve ocorrer paralelamente ao planejamento estratégico, sendo que essa ferramenta de gestão permitirá conhecer desde as questões inerentes à instituição até aquelas que mostram as competências e fragilidades de sua clientela. A partir de análise de informações, podem ser implantadas ações que favorecerão a promoção da competência informacional necessária, habilitando o usuário a identificar suas necessidades, selecionando e recuperando a informação relevante.

Em 1997, discussões conduzidas por gurus americanos previam mudanças nas estruturas das universidades de seu país, destacando-se entre elas os financiamentos recebidos para o desenvolvimento de pesquisas, os serviços oferecidos assim como os públicos a elas relacionados (CUNHA, 2000). Essas mudanças refletiriam nas bibliotecas dessas instituições, onde a dinâmica de serviços também sofreria grandes alterações. Considerando o imenso

desenvolvimento das mídias eletrônicas, o oferecimento de novas tecnologias de informação e a mudança no perfil de seus clientes com necessidades muito mais especializadas, suas exigências tinham que ser mais rapidamente atendidas (CUNHA, 2000). As mudanças previstas estavam diretamente relacionadas à proposta de globalização.

Para atender às necessidades de informação nas bibliotecas universitárias é essencial a participação do usuário, o qual deve apontar ao bibliotecário os comportamentos de busca adotados, a fim de que se estabeleça sua readequação. Essa afirmação pode ser corroborada por pesquisa realizada na Faculdade de Odontologia da USP, na qual as autoras estudaram a satisfação do usuário com o resultado das buscas realizadas, a precisão dos dados encontrados e se o resultado da busca satisfez sua necessidade de informação. Os resultados obtidos apontam que a recuperação dos documentos na FOUSP chegaram a 89%, nas buscas realizadas em CD-ROM, a qual permite a seleção e recuperação do material selecionado. Apontou ainda que a participação do bibliotecário, por meio de entrevistas com o usuário para a elaboração da estratégia de busca, é fundamental, a fim de que seja alcançado o sucesso desejado (RAMOS et al., 1999). Essa forma de acompanhar o processo de busca pelos usuários oferece um *feedback* ao bibliotecário, fornecendo subsídios para melhor conhecer os usuários da biblioteca, permitindo espaço de atuação maior para esse profissional (RAMOS et al., 1999).

Inúmeros artigos tratam do bibliotecário como intermediador, educador e profissional habilitado a oferecer orientações que habilitem os usuários a melhor explorar as TICs, contudo, os “treinamentos” comumente realizados não se mostram eficientes se não houver um acompanhamento efetivo do usuário, conhecimento de suas necessidades e orientações para cada uma das etapas da fase de exploração e uso das ferramentas de pesquisa (RODRIGUES, 2002; CORRÊA et al., 2002; PACHECO, 2006; ROCHA; ARAÚJO, 2007; CARVALHO, 2008; SANCHES; FERREIRA DO RIO, 2010; SOUSA, 2010).

Cozin e Turrini (2008), desenvolveram pesquisa quali-quantitativa entre os usuários de uma escola de enfermagem da capital de São Paulo. Pela aplicação de questionário, verificaram o grau de satisfação dos usuários com os produtos e serviços oferecidos pela biblioteca da instituição. Um dos itens coletados que se destacou foi a falha na divulgação dos cursos e treinamentos para capacitação ao acesso às bases de dados, sendo que 89,4% dos respondentes apontaram para o grande interesse que esses cursos despertam, o que vai ao encontro, diretamente, às necessidades de informação.

Behr, Moro e Estabel (2010) desenvolveram um estudo no qual avaliaram a satisfação do usuário em relação aos serviços oferecidos pela biblioteca, apontando ser esse

um instrumento de reflexão para os gestores dessas instituições implementaram possíveis mudanças de atitudes, pois o objetivo principal do trabalho é atender eficientemente e prover a informação necessária para a solução de problemas; no contexto escolar, a biblioteca deve proporcionar um ambiente de aprendizagem e construção do conhecimento, sendo nesse período que se forma o cidadão.

Sanches e Ferreira do Rio (2010), ao avaliarem a contribuição do bibliotecário atuante numa biblioteca universitária, afirmam que sua prática profissional aproxima o usuário do conhecimento produzido, atribuindo-lhe o papel de mediador, atividade inserida no serviço de referência.

Essa relação usuário bibliotecário, fortalece a construção de competência informacional envolvendo o desenvolvimento de um processo ensino aprendizagem que pode promover agregação de conhecimentos e valores tanto pelo usuário como pelo bibliotecário.

No contexto de saúde, encontram-se relatadas, na literatura, algumas reflexões sobre a prática bibliotecária médica/clínica, informacionista (BERAQUET; CIOL, 2009; AZEVEDO; BERAQUET, 2010). Os autores afirmam ser a biblioteconomia uma área extremamente multidisciplinar, possibilitando que um dos campo de atuação de seus profissionais seja a área clínica. Nessas pesquisas foram abordados diferentes aspectos da formação dos bibliotecários médicos brasileiros, identificando suas características e a competência informacional desejável desses profissionais, sugerindo, inclusive, maior envolvimento do bibliotecário que atua nessa área, desenvolvendo atividades mais próximas do corpo médico dos hospitais. Esse enfoque ainda é recente no Brasil, tendo em vista a literatura recuperada no estudo de Azevedo e Beraquet (2010), no entanto, esses autores relatam que, nas escolas de Bibliotecomia brasileiras, mudanças curriculares foram implantadas visando formar profissionais habilitados para atuar em várias áreas do conhecimento, dentre elas a da saúde.

No câmpus USP de Ribeirão Preto pode-se encontrar um exemplo dessa inovação no curso de Ciência da Informação e da Documentação, onde há o oferecimento da formação voltada para o tratamento da informação e da documentação na área da saúde, especialidade essa presente também nesse câmpus. Quanto à aquisição de especialização em enfermagem pelo bibliotecário no Brasil, não se encontrou escolas de biblioteconomia que ofereçam essa formação. Contudo, vale lembrar que os profissionais bibliotecários, por estarem engajados em atividades de saúde, onde se inserem também os profissionais da enfermagem, pela prática, agregam conhecimentos específicos, favorecendo parceria entre esses profissionais.

Nessa associação, um colabora com o conhecimento específico no manuseio dos

recursos eletrônicos, as TIs, e o outro oferece o conhecimento em saúde, complementando-se. Contudo, de nada servem esses investimentos se não se estabelecer maior entrosamento e se efetivarem parcerias bibliotecário professor.

Outro campo de atuação bastante promissor mostra-se justamente no apoio a alunos e professores junto ao processo formativo em cursos de graduação.

A partir da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), vêm se delineando, no Brasil, um processo de construção de Projetos Políticos Pedagógicos, que, dentre outros aspectos, valorizam a adoção de abordagens metodológicas inovadoras favorecedoras da construção de formação crítico-reflexiva, envolvendo a autonomia do aluno.

Tendo em vista o atual contexto da "explosão informacional" e a necessidade premente de domínio de conhecimentos e instrumentos mobilizadores de busca, seleção e análise de informações, pelos profissionais, seja em práticas de serviços ou de desenvolvimento de pesquisas, torna-se cada vez mais importante o trabalho do bibliotecário inserido no ensino de graduação.

A literatura (BUFREN; KREMER; CORDEBELLA, s.d.; CUENCA, 1999; CHAGAS; ARRUDA; BLATTMANN, 2000; MARQUETIS et al., 2002; MOSER; ACCETTA, 2003; CAREGNATO, 2003; CHALON; PASLEAU, 2003; DEE; STANLEY, 2005; GARCIA; SILVA; 2005; LIMA, 2005; LOPES, 2005; CARDOSO; LOMBARDI; CRESTANA, 2007; JOIA; COSTA, 2007; FUNARO; VICTORETTI; UEHARA, 2008; SCHWEITZER, 2008; PATRICK; MUNRO, 2009; TAKAHASHI et al., 2010, entre outros), aponta experiências nessa direção e a atuação profissional bibliotecária também vem se construindo nesse contexto, mostrando, entretanto, lacunas a serem trabalhadas, se a intenção for qualificar a aprendizagem da BB pelo estudante, considerando-a uma das ferramentas importantes do processo de construção do conhecimento.

Nesse sentido, a inserção do bibliotecário como apoio aos alunos de graduação, tem também relevância social na medida em que sua atuação pode ampliar as possibilidades de acesso à informação qualificada pelo estudante.

Esse acesso pode representar um passo importante para a formação crítico-reflexiva já que possibilita a apropriação de conhecimentos fundamentais para a compreensão e análise da realidade profissional, bem como a construção de argumentos coerentes que auxiliem o aluno a desenvolver-se como protagonista, como sujeito comprometido profissional e socialmente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Síntese e Sugestões

No contexto da aprendizagem da busca bibliográfica, alguns pontos merecem destaque, dentre eles, a dinâmica pela qual passa o mundo contemporâneo e a contínua transformação nos meios de comunicação e disseminação da informação, material estratégico e de alto valor na tomada de decisões.

Essas transformações causam impacto nos processos de formação na medida em que dispõem de infinidade de recursos informacionais. No entanto, seu manuseio requer conhecimentos, habilidades e atitudes que demandam a organização de práticas pedagógicas específicas.

Este estudo, assim, partiu de questionamentos voltados ao "como os estudantes estavam elaborando suas buscas bibliográficas nos cursos de graduação em Enfermagem", tendo em vista experiências cotidianas prévias, como educadoras e apoiadoras do processo de aprendizagem da BB na EERP-USP.

A realização de entrevistas semiestruturadas com os alunos dos cursos de Bacharelado e Bacharelado e Licenciatura que se formaram em 2010, permitiu a aproximação às suas vivências. Da análise dessas entrevistas, foram configuradas algumas temáticas: 1- necessidades e práticas de busca da informação: dificuldades experimentadas pelos estudantes de enfermagem, que se organizou em alguns subtemas: acesso às bases de dados bibliográficas, elegendo o google como principal recurso para a pesquisa, limitação no domínio da língua inglesa – idioma de comunicação universal das ciências e acesso e leitura de texto completo: um desafio a mais enfrentado pelo estudante universitário; Temática 2 – a organização do ensino de busca bibliográfica e o papel do professor e Temática 3 - o bibliotecário como educador.

Apreendeu-se que poucos alunos, ao elaborarem suas pesquisas bibliográficas, o fazem com percurso adequado e habilidades aprimoradas do ponto de vista acadêmico. A maioria referiu-se às dificuldades relativas ao acesso às BDB, ao uso de descritores, ao acesso a texto completo e limitado domínio da língua inglesa.

Nesse contexto e, apesar das sugestões dos professores para uso de fontes bibliográficas confiáveis, o Google destaca-se como ferramenta principal de busca utilizada pelos alunos entrevistados.

A "geração Google" ainda não desenvolveu habilidades que lhes proporcionem o uso eficaz de ferramentas de busca e recuperação da informação, o que exige aprendizagem específica para tal, envolvendo a participação de professores e bibliotecários como mediadores, bem como a organização de práticas pedagógicas para o ensino da BB mais condizentes às necessidades reais dos alunos.

Quanto aos professores, os alunos se referem mais especificamente àqueles responsáveis pelas disciplinas, de ambos os cursos, que se propõem a utilizar metodologia problematizadora, adotando a BB como um dos momentos do ciclo pedagógico proposto.

Alguns também se referiram ao professor da iniciação científica. De modo geral, os entrevistados apontaram a necessidade de maiores esclarecimentos/orientação e apoio por parte dos professores, principalmente das disciplinas acima mencionadas.

Quanto ao bibliotecário, os alunos se referiram a ele, entretanto, associando sua atuação a algum momento pontual de atividade educativa ou orientação buscada pelo estudante, por demanda individual.

Desse modo, a relação pedagógica estabelecida entre aluno professor e aluno bibliotecário aponta a necessidade de fortalecimento, no que se refere à aprendizagem da BB.

Nesse contexto, ainda, demarca-se como fundamental a necessidade de se estreitar a parceria professor bibliotecário, compreendendo-se que a aprendizagem da BB demanda conhecimentos e habilidades específicos de domínio do campo do saber do bibliotecário, mas que, também, precisam ser mais bem compartilhados com os professores que se encontram mais cotidianamente com os estudantes, acompanhando, de modo mais próximo, os resultados de suas buscas, seja nas disciplinas como no desenvolvimento de pesquisas.

A atuação do bibliotecário como educador é, assim, fundamental para o aprimoramento de aprendizagem da BB qualificada, atuação essa que já vem sendo exigida pelas demandas do mundo informacional contemporâneo, estando presente nas DCNs de formação desse profissional.

Trata-se, no entanto, ainda, de ressignificar e reconstruir a prática profissional do bibliotecário: daquele que organiza a biblioteca para aquele que também educa e participa mais ativamente dos processos de formação e de construção do conhecimento.

Os alunos ainda se referiram significativamente à existência de alguns espaços para a aprendizagem organizados como parte do currículo, todavia é unânime a consideração de que se trata de atividades pedagógicas muito pontuais e, portanto, ainda insuficientes.

Isso leva a se sugerir que, a partir de diálogo entre os envolvidos (professores, bibliotecário e alunos), seja melhor sistematizada a inserção de práticas educativas sobre BB nas disciplinas já existentes, ao longo do curso, constituindo-se proposta educativa prevista no projeto político-pedagógico dos cursos. Assim, evitam-se que as orientações centrem-se apenas no primeiro ano ou mesmo em disciplinas como metodologia de pesquisa, perdendo-se de vista o caráter processual da aprendizagem da BB.

Ainda, no que tange às atividades educativas voltadas ao desenvolvimento da

competência informacional pelos alunos, compreende-se que não se trata apenas de melhor alocar tal atividade no currículo, em momentos já previstos nas disciplinas, mas, também, é fundamental que tal aprendizagem seja compreendida para além da dimensão técnica/procedimental, incorporando também conhecimentos e atitudes que melhor fundamentem os procedimentos de BB, possibilitando a construção de práticas mais contextualizadas.

Na mesma direção, este estudo possibilitou questionar a coerência entre a proposta problematizadora do currículo dos cursos e a realização de aulas sobre BB predominantemente centradas nas abordagens tradicional e tecnicista. Trata-se, pois, de construir novos modos de abordagem que partam das dificuldades concretas dos alunos, em sintonia com suas necessidades reais, explorando suas potencialidades para criar formas de acesso e organização da busca qualificada, valorizando, inclusive, a troca pertinente de conhecimentos e experiências entre os alunos.

Sem dúvida, cabe aqui mais uma vez mencionar, na prática do bibliotecário, que, como educador, também precisa ter espaços alternativos promotores da construção significativa de conhecimentos do campo de saber pedagógico.

Redirecionar a participação do bibliotecário e fortalecer sua atuação junto à Universidade por meio da parceria com os professores mostra-se como processo inserido em mudanças de paradigma e enfrentamento das estruturas ainda fechadas que conformam as Universidades.

A visão desses profissionais no cotidiano do ensino de graduação em enfermagem, foco deste estudo, deve ser vista como inovação no quadro dos sujeitos ativos na formação do enfermeiro e do enfermeiro professor.

Um caminho a ser experimentado pode ser o desenvolvimento em parcerias entre os cursos de Enfermagem da EERP e o curso de Ciência da Informação e Comunicação do câmpus USP Ribeirão Preto, com o objetivo de abrir espaços para estagiários do segundo curso desenvolverem práticas educativas no primeiro, apoiando a reconstrução das atividades de aprendizagem da BB proposta.

Ao término deste estudo, ficam explícitas as interfaces entre o conhecimento específico da BB e as propostas curriculares dos cursos envolvidos, as perspectivas pedagógicas que fundamentam as atividades educativas, as práticas pedagógicas dos professores e possíveis bibliotecários envolvidos, aspectos esses inseridos no contexto atual da Universidade.

Reorganizar o ensino da BB nos cursos de graduação da EERP é necessário e desafiante, na medida em que envolve a construção de práticas interdisciplinares e integradas

à realidade.

Quanto aos bibliotecários, esses têm se esforçado para alcançar o reconhecimento de seus serviços, necessários dentro das organizações, seja gerenciando desde pequenas bibliotecas e salas de estudos à grandes centros de documentação e informação. Esse profissional, além de suas competências técnicas, pode também apoiar ampla gama de serviços, entre eles muitos relevantes. Todavia, os bibliotecários ainda não se organizaram e continuam, em função disso, a desenvolver suas atividades isoladamente.

No Brasil, após mudanças curriculares, a Biblioteconomia enfatiza uma formação de profissionais mais ativos, motivados e receptivos a mudanças, alterando, nessa perspectiva, seu campo de atuação. Apesar desse enfoque ainda se percebe a ausência de especialização e maior qualificação, comprometendo-se assim com as oportunidades de progressão na carreira.

Mesmo que muitos bibliotecários estejam inseridos nas Universidades, ainda é difícil afirmar que ocupem posição estratégica, desde a gestão administrativa até a participação na tomada de decisões acadêmicas. Diante disso, é urgente que esses profissionais reflitam sobre sua formação e educação profissional, e qual o papel que ocupa na Sociedade da Informação e Comunicação. Essa nova sociedade considera, sobretudo, alguns valores emergentes, destacando-se a intelectualidade, a criatividade e o *design*. Com vistas a essas novas exigências, e visão voltada para o futuro, é necessário traçar estratégias e alterar os paradigmas que regem a profissão, buscando fortalecimento de suas competências por meio de educação continuada. Essas mudanças devem também se dedicar ao desenvolvimento de novas habilidades promovendo, dessa forma, maior interação com as novas tecnologias de informação. Ainda nessa direção, se enfatiza sua função educativa e social, o que permite o reconhecimento de seu potencial como mobilizador do conhecimento e agente de transformação social.

A sociedade contemporânea oferece aos bibliotecários infinitas oportunidades de atuação, contudo esse profissional deve repensar sobre os desafios que lhe são atribuídos, alterando assim o foco de formação tecnicista para aquele que gerencia, inova e desenvolve a produtividade, acompanhando as inovações tecnológicas que se ora se apresentam. Esses desafios exigem significativas mudanças na estrutura da profissão. Diante disso é necessário que a Biblioteconomia repense os novos conceitos preconizados para a educação, os quais destacamos, o aprender a conhecer, aprender a viver juntos, aprender a fazer e aprender a ser.

Se esses profissionais perceberem sua importância, como agentes de transformação social, encontrarão maior aceitação nos diferentes segmentos da sociedade de maneira mais efetiva.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 4ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 305-6.

ALBRECHT, R. F.; OHIRA, M. L. B. Bases de dados: metodologia para seleção e coleta de documentos. **Revista ACB**: **Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 5, n. 5, p. 131, 2000.

ALMEIDA, M. C. P. de.; ROCHA, S. M. M. (Orgs.). **O trabalho de enfermagem**. São Paulo: Cortez, 1997. 296 p.

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Orgs.). Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Orgs.). **Processo de ensinagem na Universidade:** pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 5. ed. Joinville (SC): Ed. Univille, 2005. Cap. 1, p. 12-17.

ARAÚJO, L. D.; RIBEIRO, M. P. F.; CARVALHO JÚNIOR, P. M.; EVANGELISTA, R. **O desenvolvimento da Rede de Apoio à Educação Médica (RAEM) facilitada pelos bibliotecários que atuam na área de Educação em Ciências da Saúde**. s.d. Disponível em: www.icml9.org/.../Luciana%20Danielli%20de%20Araujo-164138.doc. Acesso em: 24 abril 2009.

AZEVEDO, A.; BERAQUET, V. S. M. Formação e competência informacional do bibliotecário médico brasileiro. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.7, n. 2, p. 199-218, jan.-jun. 2010. Disponível em: dialnet.unirioja.es. Acesso em: 21 julho 2011.

ATKINSON, L. D.; MURRAY, M. E. **Prática de enfermagem**: fundamentos e ética. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. Cap. 2, p. 11.

BEHR, A.; MORO, E. L. S.; ESTABEL, L. B. Uma proposta de atendimento às necessidades de informação dos usuários da biblioteca escolar por meio do benchmarking e do sensemaking. **Informação e Informação,** Londrina, v. 15 , n. 1, p. 37-54, jan.-jun. 2010.

BERAQUET, V. S. M.; CIOL, R. O bibliotecário clínico no Brasil: reflexões sobre uma proposta de atuação em hospitais universitários**. DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação,** Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, abr. 2009. Disponível em: http://www.dgz.org.br/abr09/Art_05.htm. Acesso em: 20 dez. 2010.

BERBEL, N. A. N. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 139-154, 1998.

BIREME. OPAS. OMS. Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde. BVS. **Tutorial de pesquisa bibliográfica**. São Paulo: BIREME, 2007a. Disponível em: http://usuario.bvsalud.org/apresentacoes/Tutorial_BVS_pt.pdf Acesso em: 18 ago. 2008.

BIREME. OPAS. OMS. Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde. Comunidade virtual dos editores científicos. **Scopus**: uma nova fonte para indicadores bibliométricos. São Paulo: BIREME, 2007b. Disponível em: http://cvirtual-ccs.bvsalud.org/tiki-read_article.php?articleId=171. Acesso em: 02 fev. 2011.

BIREME. OPAS. OMS. Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde. BVS**.** LILACS: uma história de inovações. **NewsLetter BVS.** São Paulo: BIREME, 2009. Disponível em: http://espacio.bvsalud.org/boletim.php?articleId=12182103200913&newsLang=. Acesso em: 19 nov. 2010.

BIREME. OPAS. OMS. Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde**. Biblioteca Virtual em Saúde**. **BVS. 2010**. São Paulo: BIREME, 2010a. Disponível em: http://DeCS.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/DeCSserver/?IsisScript=../cgi-bin/DeCSserver/DeCSserver.xis&interface_language=p&previous_page=homepage&previous_task=NULL&task=start. Acesso em: 24 ago. 2010.

BIREME. OPAS. OMS. Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde. **BVS. DECS – Terminologia em saúde. 2010**. São Paulo: BIREME, 2010b. Disponível em: http://DeCS.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/DeCSserver/?IsisScript=../cgi-bin/DeCSserver/DeCSserver.xis&interface_language=p&previous_page=homepage&previous_task=NULL&task=start. Acesso em: 08 jan. 2010.

BIREME. OPAS. OMS. Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde**.** Biblioteca Virtual em Saúde. **LILACS completa 25 anos.** São Paulo: BIREME, 2011a. Disponível em: http://lilacs.bvsalud.org/. Acesso em: 21 maio 2011.

BIREME. OPAS. OMS. Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde**.** Biblioteca Virtual em Saúde. **O Portal Cochrane**. 2011. São Paulo: BIREME, 2011b. Disponível em: http://cochrane.bvsalud.org/portal/php/level.php?lang=pt&component=19&item=1. Acesso em: 03 fev. 2011.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei N. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/l9394_96.htm. Acesso em: 21 julho 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Parecer CNE/CES nº 492, de 3 de abril de 2001**. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia, Comunicação Social, Filosofia, Geografia, História, Letras, Museologia e Serviço Social. Brasília: MEC, 2001. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12991. Acesso em: 18 julho 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 1133/2001. **Diário Oficial da União**, Brasília, 9 de novembro de 2001. Seção 1, p. 37.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília: MS, 1997. 20 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução n. 196 de 10 de outubro de 1996. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Cadernos Ética em Pesquisa**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 34-42, 1998.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações.** Brasília, 2011. Disponível em: http://www.mtecbo.gov.br. Acesso em: 08 julho 2011.

BRASIL. Senado Federal. Programa INTERLEGIS: Comunidade Virtual do Poder Legislativo. Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: visão e ação. Paris, 9 de outubro de 1998. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo/copy_of_20020319150524/20030620161930/20030623111830/. Acesso em: 21 junho 2011.

BUFREN, L. S.; KRAEMER, L. L. B.; COLDEBELLA, C. R. Fontes bibliográficas especializadas do sistema de bibliotecas da Universidade Federal do Paraná. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11, Florianópolis, 2000. **Anais...** Disponível em: http://snbu.bvs.br/snbu2000/parallel.html. Acesso em: 19 maio 2010.

CAMARGOS, A. F. Bibliometrias de revistas e autores [Editorial]. **FEMINA,** v. 38, n. 6, junho 2010. Disponível em: http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2010/v38n6/a1507.pdf. Acesso em: 17 set. 2010.

CAMENIETZKI, C. Z. O cometa, o pregador e o cientista Antonio Vieira e Valentin Stansel observam o céu da Bahia no século XVII. **Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência,** Rio de Janeiro, n. 14, p. 37-52, 1995.

CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação,** Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set.-dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/%0D/ci/v32n3/19021.pdf. Acesso em: 28 maio 2010.

CAMPOS, G. N.. **Características e perfil dos bibliotecários das bibliotecas das instituições de ensino superior privadas do Distrito Federal e as expectativas dos empregadores**. Brasília, 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CARDOSO, S. C.; LOMBARDI, V. V.; CRESTANA, M. F. **Capacitação e treinamento dos alunos de graduação em medicina na pesquisa bibliográfica.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS BRASIL - SIBDB, São Paulo: Sistema de Bibliotecas da Unicamp, 2007. Disponível em: http://cutter.unicamp.br/document/?code=23519. Acesso em: 30 março 2011.

CAREGNATO, S. L. **Busca e uso de informações por alunos de pós-graduação: implicações para o desenvolvimento de habilidades informacionais na área de comunicação.** In: 13º ENDOCOM, 03 de setembro de 2003, Belo Horizonte/MG-INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e 26º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 set. 2003. Disponível em: http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/5265. Acesso em: 30 maio 2011.

CARVALHO, E. C. C. A produção do conhecimento em enfermagem. Gestão do conhecimento em enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 119-122, janeiro 1998.

CARVALHO, F. C. de. **Educação e estudos de usuários em bibliotecas universitárias brasileiras**: abordagem centrada nas competências em informação. Brasília, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação e Documentação) - Universidade de Brasília; 2008. 145 f.

CARVALHO, V. **Sobre construtos epistemológicos nas Ciências**: uma contribuição para a enfermagem. Conferência 11º Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem; Belém - PA; Mayo 2001.

CASTRO FILHO, C. M. de. **O modelo europeu do Centro de Recursos para el Aprendizaje y la Investigación (CRAI) e as bibliotecas universitárias brasileiras**: convergências e divergências. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. 238 p.

CHAGAS, J.; ARRUDA, S.; BLATTMANN, U. **Interação do usuário na busca de informações.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2000. Disponível em: www.ced.ufsc.br/~ursula/papers/interacao.html. Acesso em: 22 fev. 2011.

CHALON, P.; PASLEAU, F. A Web-based interactive training for the self-acquisition of information retrieval skills targeting the PBL students. **Medizin Bibliotek Information**, Liege (BE), v. 3, n. 1, p. 23-27, Jan. 2003.

CLAPIS, M. J.; NOGUEIRA, M. S.; MELLO, D. F. de; CORRÊA, A. K.; MELO E SOUZA, M. C. B. de; MENDES, M. M. R. O ensino de graduação na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo ao longo dos seus 50 anos (1953-2003). **Revista Latino-Americana de Enfermagem,** Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 7-13, jan.-fev. 2004.

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA – SP. CREMESP. Aumenta a concentração de médicos no estado de São Paulo. 2010. Disponível em: http://www.cremesp.org.br/pdfs/medico_por_habitantes.pdf. Acesso em: 18 ago. 2010.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. CAPES. **Portal de periódicos**. Brasília, 2010. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_phome&mn=68 Acesso em: 11 fevereiro 2011.

CORRÊA, A. K.; MELLO e SOUZA, M. C.; SANTOS, R. A. dos; CLAPIS, M. J.; GRANVILE, N. C. Perfil de estudantes ingressantes em licenciatura - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo . **Revista da Escola de Enfermagem da USP,** São Paulo**,** 2011. (No prelo).

CORRÊA, E. C. D.; OLIVEIRA, K. C. de; BOURSCHEID, L. da R.; SILVA, L. N. da; OLIVEIRA, S. de. 2007; Bibliotecário escolar: um educador? **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: http://dici.ibict.br/archive/00000882/01/Rev%5B1%5D.AC-2005-77.pdf Acesso em: 21 julho 2011.

CORTELAZZO, I. B. C. **Ambientes de aprendizagem otimizados pela tecnologia educacional.** Trabalho apresentado na Mesa Redonda 1.46 Educação e Tecnologia no embate entre o local e o global. Paraná, s.d. Disponível em: http://www.boaaula.com.br/iolanda/artigos/labticendipe.doc Acesso em: 19 março 2010.

COZIN, S. K.; TURRINI, R. N. T. Avaliação dos produtos e serviços de uma biblioteca de enfermagem: satisfação do usuário. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 4, ago. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692008000400017&lng= pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jul. 2011. DOI: 10.1590/S0104-11692008000400017.

CRUZ, I. C. F. da. **Pesquisar se aprende pesquisando**: relato da experiência de um programa de metodologia da pesquisa de enfermagem. Rio de Janeiro, 2000. Tese (Professor Titular) -: Escola de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CUENCA, A. M. B. O usuário final da busca informatizada: avaliação da capacitação no acesso a bases de dados em biblioteca acadêmica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 293-301, set.-dez. 1999.

CUNHA, M. B. da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ciência da Informação,** Brasília, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan.-abr. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652000000100008&script=sci_arttext. Acesso em: 11 junho 2010. DOI http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652000000100007.

DAUSTER, T. Os universitários: modo de vida, práticas leitoras e memória. **TEIAS**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, jul.-dez. 2001. Disponível em: http://periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=view&path%5B%5D=84&path%5B%5D=0. Acesso em: 11 set. 2010.

DEE, C.; STANLEY, E. E. Information-seeking behavior of nursinf students and clinical nurses: implications for health sciences librarians. **Journal of the Medical and Library Association**, Bethesda, v. 93, n. 2, p. 213-221, April 2005.

DESLANDES, S. F.; ASSIS, S. G. de. Abordagens quantitativa e qualitativa em saúde: o diálogo das diferenças. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. (Orgs.). **Caminhos do pensamento**: epistemologia e método. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003.

DINIZ, C. N. **A fluência em tecnologia da informação entre estudantes de administração**. Rio de Janeiro. 2005. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. 130 p.

DINIZ, C.; OLINTO, G. **O uso da tecnologia da informação entre universitários**.. In: 7º ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 19 a 22 de novembro 2006. Marília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação – ANCIB; UNESP – PPGCI, DCI, 2006. Disponível em: http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/viewpaper.php?id=199.Acesso em: 06 junho 2011.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação,** Brasília, v. 32, n. 1, abr. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jul. 2011. DOI: 10.1590/S0100-19652003000100003

FELTRAN, A.; LOPES, A. O.; AZAMBUJA, J. Q. de; ARAÚJO, J. C. S.; VEIGA, I. P. A.; CASTANHO, M. E.; SOUZA, M. L. R. de; FELTRAN, R. C. de S. **Técnicas de ensino**: porque não? Campinas: Papirus, 1991. Disponível em: http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=M_TXzYFD2SQC&oi=fnd&pg=PA35&dq=lopes+pedagogia+tecnicista+decada+de+70&ots=i9nSwj6Vug&sig=JZeXExp8WqD5_Nz_LuLPdyGjrxY#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 21 julho 2011.

FERREIRA, S. M. S. P.; TARGINO, M. das G. **Preparação de revistas científicas**: teoria e prática. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005. p. 123-158.

FISHEL, C. C.; GRAHAM, K. E.; GREER, D. M.; GUPTA, A. D.; LOCKWOOD, D. K.; PRIME, E. E. CINAHL List of Subject Headings: a nursing *thesaurus* revised. **Bulletin of Medical Library Association**, Bethesda, v. 73, n. 2, p. 153-159, April 1985.

FOGG, B. J.; MARSHALL, J.; LARAKI, O.; OSIPOVICH, A.; VARMA, C.; FANG, N.; PAUL, J.; RANGNEKAR, A.; SHON, J.; SWANI, P.; TREINEN, M. What makes web *sites* credible? A report on a large quantitative study. **ACM SIGCHI**, New York, v**.** 3, n. 1, p. 61-67, 2001.

FONSECA, F. J. L. da; FONSECA, M. F. L. da; FONSECA, N. L. da. Ruptura de paradigmas bibliotecônomicos, autoformação e mercado de trabalho: estudo de caso. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 207-223, jan.-dez. 2005

FUNARO, V. M. B. de; VICTORETTI, A. L.; UEHARA, B. C. Busca de informação por alunos do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da FESPSP. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 32-42, jul. 2008. Disponível em: http://www.crb8.org.br/ojs. Acesso em: 21 julho 2011.

FUNDAÇÃO INSTITUTO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ. **Conheça a FIOCRUZ**: linha do tempo. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=template%5Ffiocruz&sid=317 Acesso em: 16 abril 2010.

GALVÃO, C. M. **A prática baseada em evidências:** uma contribuição para a melhoria da assistência de enfermagem perioperatória. Ribeirão Preto, 2002. 114 f. Tese (Livre Docência) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

GARCIA, R.; SILVA, H. de C. O comportamento do usuário final na recuperação temática da informação: um estudo com pós-graduandos da UNESP de Marília**. DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação,** Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, jun. 2005. Disponível em: http://www.dgz.org.br/jun05/Art_02.htm . Acesso em: 22 julho 2011.

GOMES, E. L. R.; ANSELMI, M. L.; MISHIMA, S. M.; VILLA, T. C. S.; PINTO, I. C.; ALMEIDA, M. C. P. de. Dimensão histórica da gênese e incorporação do saber administrativo da enfermagem. In: ALMEIDA, M. C. P. de.; ROCHA, S. M. M. (Orgs.). **O trabalho de enfermagem**. São Paulo: Cortez, 1997. Cap. 7, p. 229-250.

GROGAN, D. **A prática do serviço de referência**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2001.

HATSCHBACH, M. H. L.; OLINTO, G. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 20-34, jan.-junho 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Cidades@.** Rio de Janeiro: IBGE; 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/default.php. Acesso em: 05 jan. 2010.

JOB, I.; OLIVEIRA, D. A. Marcos históricos e legais do desenvolvimento da profissão de bibliotecário no Brasil**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 259-272, ago.-dez. 2006.

JOIA, L. A.; COSTA, M. de F. C. da. Fatores-chave de sucesso no treinamento corporativo a distância via web. **RAP,** Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, p. 607-637, jul.-ago. 2007.

LALUNA, M. C. M. C.; ROSA, R. S. L. Metodologia ativa de ensino-aprendizagem: uma contribuição à formação crítico-reflexiva. In: CONGRESSO NACIONAL DA REDE UNIDA, 6, 2005. **Anais...** Belo Horizonte, julho 2005.

LANA, F. C. F. BVS Enfermagem se fortalece em âmbito ibero-americano. **Newsletter BVS**, São Paulo: BIREME. OPAS. OMS, 19 novembro 2010. Disponível em: http://espacio. bvsalud.org/boletim.php?articleId=11081909201043. Acesso em: 14 fev. 2011.

LEAL, C. S. A.; CERQUEIRA, L. T. de; PINHEIRO, M. R. S. Um *thesaurus* em português para a enfermagem: elaboração de um vocabulário de descritores – 1ª. Parte. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 197-203, ago. 1987.

LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996. Cap. 1, p. 4-13.

LEITE, M. P. F. R.; LOPES, M. C. P.; GARCIA, S. V.; CHOMPRE, R. R.; GUIMARÃES, E. M. P. O controle bibliográfico e a disseminação da informação em enfermagem: a criação da BDENF - Base de Dados em Enfermagem e a formação da SURENF - Sub-Rede Brasileira de Informação em Enfermagem do Sistema Bireme/OPAS. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 48-55, julho-dez. 1997.

LIMA, H. M. da C. Experiências em busca de informações por residentes em medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, jan.-abril 2005. Disponível em: http://www.educacaomedica.org.br/UserFiles/File/2005/experiencias_buscas. pdf. Acesso em: 18 ago. 2010.

LIMA, V. M. A. **O futuro da biblioteconomia no Brasil**. 2009. Disponível em: http://www.slideshare.net/monitorfabci/o-futuro-da-biblioteconomia-no-brasil-texto-da-profa-vania-lima. Acesso em: 21 julho 2011.

Lo BIONDO-WOOD, G.; HABER, J. **Pesquisa em enfermagem**: métodos, avaliação crítica e utilização. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. 330 p.

LOPES, I. L. Estratégia de busca na recuperação da informação: revisão da literatura. **Ciência da Informação,** Brasília, v. 31, n. 2, p. 60-71, maio-ago. 2002.

LOPES, M. I. **A internet e a busca da informação em comunidades científicas**: um estudo focado nos pesquisadores da UFSC. Florianópolis, 2005. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 1994. 183 p. (Coleção Magistério 2º grau. Série Formação do Professor).

LUCKESI, C. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1990. Cap. 3, p. 53-76. (Coleção Magistério 2.Grau. Série Formação do Professor).

LUCHESI, L. **Análise da produção científica da Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), na área de urgência e emergência, no período de 1932-1999**. (Monografia). Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2004.

MARCONDES, C. H.; SAYÃO, L. F. Documentos digitais e novas formas decooperação entre sistemas de informação em C&T. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 42-54, set.-dez. 2002.

MARQUETIS, E. M.; LUCAS, C. R.; SANTOS, G. C.; VICENTE, G.; CECCOTTI, H. M.; PEREIRA, J .D. S.; SOUZA, J. F.; FOMER, L.; DALOIA, M. A. P.; SEVILHANO, M. R. S. M.; MEDEIROS, M. I. A.; RIBEIRO, R. C.; VICENTINI, R. A. B.; SPONCHIARO, R. A.; PASSOS, R.; SIRILO, S. R. J. R.; OLIVEIRA, V. F. F.; LIMA, V. L. **Avaliação do Programa de Capacitação de Usuários do Sistema de Bibliotecas da UNICAMP**. Campinas: Sistema Integrado de Bibliotecas, 2002.

MENDES, I. A. C. **Pesquisa em enfermagem:** impacto na prática. 1989. 186 f. Tese (Livre-Docência) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1989.

MERCADO-MARTINEZ, F. J.; BOSI, M. L. M. **Pesquisa qualitativa de serviços de saúde**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 9.ed São Paulo: HUCITEC, 2006. 406 p.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: HUCITEC, 2008. 470 p.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, S. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação,** Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set.-dez. 2006.

MOREAU, V. H. Busca bibliográfica na internet: uso da base de dados PubMed do Centro Nacional de Informação Biotecnológica, Instituto Nacional de Saúde (NCBI, NIH). **Diálogos & Ciência**: **Revista da Rede de Ensino FTC**, Vitória da Conquista, v. 5, n. 11, p. 1-14, set. 2007.

MOSER, E. M.; ACCETTA Acesso às bases de dados online: rotina de treinamento para usuários da biblioteca central da Furb. In: CONGRESSO DE BIBLIOTECONOMIA, 12., 2003, Recife. **Anais eletrônicos...** Disponível em: http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/abstract/62.a.htm. Acesso em: 30 maio 2011.

MUNOZ-MUNOZ, A. Mª. El acceso a artículos de publicaciones especializadas en enfermería: bases de datos para su identificación y localización. **Ciencia y Enfermería,** Concepción, v. 12, n. 2, dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0717-955320060002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jan. 2011. DOI: 10.4067/S0717-95532006000200002.

MUSSAK, E. **Conhecimento é mais do que informação**. 2010. Disponível em: http://www.sapiensapiens.com.br/site/conhecimento-e-mais-do-que-informacao. Acesso em: 11 fev. 2010.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisa em Administração,** São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

NIGHTINGALE, F. **Notas sobre enfermagem**: o que é e o que não é. Tradução Amália Correa de Carvalho. São Paulo; Ribeirão Preto: Cortez; ABEn-CEPEn, 1989.

NORONHA, D. P. Análise das citações das dissertações de mestrado e teses de doutorado em saúde pública (1990-1994): estudo exploratório. **Ciência da Informação,** Brasília, v. 27, n. 1, p. 66-75, jan-abril 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n1/09.pdf. Acesso em: 26 ago. 2010.

NUNES, M. M. B. **As Bibliotecas através do tempo**: sistemas e tradições de bibliotecas no mundo ocidental. Aveiro, 2005/2006. Disponível em: http://www2.egi.ua.pt/cursos/files/RI/1%20-%20Hist%C3%B3ria%20das%20bibliotecas%20v2.pdf. Acesso em: 07 julho 2011.

ORTEGA, C. D. **Informática documentária**: estado da arte. 2002. 259 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ORRÚ, S. E. O compromisso institucional da universidade com a formação de professores. s.d. **OEI - Revista Iberoamericana de Educación,** Espanha, . Disponível em: www.rieoei.org/deloslectores/872Orru.PDF Acesso em: 23 ago. 2010.

PACHECO, R. Atuação do bibliotecário educador: educação sexual na biblioteca escolar. **PerCursos,** v. 7, n. 2, 2006. Disponível em: http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/viewFile/1522/1284 Acesso em: 22 fev. 2011

PACKER, A. L.; TARDELLI, A. O.; CASTRO, R. C. F. A distribuição do conhecimento científico público em informação, comunicação e informática em saúde indexado nas bases de dados MEDLINE e LILACS. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 3, 2007. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232007000300009&script=sci_arttext Acesso em: 08 abril 2009. DOI: 10.1590/S1413-81232007000300009.

PAOLI, N. J. **Elementos de uma proposta de padrão de trabalho em nível de graduação**: ensino com pesquisa. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1993. p. 11-14.

PATRICK, L. J.; MUNRO, S. The literature review: demystifying the literature search. **Diabetes Educator**, Stanford, v. 30, n. 1, p. 30-38, Jan.-Feb. 2004. Disponível em: http://tde.sagepub.com. Acesso em: 30 maio 2011. DOI: 10.1177/014572170403000106

PEARCE-SMITH, N.; HUNTER, J. The introduction of librarian tutors into the teaching evidence-based medicine week in Oxford, UK. **Health Information Libraries Journal**, United Kingdon, v. 22, p. 146-149, 2005.

PELLIZZON, R. de F. Pesquisa na área da saúde. 1. Base de dados DeCS (Descritores em Ciências da Saúde). **Acta Cirúrgica Brasileira**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 153-163, 2004.

PEREIRA, A. L. F. As tendências pedagógicas e a prática educativa nas ciências da saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 5, p. 1527-1534, set.-out. 2003.

PINILLO LEÓN, A. L.; CAÑEDO ANDALIA, R. El Mesh: uma herramienta clave para la búsqueda de información El la base de datos MEDLINE. **ACIMED**, Ciudad de la Habana, v. 13, n. 2, p. 1-1, marzo-abril 2005. Disponível em: http://scielo.sld.cu/pdf/aci/v13n2/aci06_05.pdf Acesso em: 09 fev. 2011.

PINTO, J. M. de R. O acesso à educação superior no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 88, p. 727-756, out. 2004. Disponível em: http://www.cedes.unicamp.br. Acesso em: 13 julho 2011.

PINTO JÚNIOR, W. C. **Informação e tecnologia para a implantação do agroturismo em Echaporã-SP.** Marília, 2007. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2005.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**: métodos, avaliação e utilização. 5.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

RAMOS, M. E. M.; BERTHOLINO, M. L. F.; FERREIRA, M. N.; CARVALHO, T.; FUNARO, V. O comportamento do usuário na busca de informação automatizada em linha e em CD-ROM. In: RAMOS, M. E. M. (Org.). **Tecnologia e novas formas de gestão em bibliotecas universitárias.** Ponta Grossa: Ed. UEPG, 1999. p. 157-182.

RIBEIRÃO PRETO (Cidade). **Conheça Ribeirão**. Saúde. 2010. Disponível em: http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/crp/i71saude.htm . Acesso em: 16 ago. 2010.

ROCHA, M. M. R; ARAÚJO, E. A. de. Educação continuada de profissionais da informação: perfil da ação de bibliotecários de instituições de ensino superior privado nomunicípio de João Pessoa – PB. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 89-99, jul.-dez. 2007.

RODRIGUES, A. R. F. **Relações interpessoais enfermeiro-paciente**: análise teórica e prática com vistas à humanização da assistência em saúde mental. 1993. 187 f. Tese (Livre-Docência) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1993.

RODRIGUES, M. E. F. Relação Ensino-Pesquisa: em discussão a formação do Profissional da Informação. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro,** v. 3, n. 5, out. 2002. Disponível em: http://dici.ibict.br/archive/00000327/01/Rela%C3%A7%C3%A3o_ensino-pesquisa_em_discuss%C3%A3o_a_forma%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 02 fev. 2011.

RUÉ, J. Condiciones para el desarollo del aprendizage autônomo entre el alumnado. In: RUÉ, J. **El aprendizage em autonomia**: posibilidades y limites. São Paulo: USP, set. 2007. Cap. 3, p. 19-22.

SAMPAIO, I. S.; SANTOS, A. A. A. dos. Leitura e redação entre universitários: avaliação de um programa de intervenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 31-38, jan.-jun. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v7n1/v7n1a04.pdf. Acesso em: 07 maio 2010.

SANCHES, G. A. R.; RIO, S. F. do. Mediação da informação no fazer do bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 103-121, julho-dez. 2010. Disponível em: http://revistas.ffclrp.usp.br/incid/article/view/24. Acesso em: 21 junho 2011.

SCHWEITZER, F. O serviço de referência da biblioteca central da Ufsc e o programa de capacitação do usuário: desenvolvimento de uma ferramenta colaborativa com base na tecnologia wiki. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, Nova Série**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 6-19, jan.-junho 2008.

SEIXAS, C. A.; MENDES, I. A. C. ***e-Learning* e educação à distância**: guia prático para implantação e uso de sistemas abertos. São Paulo: Atlas, 2006. 151 p.

SEVERINO, A. J. **Ensino e pesquisa na docência universitária**: caminhos para a integração. São Paulo: FEUSP, 2008. Cadernos de Psicologia Universitária USP, n. 3.

SILVEIRA, M. A. A. da; BAZI, R. E. R. As referências nos estudos de citação: algumas questões para discussão. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 1-11, ago. 2009.

SMITH, C. A. An evolution of experts: MEDLINE in the library school. **Journal of Medical Library Association**, Bethesda, v. 93, n. 1, p. 54-60, Jan. 2005.

SUDAM, L. C. P. **Práticas educativas aos trabalhadores de saúde**: vivência de estudantes de enfermagem. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2005.

TAKAHASHI, J. A.; GARDIM, S. M.; PÜSCHEL, V. A. de A.; GONZALES RIESCO, M. L.; FILET, N. B.; FAUSTO, S.; TEIXEIRA, Q. J. de S. Oficinas sobre fontes de informação aos ingressantes do curso de enfermagem: competência informacional. **Anais...** Trabalho apresentado ao 16º Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, Rio de Janeiro, 17 a 22 de outubro de 2010. Disponível em: http://www.sibi.ufrj.br/snbu/pdfs/orais//final_180.pdf. Acesso em: 13 junho 2011.

TAMBUCCI, P. L. **Artigo científico**: do autor à publicação, o caso de revistas científicas publicadas pela Universidade de São Paulo. 1990. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Núcleo de Informática Biomédica. **História da enfermagem**: personalidade. 1977. Disponível em: http://www.hospvirt.org.br/enfermagem/port/personalidades.htm Acesso em: 25 jan. 2010.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.** 2001. Atualização 2010a. São Paulo: USP. Disponível em: http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=64&lang=pt-br. Acesso em: 10 fev 2011.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Comissão de Reestruturação Curricular. Reforma curricular de graduação em enfermagem – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 35-51, julho 1993. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-ok11691993000200004&lng=pt. Acesso em: 19 ago. 2010. DOI: 10.1590/S0104-11691993000200004.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. 2010a. Disponível em: http://www.2.eerp.usp.br/site/. Acesso em: 20 ago. 2010.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. **Capítulo Rho Upsilon EERP-USP.** Ribeirão Preto, 2010b. Disponível em: http://www.eerp.usp.br. Acesso em: 25 ago. 2010.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. SIBI. **Fontes de informação**: tutoriais. São Paulo, 2001-2008. Disponível em: http://www.sibi.usp.br/sibi/tutoriais/pps. Acesso em: 14 ago. 2008.

U.S. NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE. NLM. National Institutes of Health. **OldMEDLINE data.** Bethesda, 2008. Disponível em: http://www.nlm.nih.gov/databases/databases_oldMEDLINE.html. Acesso em: 20 ago. 2010.

VERGARA, M. de R. Ensaio sobre o termo "vulgarização científica" no Brasil do século XIX. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 137-145, julho-dez. 2008.

WEINER, S. G. The history of academic libraries in the United States: a review of the literature. **Library Philosophy and Practice,** Lincoln, v. 7, n. 2, Spring 2005. Disponível em: http://www.webpages.uidaho.edu/~mbolin/weiner.htm Acesso em: 8 julho 2011.

WETTERICH, N. C.; MELO, M. R. A. da C. Perfil sociodemográfico do aluno do curso de graduação em enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 3, jun. 2007 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692007000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jul. 2011. DOI: 10.1590/S0104-11692007000300007.

ZABALA, A. A função social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem: instrumentos de análise. In: ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. Cap. 2, p. 27-52.

ZAGO, N. Do acesso à permanência ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 11 n. 32, maio-ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf. Acesso em: 25 out. 2010.

APÊNDICES

Apêndice A – Ofício solicitação Presidente Comissão da Graduação EERP-USP.

Ribeirão Preto, 26 de agosto de 2010.

Ilma Sra.
Profª Drª Maria José Clapis
Presidente da Comissão de Graduação da EERP-USP

Prezada Senhora,

Pelo presente venho solicitar autorização para que eu, Maria Bernadete Malerbo, aluna de pós-graduação de mestrado do Programa Enfermagem Fundamental da EERP-USP, possa desenvolver pesquisa junto aos alunos do último ano de graduação dos cursos de bacharelado e licenciatura da EERP-USP.

Esse estudo, intitulado "*A aprendizagem da busca de conhecimento científico pelo estudante de graduação em enfermagem"* tem como objetivo conhecer e analisar como são realizadas as buscas bibliográficas quanto a elaboração das estratégias de busca, determinação dos descritores de assunto, uso de bases de dados bibliográficas, recuperação de documentos em texto completo e quais são as dificuldades e os avanços encontrados nesse processo por alunos de graduação em enfermagem, dos cursos de licenciatura e bacharelado da EERP-USP.

Caso haja necessidade, coloco-me à disposição para informações complementares,

Atenciosamente,

Maria Bernadete Malerbo
Nº USP 2436052

Apêndice B - Roteiro para utilização na entrevista

Identificação

Curso:

Idade:

Sexo:

1 - Já é trabalhador?

2 - Conte-me como tem realizado as buscas bibliográficas (cabe ao entrevistador explorar local, bases de dados utilizadas, se utiliza ou não descritores, o que sabe sobre eles, elaboração de estratégias de buscas, recuperação de documentos em texto completo, portais de acesso a bases de dados bibliográficas);

3 - Quais são as dificuldades que você tem para a realização de buscas bibliográficas. Fale sobre elas.

4 - Quais são as facilidades que você tem para a realização de buscas bibliográficas. Fale sobre elas.

5 - Você já fez algum curso/aula sobre acesso às bases de dados bibliográficas? Como foram suas experiências? (cabe ao entrevistador explorar onde, quando, repercussões).

6 - Nas disciplinas, nos processos de orientação e também em outras situações, nas quais você realiza buscas bibliográficas, como você tem percebido (vê) o papel do professor (mais diretamente relacionado)?

Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: A aprendizagem da busca de conhecimento científico pelo estudante de graduação em enfermagem

Pesquisadoras responsáveis: Maria Bernadete Malerbo – aluna de mestrado do Programa em Enfermagem Fundamental e Profa. Dra. Adriana Katia Corrêa - Orientadora

Tendo em vista a importância do processo de aprendizagem da realização de buscas bibliográficas qualificadas, nos cursos de bacharelado e licenciatura da EERP-USP, este estudo tem como objetivo conhecer e analisar como são realizadas as buscas bibliográficas quanto a elaboração das estratégias de busca, determinação dos descritores de assunto, uso de bases de dados bibliográficas, recuperação de documentos em texto completo e quais são as dificuldades e os avanços encontrados nesse processo por alunos de graduação em enfermagem, dos cursos de licenciatura e bacharelado da EERP-USP.

Convidamos você a participar de uma entrevista, individual, em data e horário previamente estabelecidos, com possível tempo de duração de 40 min. a 1h., conforme sua disponibilidade. Caso concorde, esta entrevista será gravada. Sua participação é voluntária, sendo garantido o sigilo das informações, bem como o anonimato. Você poderá retirar-se do estudo a qualquer momento, caso julgue necessário, sem quaisquer prejuízos. Se você participar, não estão previstos custos. Será informado sobre os resultados parciais da pesquisa, sempre que o desejar. Considerando que ao expor suas experiências, você poderá recordar-se de situações que despertem sentimentos difíceis de serem enfrentados, a pesquisadora compromete-se a ouvi-lo e a prestar esclarecimentos que se fizerem necessários. Outras dúvidas poderão ser esclarecidas diretamente com os pesquisadores responsáveis. Este estudo poderá trazer benefícios para o processo formativo desta escola. Caso concorde em participar, uma cópia deste termo de consentimento lhe será fornecida, devidamente assinada pela pesquisadora. Esclarecemos que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa da EERP-USP (Protocolo nº 1205/2010).

De acordo,

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 2010.

_____ _____

Nome/assinatura do(a) aluno(a)

Maria Bernadete Malerbo – pesquisadora responsável
Rua Arnaldo Vitaliano, 881 - bloco 2 – apto. 21B - Residencial Boa Vista - Iguatemi - CEP 14091-901 - Ribeirão Preto - SP. Email: malerbo@eerp.usp.br - telefone (16) 88212307

ANEXO

ANEXO 1 - Aprovação do Comitê de Ética EERP-USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

Avenida Bandeirantes, 3900 - Ribeirão Preto - São Paulo - Brasil - CEP 14040-902
Fone: 55 16 3602.3382 - 55 16 3602.3381 - Fax: 55 16 3602.0518
www.eerp.usp.br - eerp@edu.usp.br

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of.CEP-EERP/USP – 0228/2010

Ribeirão Preto, 05 de outubro de 2010.

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO AD REFERENDUM** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em 05 de outubro de 2010.

Protocolo: nº 1205/2010

Projeto: A APRENDIZAGEM DA BUSCA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO PELO ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM.

Pesquisadores: Adriana Kátia Corrêia
Maria Bernadete Malerbo

Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Profª. Drª. Lucila Castanheira Nascimento
Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilma. Sra.
Profª. Drª. Adriana Kátia Corrêia
Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP

A universidade é, certamente, uma das
invenções mais maravilhosas surgidas em qualquer cultura.
Ela cristaliza a percepção de que o conhecimento
pode ser utilizado para iluminar, disciplinar
e ampliar o poder, sendo, portanto, ela mesma,
uma forma superior de poder, capaz de
tomar consciência de sua responsabilidade social.

(Celso Furtado)